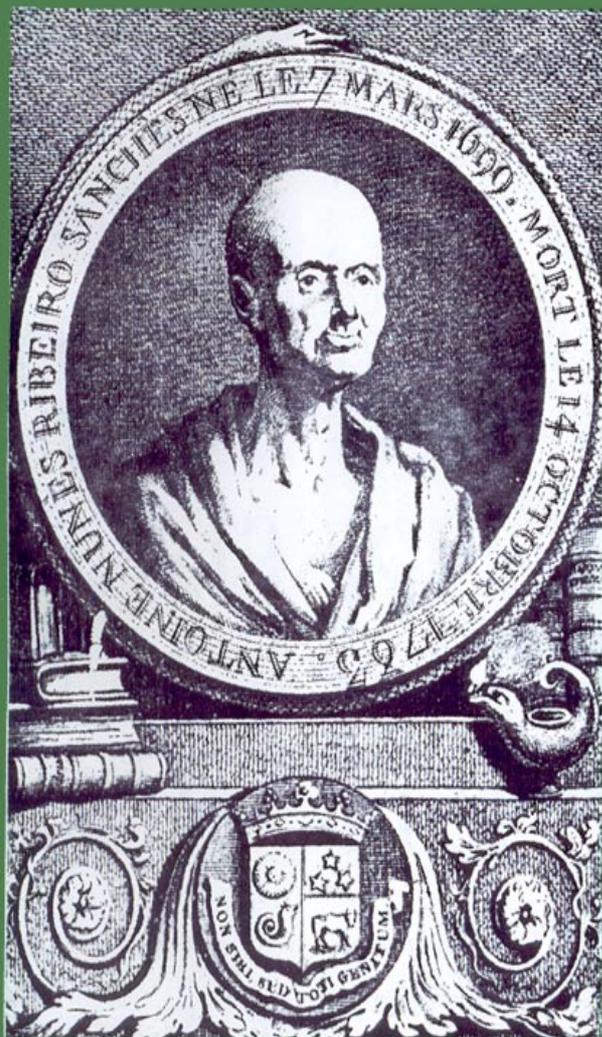


MEDICINA NA BEIRA INTERIOR DA PRÉ-HISTÓRIA AO SÉCULO XX



FRAGILIDADE DA VELHICE E DA
DOENÇA - ALGUNS EXEMPLOS DA
IDADE MÉDIA BEIRÃ

A CRÓNICA DOS CÔNEGOS REGRAN-
TES DE SANTO AGOSTINHO E A 1ª ES-
COLA DE MEDICINA PORTUGUESA

A MEDICINA E O MÉDICO PERANTE O
DOENTE MORIBUNDO E INCURAVEL,
NO SÉC. XVI - TESTEMUNHO DE AMA-
TO LUSITANO

ANTÓNIO DE ANDRADE (1581 - 1634) O
PROBLEMA DO CATAIO E AS PATOLO-
GIAS PELA LUZ E PELO FRIO EM
GRANDES ALTITUDES

APOLOGIA DA HIDROTERAPIA NA
CONSERVAÇÃO DA SAÚDE - NOTA IN-
TRODUTÓRIA À TRADUÇÃO DE UM
MANUSCRITO DE RIBEIRO SANCHES

MEMÓRIA SOBRE OS BANHOS DE VA-
POR DA RÚSSIA CONSIDERADOS
PARA A CONSERVAÇÃO DA SAÚDE E
PARA A CURA DE VARIAS DOENÇAS

CADERNOS DE CULTURA

Nº 4 - Outubro de 1991

PUBLICAÇÃO NÃO PERIÓDICA

MEDICINA·NA·BEIRA·INTERIOR DA·PRÉ-HISTÓRIA·AO·SÉCULO·XX



CADERNOS DE CULTURA

Director: António Lourenço Marques

Editor: António Salvado

Nº 4 - Outubro de 1991

Publicação não periódica

Correspondência para:
Urb. Quinta do Dr. beirão - Impasse 7, 23 - 1ª Esq.
6000 CASTELO BRANCO
Telef.: (072) 22471

SUMÁRIO

FRAGILIDADE DA VELHICE E DA DOENÇA - ALGUNS EXEMPLOS DA IDADE MÉDIA BEIRÃ IRIA GONÇALVES	4
A CRÓNICA DOS CÔNEGOS REGRANTES DE SANTO AGOSTINHO E A 1ª ESCOLA DE MEDICINA PORTUGUESA ROMERO B. GANDRA	8
A MEDICINA E O MÉDICO PERANTE O DOENTE MORIBUNDO E INCURÁVEL, NO SÉC. XVI -TESTEMUNHO DE AMATO LUSITANO ANTÓNIO LOURENÇO MARQUES	12
ANTÓNIO DE ANDRADE (1581 - 1634) - O PROBLEMA DO CATAIO E DAS PATOLOGIAS PELA LUZ E PELO FRIO EM GRANDES ALTITUDES ALFREDO RASTEIRO	16
APOLOGIA DA HIDROTERAPIA NA CONSERVAÇÃO DA SAÚDE - NOTA INTRODUTÓRIA À TRADUÇÃO DE UM MANUSCRITO DE RIBEIRO SANCHES FANNY ANDRÉE FONT XAVIER DA CUNHA	19
MEMÓRIA SOBRE OS BANHOS DE VAPOR DA RÚSSIA CONSIDERADOS PARA A CONSERVAÇÃO DA SAÚDE E PARA A CURA DE VÁRIAS DOENÇAS ANTÓNIO RIBEIRO SANCHES	23
O SENTIMENTO DA MORTE NOS FINAIS DO SÉCULO XIX, NAS NOTÍCIAS NECROLÓGICAS DA BEIRA INTERIOR MARIA ADELAIDE SALVADO	40
UM ENSALMO ARCAICO DA RAIA DE RIBA CÔA. O SALMO DA “GIPLÊ” E A ORAÇÃO DE “SANTA CILHÊ” J. PINHARANDA GOMES	47
ESTADOS DE ALMA - DOENÇA E MORTE JOSÉ MORGADO PEREIRA	51
EPITÁFIOS E CRISÂNTEMOS DA MEMÓRIA BRANQUINHO PEQUENO	55

Medicina e Interdisciplinaridade

Este 4º caderno de cultura “Medicina na Beira Interior da pré-história ao séc.XX”, que agora se publica, reúne mais um conjunto de comunicações apresentadas durante as nossas II Jornadas de Estudo, que tiveram lugar na Escola Superior de Educação de Castelo Branco, em Novembro de 1990.

Também esta selecção engloba trabalhos de investigadores situados em áreas diversas do saber e, temporalmente, abrange épocas que vão desde a Idade Média aos nossos dias. Julgamos continuar assim a cumprir os propósitos que têm norteado a realização dos referidos encontros.

A medicina representa bem a função aglutinadora de uma, só aparente, multiplicidade de pólos que atraem os estudiosos.

A sua capacidade abrangente relativamente a tantas manifestações do homem que traduzem preocupações concretas da existência durante os tempos, neste espaço determinado da Beira Interior, tem um fascínio singular. Mas é um dado adquirido que só a visão interdisciplinar permite a compreensão mais acertada de cada componente que se selecciona para objecto de estudo, pois há uma “conjuntura global” em que mergulha e da qual não pode realmente separar-se.

É esta orientação que tem sido observada, com resultados proveitosos, pelos participantes das Jornadas de Estudo “Medicina na Beira Interior - da pré-história ao séc.XX’ que tiveram, neste mês de Outubro, a sua terceira concretização.

FRAGILIDADES DA VELHICE E DA DOENÇA: ALGUNS EXEMPLOS DA IDADE MÉDIA BEIRÃ

Iria Gonçalves*

Portugal inscreve-se numa zona de clima temperado, isto é, como todos os demais portugueses, nós, os beirões da Beira Interior, nascemos sob aquilo que um leigo no assunto, a partir da palavra que o define, esperaria que fosse a benignidade de um clima temperado. É o que nos ensinam os manuais de geografia. Científicos, portanto. Que o mesmo é dizer, veiculadores de conceitos científicos. Mas, e esses conceitos passados à prática? A uma vivência diária e que o foi há quinhentos anos? Uma vivência que o foi de todos: novos, velhos, sãos, doentes. Velhos, doentes. É na junção deste binómio que se escondem as maiores fragilidades, as maiores dores, os maiores dramas. É aqui que o nosso clima temperado, mas onde acidentes orográficos e outros vêm desfazer uma amenidade que seria natural esperar nesta parte do mundo, pode tornar-se insuportável até ao extremo máximo.

É neste sentido que gostaria de deixar alguns apontamentos. Marcas que ficaram, plantadas por pessoas concretas que aqui viveram, anónimas e ignoradas durante toda a vida, mas a que os azares da documentação, preservando essas marcas durante séculos e fazendo-as chegar até nós, conferiam a mais ampla dimensão: a da exemplaridade. É precisamente por que são anónimos os protagonistas desta história, que eles podem servir para, por seu intermédio, conhecemos ambientes, situações, vivências generalizadas. Vejamos, pois.

Por volta de 1479, um certo Lopo Álvares morreu, “per frjo e desemparo”, na Covilhã. Na mesma altura, sua mulher, Beatriz Gonçalves, “jazja pera morrer”⁽¹⁾.

Todos nós, os que conhecemos e algum dia vivemos nesta região, sabemos como os seus Invernos podem ser inclementes. Os “nossos” Invernos, do século XX. Mas sabemos também como o clima do planeta tem vindo a sofrer um aquecimento gradual, desde, “grosso modo”, os meados do século passado⁽²⁾. Se recuarmos no tempo, se percorrermos os espaços medievais, constataremos que, a partir de meados do século XII, a realidade se apresentava bem diferente⁽³⁾. A um clima que até essa data e durante meio milénio, se conservara quente - o conhecido “optimum” medieval - sucedeu uma fase

de arrefecimento não linear, composta, fundamentalmente, por três vagas de frio, uma das quais, precisamente, embora a menos violenta, se prolongou de 1310 a 1480⁽⁴⁾. Temos portanto, como pano de fundo do nosso quadro, um Inverno possivelmente bem gélido, numa terra bem gélida.

Alguns anos antes, ali ao lado, os moradores da Guarda lembraram ao rei que a sua cidade era tão fria e de tão má servidão, que se não fosse pelo colégio da sé, como cabeça do bispado, e por ser, ela mesma, cabeça do almoxarifado régio e estarem ali, sempre, os respectivos oficiais, ela fora perdida e despovoada⁽⁵⁾. Também ali próximo, os do Sabugal, pela mesma altura, lembravam as cruzes dos seus frios inverniais.

Lopo Álvares e Beatriz Gonçalves no julgado de Lafões. Acusados de assassinio, foram presos pelo ouvidor do duque de Viseu, D. Diogo, que então detinha a jurisdição cível e crime das terras. Como era hábito, foram acorrentados a cadeia que seguia aquele oficial, nas suas deambulações pelas terras onde lhe competia promover a administração da justiça⁽⁷⁾. Assim chegaram à Covilhã. Aí, por circunstâncias imprevistas⁽⁸⁾, foram obrigados a pernianecer durante seis meses. Assim aconteceu passarem o Inverno naquela vila.

Como normalmente se verificava, quando essas cadeias ambulantes chegavam a qualquer lugar, mormente se se estava em época de mau tempo, ou se a permanência se antevia de alguma demora, era alugado ou requisitado um qualquer edifício, que passava a desempenhar, provisoriamente, as funções de prisão. Em regra escolhia-se uma loja, um barracão, ou uma outra estrutura do género, que de momento se encontra-se desocupada, ou que se desocupasse para o efeito. Um espaço amplo. Instalações normalmente muito más, preparadas, por vezes, para armazém de produtos ou abrigo de animais. Sabemos como a habitação medieval protegia pouco da humidade e sobretudo do frio⁽⁹⁾. Podemos imaginar o quão pior estas desempenhariam aquelas funções.

Ali iria permanecer um conjunto de pessoas, por vezes numeroso e ainda em aumento, por novos detidos que a justiça lhe ia acrescentando, todos acorrentados uns aos outros, a aguardar uma transferência para outra localidade onde a situação se repetiria e onde o grupo, uma vez mais, aumentaria de número. Nestas circunstâncias, sem qualquer

* Professora da Universidade Nova de Lisboa

conforto, sem liberdade de movimentos e por isso obrigados a permanecer, durante a maior parte do tempo, inertes, deficientemente alimentados, em quantidade e qualidade⁽¹⁰⁾, as suas condições de vida eram péssimas.

Não nos foi dito, no caso concreto, qual era a situação. Esta que descrevi era por demais vulgar para, na época, se considerar conveniente explicitá-la e para, agora, nós, pensarmos que, aqui, ela poderia não se verificar. O que nos foi dito, isso sim, é que na cadeia jaziam muitos presos. Os quais, aparentemente pelo menos, sobreviveram à tribulação daquele Inverno. Mas o casal em questão era muito velho.

Também aqui os conceitos medievais diferiam um pouco dos nossos. Na Idade Média, todos sabemos, a vida era, em regra, mais curta. A velhice começava mais cedo. Se fizermos fé nas teorias dos intelectuais do tempo, consideraremos que ela começava entre os quarenta e cinco e os sessenta anos, de acordo com as ideias do respectivo teorizador⁽¹¹⁾.

Todavia, na prática, as coisas passavam-se de maneira diferente. Sobretudo entre as gentes comuns, entre os camponeses e mesteiros que constituíam, por toda a parte, a grande massa da população. Para eles a velhice, a verdadeira velhice, chegava com a incapacidade de trabalhar⁽¹²⁾, de continuar a desenvolver aquela actividade que, as mais das vezes, o indivíduo desenvolvera desde a infância. Era a fraqueza física, tantas vezes acrescida pela doença, que definia o velho⁽¹³⁾.

E aquele casal era dito muito velho. Isto é, fraco, fisicamente degradado, incapaz de trabalhar, de angariar o seu sustento. O frio de Inverno, o desamparo, as condições infra-humanas, foram o caminho da morte. Que para um deles, o marido, chegou mesmo; para a outra, a mulher, talvez bastante mais nova, como era tão vulgar na Idade Média⁽¹⁴⁾, apenas se fez anunciar: ela "jazia pera morrer". Foi transferida daquela para a cadeia da vila, onde as condições seriam menos desumanas. Dali, até conseguiu fugir.

Na mesma linha do que acabo de dizer e apenas para reforçar o exemplo, gostaria de lembrar um outro caso, sem comentários porque a situação se assemelha muito, nos traços que para aqui importam, à anterior.

Vasco Esteves morava na Lardosa. Por volta de 1447, matara um homem, para vingar a morte de

um seu filho. Fugindo à justiça, fora inscrever-se, como homiziado, no couto do Sabugal⁽¹⁵⁾. Aí permaneceu, ao abrigo do respectivo estatuto, durante sete anos. Mas com o decorrer do tempo envelheceu, o cansaço e a doença chegaram. Como corolário de tudo isto, era o fim que se aproximava, duplamente gélido, mais uma vez.

Por isso se queixava, pedia mercê: era já muito velho, cansado e "adoorado", de modo que com a grande frialdade, era muitas vezes "em ponto de morte"⁽¹⁶⁾. De novo a crueza do Inverno Beirão - para mais a Beira da Terra Fria - a tornar-se insuportável, porque a velhice, o cansaço e a doença, tinham chegado.

Todavia, no outro extremo da escala térmica, também há inclemências a assinalar. Em 1480 ou 1481, um tal Fernando Álvares, de Valhelhas, morreu, possivelmente de insolação, no caminho entre esta vila e a Covilhã⁽¹⁷⁾.

Não obstante o que deixei dito sobre os rigores inverniais do clima medieval, sobre o seu acentuado arrefecimento em relação àquele de que actualmente disfrutamos, os Verões, na nossa terra, podiam ser bem tórridos. Também no presente sabemos como podem ser grandes as ampli-

tudes térmicas aqui verificadas.

Vejamos as circunstâncias.

De novo nos encontrámos em presença de um delinquente. Alguns homens de Valhelhas - três, segundo a informação documental - haviam praticado furtos e outros desacatos e violências, na aldeia do mato; termo da Covilhã. A mando do juiz, diversos moradores daquele lugar - ao menos vinte e um⁽¹⁸⁾ - deslocaram-se a Valhelhas, com as justiças, a fim de os prender e trazê-los, sob custódia, para a Covilhã. Dois deles, ou porque avisados ou porque mais lesto, conseguiram fugir. O terceiro, Fernando Álvares, foi preso e com aquela enorme escolta, iniciou o caminho que deveria conduzi-lo aos tribunais. Mas Fernando Álvares era muito velho. Por isso, co a "aragem" de sua prisão, adoeceu.

O caminho, a pé, pelos alcantilados da serra, subindo penhascos e descendo ravinas, devia ser bem difícil para um velho naquelas condições, ainda mesmo que acostumado ao trilho de tais veredas. Para mais, sob a força do calor estival. Para mais no momento, pouco apetrechado para o enfrentar. A vários níveis. Fisicamente, porque velho e doente; psicologicamente, porque preso e caminhando para uma detenção que não podia prever amena e para



Figura 1

uma possível sentença que a lei decretava para delitos semelhantes àquele de que era acusado⁽¹⁹⁾. Pouco apetrechado, ainda, em termos de vestuário.

Fernando Álvares era clérigo. Mas um clérigo, um cura de almas, para mais rural, neste século XV, não se distinguia dos seus paroquianos, nem quanto ao vestuário⁽²⁰⁾, nem, até, quanto ao teor da vida. Por isso ele devia vestir, com toda a verosimilhança, sobre umas calças justas, uma saia, talvez com mangas, a dispensar camisa, mas que deveria, no mínimo, chegar aos joelhos⁽²¹⁾. A moda que a vinha decretando mais curta, cada vez mais curta, não chegava aos campos e às suas gentes comuns e neste caso, ainda que tivesse chegado, a Igreja tentaria que os seus membros a não adoptassem⁽²²⁾. Todavia, este aspecto, da forma do vestuário, não é revelante, de momento. O que importa, isso sim, é o tecido.

Sabemos que na Idade Média não existia vestuário de estação⁽²³⁾. A mesma roupa era usada, indiferentemente, no Verão e no Inverno. Numa grande parte das vezes ela era, mesmo, única⁽²⁴⁾, com a possível excepção de algumas peças mais requintadas, que se usava apenas nas grandes ocasiões e que não raro passava de pai a filho, de mãe a filha⁽²⁵⁾.

Ora, se excluirmos algumas roupas interiores - nem sempre existentes - confeccionadas com o bragal fabricado em casa, as gentes do campo vestiam-se de buréis, nacionais ou estrangeiros, galezes, panos de Castela, de Irlanda, por vezes, numa roupa melhor, algum pano de Bristol. Isto é, vestiam-se de lã⁽²⁶⁾. Aliás outros tecidos seriam demasiado caros para as suas bolsas, ainda mesmo que as pragmáticas que sucessivamente foram sendo promulgadas, lhes permitissem usá-los. Restavam-lhes, pois, estes tecidos mais baratos. Todos de lã. Para o tempo frio, como para o tempo quente. Na verdade, o vestuário medieval era feito, fundamentalmente, para proteger o corpo das intempéries invernais, além de, naturalmente, o preservar, em público, dos olhares alheios⁽²⁷⁾.

Fernando Álvares devia, pois com toda a verosimilhança, encontrar-se vestido de lã. Neste pormenor, é certo, não existia desvantagem em relação aos seus companheiros de momento, pois todos deviam trajar pelo mesmo figurino, mas estes eram, por certo, mais novos e não carregavam o fardo da detenção que sobre ele pesava. Com tudo isto. "por ser muyto uelho e bem assy com a grande calma que fazia se uiera a finar antr elles todos que o assy presso traziam"⁽²⁸⁾.

De novo a velhice, a doença, as condições de violência a que o indivíduo se encontrava sujeito, a tornarem insuportável as cruzezas do clima beirão. Desta vez os tórridos calores estivais que a serra também sabe oferecer.

Em todos os casos, o perdão é o mesmo: o homem muito velho, portanto o que já entrou na decrepitude ou na senilidade, se quisermos retomar as teorizações sobre as idades da vida que a época nos legou, o indivíduo fraco e cansado, no dizer mais simples das gentes simples, já não pode suportar as condições adversas. Adoece. Fisicamente degradado pelos anos, tornara-se um ser frágil. Só lhe falta morrer. Morre.

Com efeito, para a Idade Média, a fragilidade do velho só pode ser comparada à da criança muito pequenina. Só pode ser superada pela dela. Como, Por exemplo, a daquele menino de três ou quatro meses que, por esta mesma altura, de acordo com o testemunho materno, morreu de medo de uma briga, em Benespera, lá para os lados da Guarda⁽²⁹⁾.

NOTAS

(1) - Arquivo Nacional da Torre do Tombo (a seguir designado por A.N.T.T.), *Chancelaria* (a seguir designado por *Chanc.*) de *D. João II*, liv.2, fl.71. Trata-se de uma carta de perdão, onde se circunstanciam as ocorrências que determinaram aqueles desfechos. É nela que me vou basear para o que digo a seguir. Dispensó-me, por isso, de voltar a citá-la.

(2) - Cf., por exemplo, Emmanuel Le Roy Ladurie, *Histoire du climat depuis l'an mil*, Paris, 1967, pp.66, 208 e outras ainda.

(3) - Id., "Le climat. L'histoire de la pluie et du beau temps", *Faire l'histoire*, dirig. por Jacques Le Goff e Pierre Nora, vol.III, *Nouveaux Objects*, (Paris), 1974, p.22.

(4) - *Ib.*, pp.22-23, 25.

(5) - Rita Costa Gomes, *A Guarda medieval. Posição, morfologia e sociedade (1200-1500)*, Lisboa, 1987, p.176.

(6) - A.N.T.T. *Chanc. de D. Afonso V*, liv.4, Fl.40.

(7) - Sobre as funções do ouvidor podem ver-se, por exemplo, Marcello Caetano, *História do direito português*, vol.I, *Fontes-Direito público (1140-1495)*, Lisboa-S. Paulo, 1981, p.309; António Manuel Hespanha, *História das instituições. Épocas medieval e moderna*, Coimbra, 1982, pp.300-301.

(8) - O ouvidor morrera por essa altura e a cadeia ficara, possivelmente, a aguardar a nomeação do substituto.

(9) - Robert Delort, *La vie au Moyen Age*, Paris, 1982, p.33.

(10) - É sabido como o regime alimentar dos indivíduos se deteriorava (se deteriora) à medida que também se deterioravam as suas condições

económicas e sociais. Para o conhecimento particularizado deste assunto, sobretudo em relação aos últimos séculos medievais, muito se tem adiantado, desde há uma décadas, a nível da Europa ocidental. De momento, limitar-me-ei a citar uma obra, que já se tornou clássica: Louis Stouff, *Ravitaillement et alimentation en Provence aux XIVe e XVe siècle*, Paris - La Haye, 1970, pp.229-250.

⁽¹¹⁾ - Este foi um assunto que suscitou muitas teorizações da intelectualidade medieval. Cf.; entre outros, o que a este respeito adiantam, A.H. de Oliveira Marques, *A sociedade medieval portuguesa. Aspectos da vida quotidiana*, Lisboa, 1964, pp.223-224; id., *Portugal na crise do século XIV e XV, vol.IV, de Nova História de Portugal*, dirig. por Joel Serrão e A.H. de Oliveira Marques, Lisboa 1987, pp.22-23; Charles de la Roncière, "La vie privée des nobles toscans au seuil de la Renaissance", *Histoire de la vie privée*, dirig. por Philippe Ariès e George Duby, t.2, *De l'Europe féodale à la Renaissance*, dirig. por George Duby, Paris, 1985, pp.230-231; George Minois, *Histoire de la vieillesse en Occident de l'Antiquité à la Renaissance*, (Paris), 1987, pp.224-228, 327. Entre nós, as idades da vida também suscitaram teorizadores, como D. Duarte, que considerava a velhice como iniciando-se aos cinquenta anos ("Leal Conselheiro", *Obras dos Príncipes de Avis*, int. de M. Lopes de Almeida, Porto, 1981, cap.I, p.242).

⁽¹²⁾ - George Minois, ob. cit., p.228; Maria José Pimenta Ferro tavares, *Pobreza e morte em Portugal da Idade Média*, Lisboa, 1989, p.126.

⁽¹³⁾ - Cf., por exemplo, um retrato da velhice que nos é dado pela poesia medieval, em Alice Planche, "Le corps em vieillesse. Regard sur la poésie du Moyen Age tardif", *Razo, Cahiers du Centre d'Etudes Médiévales de Nice, n° 4, Le corps souffrant: maladies et médications*, 1984, p.41.

⁽¹⁴⁾ - Henri Bresc, "L'Europe des villes et de campagnes (XIIIe -XVe siècle)", *Histoire de la famille*, dirig. por André Burguière, Christiane Klapisch - Zuber, Martine Segalen e Françoise Zonaben, vol.I, *Mondes lointains, mondes anciens*, Paris, 1986, pp.400-402, Michel Vovelle, *La mort et l'Occident de 1300 à nos jours* Paris, 1983, p.97.

⁽¹⁵⁾ - Sobre os coutos de homiziados e estatutos que os regiam, cf. Humberto Baquero Moreno, "Elementos para o estudo dos coutos de homiziados instituídos pela Coroa", *Portugaliae Historica*, vol.II,

1974, pp.13-63. O couto do Sabugal é tratado a pp.24-27.

⁽¹⁶⁾ - A.N.T.T., *Chanc. de D. Afonso V*, liv.4, fl.40.

⁽¹⁷⁾ - A documentação que vou utilizar consta de vinte e uma cartas de perdão, aliás todas iguais porque referente ao mesmo caso e algumas delas registadas apenas em ementa. Encontram-se no A.N.T.T., *Chanc. de D. João II*, liv.1, fl.64v°- 65, 108, 156v°, liv.4, fl.116-116v°-, 117; liv.19, fl.92v°:

⁽¹⁸⁾ - Como disse, temos vinte e uma carta de perdão passadas em favor de outras tantas pessoas, todas da Aldeia do Mato, com excepção apenas de uma, que morava no Teixoso (ib., liv.1, fl.108). Mas nada garante que as outras cartas se não tenham perdido, ou de alguns dos intervenientes na captura as não tivessem obtido, ou mesmo oedido. O grupo poderia, pois, ser maior.

⁽¹⁹⁾ - A lei era bastante dura nos casos de roubo e previa sentenças que podiam ir até à pena de morte (*Ordenações Afonsinas*), liv.V, Coimbra; 1972, tit.LXV, pp.262-262). É certo, como direi a seguir, Fernando Álvares era clérigo. Estava, portanto, abrangido pelo direito eclesiástico. Mas, neste caso concreto, ele cairia sob a alçada da lei geral. Com efeito, nela se dizia, por exemplo; que o clérigo "pode ser citado perante o juiz leigo por força, que faça em cousa alguma movel, ou raiz" (ib., liv.III, tit.XV, & 7, p.50), o que, naturalmente, incluía o caso de furto, aqui contemplado.

⁽²⁰⁾ - A.H. de Oliveira Marques, *A sociedade medieval portuguesa. Aspectos da vida quotidiana*, p.178.

⁽²¹⁾ - Ib., p.54.

⁽²²⁾ - Ib., p.178.

⁽²³⁾ - Robert Delort, ob. cit., p.35, entre outros.

⁽²⁴⁾ - Cf., por exemplo, o que diz Philippe Braunstein, "L'émergence de l'individu. Approches de l'intimité. XIVe - XVe siècle", *Histoire de la vie privée*, dirig. por Philippe Ariès e George Duby, t.2, *De L'Europe féodale à la Renaissance*, dirig. por George Duby, Paris, 1985, pp.562-563.

⁽²⁵⁾ - Robert Delort, ob. cit., p.138:

⁽²⁶⁾ - Sobre estes assuntos, cf. Ana Maria Pereira Ferreira, *A importação e o comércio têxtil em Portugal no século XV, (1385-1481)*, Lisboa, 1983, pp.108-122.

⁽²⁷⁾ - Robert Delort, ob. cit., p.36.

⁽²⁸⁾ - A.N.T.T., *Chanc de D. João II*, liv.I, fl.64v°-65.

⁽²⁹⁾ - Ib., liv,22, (L.124.

A CRÓNICA DOS CÓNEGOS REGRANTES DE SANTO AGOSTINHO E A PRIMEIRA ESCOLA DE MEDICINA PORTUGUESA

Romero Bandeira *

“Chronica da Ordem dos Cónegos Regrantes do Patriarcha J. Agostinho”, pelo P.Dom Nicolao de S.Maria, natural de Lisboa, Cónego Regrante e Cronista da Congregação de Santa Cruz de Coimbra, foi publicada em Lisboa e impressa na Officina de Joam da Costa no ano de MDCLXVIII, “com todas as licenças necessárias

Trata-se de uma obra rara, tendo desaparecido recentemente o único exemplar que havia na Biblioteca Pública Municipal do Porto, encontrando-se dois ou três exemplares na Biblioteca Nacional (Pinto, 1982).

A Crónica consta de duas partes, a primeira constituída por 6 livros e 98 capítulos e a segunda com 6 livros e 185 capítulos num in-fólio de 582 páginas numeradas (Santa Maria N 1668), com um total de 12 livros e 284 capítulos.

De acordo com Barbosa Machado (1966) o autor recebeu o hábito em 5 de Dezembro de 1615 e faleceu a 7 de Novembro de 1675. Francisco Leitão Ferreira nas “Me mórias Cronológicas da Universidade de Coimbra”, pág.538 § 1153, chama-lhe Douto Cronista.

Os Cónegos Regrantes de Santo Agostinho pertencem a uma Instituição da época das grandes reformas gregorianas, formada pelos membros dos cabidos das colegiadas e catedrais que, depois de aceitarem a Regra de Santo Agostinho, se uniram para levar uma vida de Comunidade. A ideia de se unirem os clérigos de uma mesma igreja numa vida em comum havia surgido já antes de Santo Agostinho, debaixo da influência do Monacato Oriental mas não chegou a realizar-se.

No ano de 1061, Alexandre II levou a reforma à mais antiga das Congregações de cónegos regulares, a de S. Salvador de Latrão. No século XVI houve em Itália uns 500 Institutos e no resto da Europa cerca de 400. Deles saíram 36 papas, uns 600 cardeais e muitos bispos. O hábito branco que usa o Santo Padre é uma recordação da sua

residência com os Agostinhos em Latrão. Em Portugal, a Congregação de Santa Cruz em Coimbra foi fundada em 1132 e reformada em 1537 pelo padre Jerónimo, Bispo de Braga (Ferrerres, 1950). Do ponto de vista sócio-cultural se dividirmos a Idade Média em quatro períodos, os séculos XI e XII são a charneira de todo o movimento teocêntrico que faz com que a sociedade viva em torno da Igreja, sendo-lhe cometidas praticamente todas as tarefas do foro assistencial. Desde os pobres aos peregrinos, a acção dos vários tipos de congregações foi extraordinariamente importante.

Nos séculos XI e XII, sobretudo o século XII é a época criadora da Idade Média, assiste-se à introdução de um regime novo, marcado pela formação do senhorio feudal, depois pelo renascimento do estado e pela emancipação popular.

A Idade Média procura instituir uma sociedade perfeita, a Cristandade, onde se conciliem a bela época, a unidade de espírito indispensável à sua existência, a diversidade e a independência vitais das nações, das comunidades e das pessoas que têm cada uma o seu lugar na colectividade. Ela possui um poder espiritual, o Papa, superior a todo e qualquer poder.

Esta sociedade possui também os seus meios de expansão: as cruzadas, as peregrinações, p.ex. a de Santiago de Compostela, fazendo convergir todas as Ordens, todas as classes, todos os povos, num mesmo pensamento e ideal ao serviço de Deus e da Cristandade (Chevalier, 1956). Durante a Alta Idade Média, na Gália Merovíngia, as peregrinações a S. Maninho de Tours condicionaram uma marcada deslocação de populações com a concomitante necessidade de protecção e assistência (Lelong, 1963). Nasce também na província de Narbone a congregação de Santa Maria de Rocamadour que virá a dar os seus frutos em Portugal, quando chegar ao país em 1189, difundindo-se a partir de 1193 por vários estabelecimentos assistenciais.

D. Afonso II no seu testamento de 1221 lembra-se de Santa Maria de Rocamadour; nas Inquirições de D. Afonso III analisamos que há um elevado número

* Delegado Nacional da Sociedade internacional de História da Medicina

de terras que pertencem a essa Congregação, tendo-se a ela também referido a Rainha Santa Isabel no seu último testamento, o de 1324 (Almeida, 1949).

O Hospital-Albergaria de Rocamador foi, na cidade do Porto, o precursor longínquo do Hospital de Santo António. É neste ambiente socio-cultural e político que a Medicina Portuguesa nasce e se começa a estruturar, na sua história podemos considerar o aparecimento da Escola de Santa Cruz de Coimbra como o início do Primeiro Período, que vai de 1130 até à instituição dos Estudos Gerais em 1290 (Lemos, 1881).

Porém, se quisermos ser exactos, deveremos considerar o início deste período em 1132, dado ser este o ano do estabelecimento da Congregação dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho em Portugal. Não entendemos que se trate de um rigorismo, visto pretender-se com esta data assinalar um período fundamental em toda a História da Medicina Portuguesa.

Em alguns mosteiros portugueses criaram-se escolas regulares de humanidades, possuindo belas livrarias com obras religiosas, filosóficas, etc. O Abade de Alcobaça, Frei Estevão Martins funda em 1269 no Mosteiro da Congregação de Santa Maria aulas públicas de gramática, lógica e teologia (Boaventura, 1827).

Neste *statu quo* surgem os charlatães, os feiticeiros, os fabricantes de medicamentos. Dadas as carências assistenciais aparecem os primeiros mecenas, reis e gente nobre, que economicamente apoiam as iniciativas, tendentes a minorar o sofrimento alheio; várias ordens religiosas tratam dos enfermos, na medida das suas possibilidades e critérios do tempo.

Se com D. Afonso Henriques se desenvolve o território, o povoamento do mesmo e a estabilização da sociedade obrigam D. Sancho I a uma política diferente, nomeadamente de âmbito cultural. A aprendizagem da medicina processa-se ou através



Figura 1



Figura 2

dos médicos laicos ou em conventos. É rudimentar. A purga, a sangria, o clister, a uroscopia, o herbalismo,, o termalismo; sempre os mesmos denominadores comuns de âmbito diagnóstico e terapêutico, face, por exemplo, às epidemias e às migrações. Dois médicos, um deles de craveira internacional, marcam este período: Pedro Hispano e Frei Gil Rodrigues, este também da escola de Santa Cruz.

O estudo deste período da Medicina Portuguesa torna-se muito difícil dada a escassez de documentos. Apesar desta Crónica não ser coeva da época a que aludimos, merece ser analisada nalguns dós seus passos. Assim, no livro VII, o capítulo XV intitula-se:

CAPITVLO XV.

*Houue sempre em o Mosteiro de S. Cruz
Mestres das boas Artes, & Scien-
cias, & foi o primeiro assen-
to da celebre Vniuersida-
de de Coimbra.*

Figura 3

Através dele tomamos conhecimento de que os primeiros cónegos ordenaram que houvesse sempre no dito Mosteiro, Mestres das boas Artes e Ciências.

O Mecenas deste empreendimento foi o Rei D. Sancho I, que pretendeu fazer de Coimbra não só a sede do poder político mas também a do desenvolvimento intelectual, no domínio das Artes e Ciências.

Procurou estimular os estudos no Mosteiro de Santa Cruz e paralelamente "mandou que os gastos que os Cónegos de S. Cruz fazião em Pariz; estudando as ciencias & graduando senellas pera as vir ensinar a Coimbra, fossem à conta de sua fazenda Real, como consta da doação que o mesmo Rey fez ao dito Mosteiro de S. Cruz de quatro centos morabitinos pera ajuda da sustentação dos Cónegos do mesmo Mosteiro que estudavão em França, que diz assi:

Em nome de Christo saibão todos os que esta Carta de doação ouvirem ler; que eu D. Sancho Rey de Portugal, & do Algarve de minha própria vontade dou, & concedo ao Mosteiro de S. Cruz quatrocentos

morabitanos de minha fazenda, para sustentação dos Cónegos do dito Mosteiro, que estudão em as partes de França. Foi feita esta Carta a 14 de Setembro do anno de 1199:" (II Parte, p.58).

Desenvolveram-se os estudos da Filosofia e da Medicina. D. Sancho I nomeou Prior o Padre D. Gonçalo Diaz, que entendeu mandar graduar em Medicina em Paris "um dos cónegos bolseiros "pela muita necessidade que havia desta Ciência no Reino:"

... Este Prior pois entre as cousas que ordenou pera utilidade, não só do seu Mosteiro, mas da Corte, & do Reyno, foi mandar, que hum dos seus Conegosque estudavão em Pariz, estudasse Medicina, & se graduasse nella pera a vir ler no Mosteiro de S. Cruz, pella muita necessidade que havia desta ciencia no Reyno; & porque por aquelles tempos não era o estudo da Medicina indigno de gente Ecclesiastica, & illustre, antes havia muitos Ecclesiasticos, & gente ilustre que com grande credito professavão a ciencia de Medicina, de que há muitos exemplos nas nossas Historias Portuguezas. Teve tambem o Prior D. Gonçalo Diaz particular intento em mandar, que alguns de seus Conegos estudassem Medicina, & foi ter: hum Hospital junto ao seu Mosteiro de S. Cruz, em que por amor de Deos se curavão os pobres, & peregrinos, como logo diremos.", (II Parte pp.58-9).

Torna-se nuclear para a compreensão do tema a figura seguinte, extraída directamente: do texto da Crónica.

7 Quando chegou a ordem do Prior D. Gonçalo Diaz a Pariz, foi em occasião que os nossos Conegos que estudavaõ naquella Vniuersidade, tinhaõ já dous annos de Theologia, mas hum delles chamado D. Mendo Diaz, sobrinho do mesmo Prior, por lhe dar gosto deixou a Theologia, & se deu ao estudo da Medicina com tal cuidado, & diligencia, que fahio nella confumado, & foi o primeiro que a leo publicamente, não só no Mosteiro de S. Cruz, mas neste Reyno;

Figura 4

e, continua: "& entre os discipulos que teve foi hum Gil Rodriguez, filho do Alcaide Mor de Coimbra D. Rodrigo, que depois tomou o habito de S. Domingos, & foi o segundo Provincial chamado o Santo Fr. Gil, que sempre foi muito affeçoado à nossa Ordem em que se criou, & grande amigo do Beato D. Gonçalo Mendez Prior do nosso Mosteiro de S. Vicente de Fora, que foi seu condiscipulo em S. Cruz." (II Parte, p.59).

A Escola de Santa Cruz atingiu grande nível e em 1287 o seu Prior sugeriu a D. Dinis a criação da Universidade; nesta ordem de ideias logrou obter ajudas dentro da Comunidade Eclesiástica e apoiar economicamente a fundação da nova Universidade, "offerecendo o dito Prior de Santa Cruz (& a seu exemplo os mais Prelados) pagar das redas do seu Mosteiro os salarios ao Reitor, & Lentos, & mais officiais da nova Universidade." (II Parte, p.59):

Esta Escola foi desde a primeira até ao fim da segunda dinastia, uma pedra angular da estrutura universitária portuguesa: "até o tempo dei Rey D. João III que a passou pera Coimbra outra vez, mandando edificar junto ao Mosteiro de S. Cruz dous polidos, & concertados Collegios hum à mão direita do dito Mosteiro, & outro à esquerda. O primeiro destes Collegios se chamava de S. Agostinho, & tinha cinco Aulas ou Gerais, ladrilhados, & forrados com suas cadeiras pera os Mestres, feitas por grande arte, & neste primeiro Collegio se lia Filosofia, Theologia, & Sagrados Canones. O segundo Collegio se chamava de S. João Bautista, & tinha outras tantas aulas, & Cadeiras, em que se lião Leys, Medicina, & Marthematica" (II Parte, p.60)

...e, mais adiante: "Tambem della consta como sempre se continuou o costume antigo do Mosteiro de S. Cruz, ter sempre na Universidade de Pariz Conegos a estudar até se graduarem de Mestres, pera que houvesse sempre quem lesse no dito Mosteiro Artes, Theologia, Medicina, & Canones que são as sciencias, que se permitem aos Religiosos." (II Parte, p.61)

Para ultimar esta breve análise da Crónica, vamos referir a assistência aue era exercida através do Hospital—"Fudados pois nesta doutrina os primeiros, & santos Cone gos do Mosteiro de S. Cruz, tratarão logo no principio da Fundação do mesmo Mosteiro de edificar junto a elle hum hospital; pera nelle se exercitarem em todo o genero de charidade com os pobres, & peregrinos, & lavandolhes os pés; dandolhes de comer, vestindo sua pobreza, & curando suas enfermidades." (II Parte, p. 62)

Como directamente junto dos doentes.

Quando chegava algum peregrino pobre de novo, o Cónego Provedor do Hospital devia providenciar para que lhe lavassem os pés, fizessem a cama e lhe dessem de comer.

Torna-se claro que não podemos obter através da análise da Crónica, qual a terapêutica exercida perante as situações clínicas que se deparavam, mas podemos aquilatar de que os meios, parcos na época, para tratamento dos doentes, eram postos em execução, pese embora o facto de existirem situações que são claramente expressas: a fome e a peste.

Ao longo dos 500 anos, desde a sua fundação, essa acção desenvolveu-se quase ininterruptamente,

estabelecendo-se uma incipiente acção social universitária, quando no tempo em que D. João III estabeleceu a universidade em Coimbra, se davam através do Mosteiro, rações a 24 estudantes pobres que estudavam e se graduavam na Universidade, situação que se mantinha em 1668, segundo o autor da Crónica.

Outra acção, deveras interessante, era o envio aos Hospitais de fios de linho, obtidos a partir de hábitos velhos, que se utilizavam para fazer os pensos nas feridas, sendo portanto os precursores da actual gaza.

A assistência durante a epidemia de 1202 é relatada nestes termos: "Porém aonde se mais esmerou, & melhor se deixou ver a grande charidade dos Conegos de S. Cruz pera com os pobres, foi no tempo das fomes, & pestes, que houve neste Reyno, acudindo a curar os inficionados da peste, não só com temporaes medicinas, mas com as espirituas dos Sacramentos da Confissão, & Sagrada Comunhão, morrendo muitos dos ditos Conegos nesta santa empreza. E consta das memorias do Cartorio do dito Mosteiro de S. Cruz, que naquella geral fome, & peste que houve neste Reyno pellos annos 1202 reynando El-Rey D. Sancho I morrerão trinta & tres Conegos do mesmo Mosteiro de S. Cruz, curando aos feridos da peste, & ministrandolhes os Sacramentos;" (II Parte p.64) ,

É ainda de realçar a acção exercida aquando da grande fome de 1356, no final do reinado de D. Afonso IV, em que morreu cerca de 213 da população do Reino. Como já dissemos esse apoio às vitimas. da peste e da fome foi sempre constante, referindo o cronista que durante os anos de 1597 e 1599, "por falta de todos os mantimentos de pão, vinho, azeite, legumes, & frutas, veyo a gente pobre das Aldeias a comer manjares, que nunca gente racional comeu, & acudindo muita desta gente à Cidade de Coimbra, vinha já tam debilitada que morria muita," (II Parte, p.65) essa acção se intensificou.

Instituída em 1132 e desenvolvendo a sua actividade áurea até ao reinado de D. João III foi, dada a importância da Congregação e os meios de que dispunha, indubitavelmente a primeira Escola da Medicina - Portuguesa, quer porque graduou oficialmente alguns dos seus membros no estrangeiro, os quais posteriormente aqui vieram exercer,

Como se sabe o isolamento em tempo de epidemias era uma das medidas terapêuticas mais usadas, e assim "porque nos taes tempos esta era a ordem que tinham os Conegos do Mosteiro de S. Cruz: fechavão as Portarias do dito Mosteiro, & recolhão dentro consigo Médico, & Barbeiro, & pellas grades das janeilas baixas fazião as mesmas esmolas aos pobres." (II Parte, p.65), quer ainda porque a sua acção decorreu segundo o espírito cultural e as possibilidades da época, realizando a tríade que ainda hoje nós procuramos constituir: estudo, ensino e assistência.

A Escola de Santa Cruz de Coimbra foi o embrião longínquo das modernas Escolas de Medicina e o exemplo típico duma Instituição confrontada com as realidades sociais em que não só avultava a doença, mas também as dificuldades em a minorar qualquer que fosse o quadrante em que ela era encarada, Hoje, quase novecentos anos depois, no momento em que se põe o problema da Educação Médica", com toda a acuidade, será bom ter presentes as palavras lapidares de D. Gonçalo Diaz relativas à Ciência que tem por fim prevenir e curar as doenças: "pela muita necessidade que havia desta Ciencia neste Reyno".

MACHADO D.B. (1966) *Bibliotheca Lusitana*, Vol III, Nov. Ed. Atlântida, Coimbra, pp.494-5.

PINTO J.C. (1982) Resende - *Monografia do seu Concelho*, Braga, p.18.

SANTA MARIA N. (1668) *Chronica da Ordem dos Conegos Regrantes do Pathriarca S. Agostinho*, Officina de Joam da Costa, Lisboa.



Figura 5

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA J.A.(1949) *Tempos Antigos e Tempos Medievais da Vila de Soza*; Liv. Fernando Machado, Porto, pp.29-31.

BOAVENTURA F. (1827) *Historia Chronologica e Critica da real abbadia de Alcobaça*, Lisboa, pp.55.

CHEVALIER J. (1956) *Histoire de la Pensée*, Vol II, Flammarion, Paris, pp.134-43.

FERRERES R.D.(1950) *Enciclopédia de la Religion Catolica*, Dolman y Jover Eci, Barcelona.

LELONG C. (1963) *La vie quotidienne en Gaule à l'Epoque Mérovingienne*; Hachete, Paris, pp. 55-61.

LEMONS M. (1881) *A Medicina em Portugal até aos fins do século XVIII*, Tese. Escola Medico-Cirúrgica, Porto.

A MEDICINA E O MEDICO PERANTE O DOENTE INCURAVEL E MORIBUNDO NO SÉCULO XVI - TESTEMUNHOS DE AMATO LUSITANO

António Lourenço Marques*

Amato Lusitano (1511-1568), o autor das *Sete Centúrias de Curas Mediciniais* (cuja publicação - vertida do latim para português por Firmino Crespo e pelo médico José Lopes Dias, investigador albacastrense evocado durante estas II Jornadas - tão fértil se tem revelado pelas investigações de muito significado para a história da medicina que vem proporcionando), também nascido nesta cidade da Beira interior, foi um dos mais representativos médicos europeus do Renascimento.

A sua envergadura de humanista e de médico que exerceu o mister balizado pelos conhecimentos mais evoluídos da época, inspirados em particular na “ciência hipocrática” redescoberta, ilustram bem a luminosidade desse período histórico que, embora sem romper abruptamente com a Idade Média, permitiu o desenvolvimento fulgurante do conhecimento, sob a égide e o estímulo “dum espírito novo, desembaraçado de preconceitos dogmáticos e movido pela curiosidade intelectual”.

João Rodrigues de Castelo Branco, “um dos vagabundos da Ciência, perpétuos estudantes que para aperfeiçoar os conhecimentos percorreram toda a Europa”⁽¹⁾, oferece nos na sua obra escrita um panorama de grande amplitude. Podemos descortinar nela, o estado dos conhecimentos médicos da época e a sensibilidade manifestada por diversas problemáticas; alguma persistindo até aos nossos dias, num percurso de incessante procura de soluções teimosamente provisórias.

A “arte de curar” configura da melhor forma o ofício que Amato exerceu. Fê-lo com arte e também com a sabedoria moldada pelo estudo dos autores clássicos e pela experiência do contacto com milhares de doentes e doenças. Uma atitude sempre firme, mesmo perante os casos que pareciam sem grandes hipóteses de cura, revela a genuína estruturação da mentalidade do médico, arquitectada dentro das características que se tornaram universais e perenes.

Na cura LXXIII da Sexta Centúria, o autor ao tratar dum caso de disenteria, após a verificação do prognóstico mortal, abandona o doente. Informa-nos porém que na sua decisão pesou o ensinamento de

Hipócrates. “Apresentado o diagnóstico de que em breve morreria, como todos observamos ter acontecido assim dois dias depois, pedida desculpa retiramo-nos apoiados no conselho de Hipócrates - que só com os prognósticos se devem deixar os lamentados”⁽²⁾.

Esta foi uma decisão “cruel” que Amato não deixou de deplorar. A medicina hipocrática, no entanto, era bem clara e firme neste ponto. Perante as enfermidades mortais e incuráveis os médicos tinham por obrigação abster-se de qualquer atitude terapêutica. Este preceito imbricava na suprema regra hipocrática - *primum non nocere*. Assim, se o tratamento já não produzia eficácia na restituição da saúde, a abstenção seria a melhor garantia do cumprimento daquele principio.

É claro que questionamos-nos legitimamente sobre o valor dos elementos em que se baseavam os médicos hipocráticos para concluírem os seus prognósticos que, quando fatais e em caso de erro, acarretavam consequências desastrosas. No entanto, se o desenvolvimento da prognosis hipocrática que parece dominar em grande medida a medicina hipocrática pode assumir em alguns casos uma finalidade táctica, ao servir os desígnios do médico preocupado em gerar confiança à sua volta, é bem provável que, como defende José Alsina e Lain Entralgo, a sua natureza profunda fosse mais de ordem técnica⁽³⁾, pois a decisão de se abster de tratamento não deixaria de ter invariavelmente graves reflexos quer sociais quer éticos mesmo religiosos.



Figura 1

* Assistente Hospitalar de Anestesiologia

Tomas Morus (1478-1535), que foi contemporâneo de Amato Lusitano e é um dos autores mais paradigmáticos do espírito renascentista, interessado em propor, de acordo com o antropocentrismo que passou a dominar a época, um modelo de felicidade perfeita e total pára o homem, defendeu na Utopia, quanto à assistência aos doentes moribundos e incuráveis, que aos que assim sofrem “consolamos visitando-os assiduamente, falando-lhes em suma, proporcionando-lhes todo o auxílio possível”⁽⁴⁾. Tomemos nota do conselho de Amato exposto no seguimento da Cura que vimos citando: “Todavia, para não parecermos insensíveis, se formos chamados de novo a ver os que assim estão, lamentavelmente perdidos, é nossa obrigação visitá-los para que eles próprios não caiam no desespero”⁽⁵⁾.

Que semelhança de cuidados! Terá Amato Lusitano lido a Utopia, livro publicado, pela primeira vez, em Lovaina, em 1516? Certamente que não precisava de o ter feito pois podemos estar perante o pensamento habitual dos homens evoluídos de então. A sensibilidade de Amato, se era fruto do seu génio, comungava também do espírito do tempo e ligava-se à riquíssima experiência adquirida no tratamento de milhares de doentes.

A formação médica de Amato Lusitano era vastíssima e, como vimos, Hipócrates exercia uma influência determinante. No entanto, a aplicação dos ensinamentos sofre um processo de significativo enriquecimento. Perante o doente incurável, se a atitude do médico é por vezes lineramente de abandono (“recusa Hipocrática de abandono”) (Cura XXV da *I Centúria*, Cura XC da *III Centúria*, etc), também o acompanhamento do doente até à morte (Cura XXXI da *I Centúria*) com a finalidade de minimizar o sofrimento psíquico do moribundo, que o abandono por certo agravava, é praticado.

Os casos de abandono dos doentes moribundos e incuráveis podem parecer-nos confrangedores. Porém, os horizontes profundos que orientam a prática médica da Amato não o deixavam perder de vista o objectivo mais nobre da medicina.

Na Cura XC da *III Centúria*, abandona uma criança

de Ancona atingida por doença infecciosa incurável. A mãe e os três irmãos do pequenito acabavam de morrer quando Amato foi chamado. Nada há a fazer. Mas o médico percebe que a doença foi devida “ao ambiente fétido que a velha exalava e infeccionava o ar”.

E como ainda viviam naquela casa fatídica alguns criados de boa saúde, aconselha de imediato medidas como “fazer lume de ramos e ervas odoríferas e de ramos de lenha de suaves exalações, mantendo-o permanentemente em vários pontos da casa, tais como de rosmaninho, alecrim (?), orégãos,

poejos, manjerona, loureiros, zimbro, ciprestes e semelhantes e a manterem abertas as frestas da casa, enfrentadas por outras casas, para não serem varridas pelo vento”.

Portanto, o “desprezo” pelo doente com um prognóstico fatídico não é real, pois o que preocupa o médico é a preservação da vida ou restituição da saúde e respeito por estes princípios é superior e sobrepõe-se, ao determinar as medidas que vão proteger todos aqueles que podem ainda vir a ser atingidos pela mesma causa da doença. Esta escolha pela vida, num contexto

de morte, traduz um espírito médico solidamente estruturado, consciente de que o seu empenho como profissional não se esgota perante a fatalidade da morte.

Há outros casos de doenças graves em que Amato Lusitano não intervém, mas ficamos com duvidas se seria realmente esse o seu desejo. Ao descrever-nos na Cura LXXXIV da *V Centúria*⁽⁶⁾ a morte Frei Paulo, da ordem dos Cruciferários, vítima de suicídio por envenenamento, por motivos de paixão amorosa, pressente-se que não se solidariza com números chamados para observar o moribundo e que não actuaram “por este ter trocado a vida pela morte” sendo esta “o castigo da sua paixão”. Amato teve conhecimento do caso com muito pormenor. Provavelmente porque lho contaram. Mas o modo como se refere à atitude do frade, que justifica por “ter perdido a coragem”, portanto uma legítima fraqueza humana perante um sentimento que não condena, leva-nos a pensar que se pudesse ter



Figura 2

O Médico e a Morte

(representação renascentista da "Dança da Morte" medieval)

interferido directamente, provavelmente não ficaria de braços cruzados como os seus colegas. A “paixão inflamada” do frade de vinte anos tem uma origem perfeitamente natural, quase inevitável, tal como Amato a descreve, fazendo parte da própria vida. Certamente que para o grande médico do Renascimento que assim se refere à tragédia do “bom do frade”, a morte está desajustada pelo que é legítimo pensar que se tivesse interferido directamente no caso, não se limitaria a assistir.

Podemos ainda assinalar uma outra nobre dimensão envolvida na actuação de Amato perante o doente moribundo e que diz respeito a tratamentos exclusivamente dirigidos ao alívio de sintomas extremamente puníveis. Trata-se do embrião de uma parte da medicina - os cuidados paliativos - que tem tido alguma dificuldade em impor-se entre os cuidados que o tratamento integral dos doentes exige.

Na Cura XCI da V Centúria⁽⁹⁾, refere-se à ingestão de cal viva por uma criança de oito anos. O doente ficou com “febre muito intensa” e uma “sede inextinguível”. Chamado Amato Lusitano, este fez o prognóstico “de que em breve morreria”. No entanto, aconselhou á que “lhe dessem a beber abundantemente leite ou qualquer caldo de carne bastante gordo”. Este é um belo exemplo da actuação do médico, que começa aqui aperceber que o moribundo exige também tratamentos que lhe aliviem ou anulem os sintomas causadores de sofrimento desnecessário. Mesmo perante o prognóstico de doença mortal e breve, Amato não negou os conselhos destinados a amenizar o sofrimento do moribundo.

É importante dizer que este médico albicastrense procedia, com constância, dentro de uma perspectiva ética irrepreensível. Casos complicadíssimos... E o nosso médico utiliza uma razoável panóplia de “recursos” que se sucedem quase como se fossem inesgotáveis, por vezes até à morte, que não é invulgar.

O sentimento pessoal da morte, já para além do pressentimento, foi uma característica de muito longa duração na história da morte e que se perdeu, nas sociedades ocidentais, a partir do último meio século⁽¹⁰⁾.

É curioso verificar como Amato Lusitano percebia que quando o moribundo detinha conhecimentos médicos, tal sabedora tinha também a função de servir como chave para o entendimento pessoal da própria morte, desdramatizando-a. Na Cura LXXXVI da II Centúria de Curas Mediciniais⁽¹¹⁾, ao relatar-nos a morte de Ludovico Bobio “vítima de uma falsa pleurite”, afirma que “enquanto a dor era fortíssima” (...) “quando percebeu que as forças começavam a faltar, decla-rou aos assistentes que morria, pois este homem, velho e sabedor, cultivava a medicina e até a exercera”. (...) “Morreu no dia citado” e eis a

maravilhosa notícia necrológica registada por Amato: “não sem grande pesar do piedoso embaixador do rei de Portugal junto do Papa Júlio III, pois o estimava com aquela costumada amizade que e apanágio dispensar a todos os homens cultos e sábios”. Não temos mais pormenores, mas a descrição desta Cura revela-nos bem uma nova maneira de encarar a morte, despida já das cores mais sombrias e macabras das épocas anteriores. Pressente-se, de algum modo, um ambiente de tranquilidade, como que amenizado pela categoria distinta do morto. A cultura e a sabedoria, como grandes referências do homem novo do Renascimento, contribuem aqui para esbater o drama da própria morte.

Muitos outros testemunhos de actuação de Amato Lusitano que exprimem o estado da medicina cio Renascimento perante a situação do doente moribundo e incurável podem perscrutar-se na análise das setecentas curas das *Centúrias Mediciniais*. E pois uma perspectiva fascinante.

Vislumbram-se frequentemente, nas suas decisões e comentários, ideias em embrião ou já estabelecidas e que perduraram. Um grande amor pelo homem, cuja vida e bem valorizada por ser única, interpenetra todos aqueles casos clínicos. O homem, mesmo a morrer, desperta no grande médico uma atenção muito intensa, não encarando a morte inevitável como tragédia absoluta. Embora certo da sua inexorabilidade, confia profundamente no papel seguro que compete à medicina, no restabelecimento da saúde, quando exercida por médicos sabedores e inimigos do charlatanismo. Um criado do embaixador do Rei de Portugal junto do Papa Júlio III “ao dizer que se está de boa disposição quando se é tratado por médico sabedor” proporcionou uma oportunidade singular que traduz de forma expressiva essa sereni-dade perdida perante a morte. Foi então que “ouviu o doutor Ludovico Bobio contestar em voz baixa, com prudência: e não se morria no tempo daquele grande Galeno?”⁽¹²⁾.

Amato Lusitano, que conheceu estes horizontes das planícies de Castelo Branco, com poucos recortes por ventura, dando-nos por vezes a sensação de que a riqueza, a exuberância, as árvores frondosas e os rios refrescantes moram definitivamente para além dos limites secos e agrestes, produziu uma obra que constitui um repositório de saber com grande vastidão. João Rodrigues de Castelo Branco ergueu-a fora destes lugares, é certo. Mas não devemos esquecer que foi aqui que ele bebeu o primeiro leite. Na sua estrutura, que lhe proporcionou tão notável porte no expoente da Medicina Renascentista, há seguramente materiais destas paragens. Talvez este o maior paradoxo do homem beirão e que parece ter perdurado. Mesmo grande foi quase sempre pequeno na sua terra.

NOTAS

⁽¹⁾- Dir. de René Taton, *Historia General de las Ciencias*, Barcelona, Editiones Orbis, 1988, vol IV, p. 183.

⁽²⁾- Amato Lusitano, *Centúrias de Curas Mediciniais*, Trad. de Firmino Crespo, Universidade Nova de Lisboa, vol. IV, p. 114.

⁽³⁾- José Alsina, *Los Orígenes Helénicos de la Medicina Occidental*, Barcelona, Guadarrama, 1982, p. 55.

⁽⁴⁾- Thomas More, *Utopia*, Lisboa, p. 106.

⁽⁵⁾- Amato Lusitano ob. cif. p. 114.

⁽⁶⁾- Ibid., vol. II, p. 319.

⁽⁷⁾- Ibid., p. 320.

⁽⁸⁾- Ibid., vol. III, p. 277.

⁽⁹⁾- Ibid., p. 286.

⁽¹⁰⁾- Philippe Aries, *Sobre a História da Morte no Ocidente desde a Idade Média*, Lisboa, Teorema, 1988, p. 180.

⁽¹¹⁾- Ob. cif., vol. II, p. 149.

⁽¹²⁾- Ibid.

ANTONIO DE ANDRADE (1581-1634), O PROBLEMA DO CATAIO E AS PATOLOGIAS PELA LUZ E PELO FRIO EM GRANDES ALTITUDES

Alfredo Rasteiro*

António de Andrade (1581-1634), natural de Oleiros, Castelo Branco, filho de Bartolomeu Gonçalves e de Margarida de Abreu, é um dos primeiros europeus que descreve correctamente a patologia provocada pelo frio e será provavelmente o primeiro que com conhecimento de causa descreverá aquilo que hoje designamos por fototraumatismo. Assim, não sendo médico tem o seu nome gravado a letras de ouro na História da Medicina e a História dos Homens recordá-lo-á necessariamente por isto e ainda pelo valioso contributo que deu aos estudos geográficos e etnográficos e ao relacionamento entre os Homens. Era um Homem decidido, determinado, que não vergava nem torcia, que caminhava a direito por sítios onde apenas caberia um pé de cada vez, em equilíbrio instável a grande altura ou deitado e rastejando na neve, indiferente ao frio, teimoso, a quem os sofrimentos não assustam, até que a morte, ou a peçonha... o vençam.

Sabe-se que António de Andrade deu entrada no Colégio da Companhia de Jesus, em Coimbra, no dia 15 de Dezembro de 1596, tendo prosseguido os estudos em Lisboa, de onde partiu para Goa em 22 de Abril de 1600 na nau S. Valentim, onde seguia o Vice-rei Aires de Saldanha. Bom, esta a informação que parece correcta e que em 1987 foi transmitida para o grande público em "Navegadores, Viajantes e Aventurados Portugueses, séculos XV e XVI", vol.2; - António de Andrade. A penetração pela fé", pp.192-201, da Editorial Caminho e da responsabilidade de Luís Albuquerque ou mais recentemente na página 70 do livro "Viagens na Ásia Central em demanda do Cataio. Bento de Goes e António de Andrade", introdução e notas de Neves Águas, de Publicações Europa-América, 1988- Porém, a "Relação das Naos e Armadas da Índia com os sucessos dellas que se puderam saber, para a noticia e instrução dos curiosos, e amantes da História da Índia (British Library, Codice Add.20902)", Leitura e Anotações de Maria Hermínia Maldonado, Biblioteca Geral da

Universidade, Coimbra; 1985, diz-nos na página 103 que no "Anno de 1600" "Aires de Saldanha vizo-rei e capitão-mor de quatro naos partio a 4 de Abril. Capitães: Fernão Roiz de Sá que morreo antes de chegar a Goa,...". O vizo-rei seguiu na nao S. Valentim. Fernão Roiz de Sa ia de capitão-mor na nao S. Francisco...,... e ainda outra informação importante é a de que "Nestas naos forão breves para Francisco Ros, religioso da Companhia, ser bispo Angamale que he nas serras de Cochim onde habitãm os christãos a que chamão de Sancthomé".

Aí fica essa diferença de 18 dias da vida de António de Andrade para entretenimento de historiadores profissionais e entretanto o nosso Herói continuará os seus estudos no Colégio de S. Paulo, em Goa e mais tarde seguirá para Agra, no reino de Akbar (reinado de 1556 a 1605), depois governado por Jahangir. Em Agra aprenderá a língua persa usada na Caxemira e colherá informações sobre as misteriosas terras do Cataio e Reinos de Tibet, que relações teriam com a China e sobre a possibilidade de atingir Samarkanda e a antiquíssima rota da seda. Os nossos Historiadores não falam nisso mas é esse o trajecto seguido por Bento de Góis (1562-1607) e será nessa direcção que irá situar-se: a Chaparague ou Tsaparang, na parte mais ocidental do Himalaya, onde Andrade fundará uma missão em 1626.

Curiosamente, na sua primeira viagem ao Tibet, para os lados da Caxemira, Andrade não levou nada que induzisse os naturais a confundir-lo com um mercador, o que terá sido causa de preocupações e faltas à verdade, nomeadamente que iria procurar um irmão e que os trajos negros seriam para o caso de já ter falecido:.. E depois, a verdade e mentira tinham as suas regras, ficamos sem saber se António de Andrade ia acompanhado por dois meninos ou por três e até talvez nem fosse culpa sua porque o relato de que se dispõe foi impresso a partir de uma cópia, de que apenas se conhecem dois exemplares: um na Biblioteca Nacional e outro na Torre do Tombo, da iniciativa de Matheus Pinheiro, Lisboa, 1626, segundo a informação de Neves Águas.

E a verdade, o relato exacto dos factos é uma coisa, a descrição sem base real, outra. No relato que particularmente nos interessa, contido na Carta que

* *Professor da Faculdade de Medicina de Coimbra*

Antônio de Andrade escreveu em Agra e datou de 8 de Novembro de 1624, impressa com o título de “Novo Descobrimto do Gram Catayo, ou Reino de Tibet”, há coisas que então já eram sabidas em relação com a patologia pelo frio, há fantasias e há coisas novas que merecem destaque.

Certamente já seria sabido que a permanência na neve levaria a que Andrade afirmasse: “Nos pés, mãos e rosto, não tínhamos sentimento, porque com o demasiado rigor do frio, ficávamos totalmente sem sentido”, mas já se colocarão dúvidas para a afirmação: “... aconteceu-me, pegando em não sei o quê, cair-me um bom pedaço do dedo sem eu dar fé disso nem sentir ferida”, e até aqui tudo bem, mas... “... se não fora o muito sangue que dela corria”. Na verdade, de um simples golpe num dedo gelado, não será de esperar muito sangue e muito menos muito sangue que corria... Segue-se a afirmação: “Os pés foram apodrecendo de maneira que, de mui inchados, no-los queimavam depois com brazas vivas e ferros abrazados, e com mui pouco Sentimento nosso” e aqui surgem dois tipos de interrogações: tratar-se-ia de patologia pelo frio e gangrena das extremidades ou apenas uma manifestação de aquilo que virá a chamar-se escorbuto e, nos nossos dias Avitaminose C?. E a outra interrogação a fazer é se depois de tais tratos aqueles pés ainda teriam condições para o regresso e para uma segunda viagem e os desejos de terceira. Não oferece porém dúvidas que, havendo anestesia pelo frio ou os grandes inchaços do escorbuto, haveria insensibilidade. E havia mais: “... a isto se acrescentaram dons grandes males, o primeiro, que cada um de nós tinha um mortal fastio, com que ficávamos como que impossibilitados de comer; não me lembra que em doença tivesse outro igual a este; mas a necessidade precisa fazia que sobre todas as repugnancias comesse alguma cousa, e com muita força e com algumas invenções procurava com os moços o mesmo, mais do que nunca fiz a doentes graves. A outra cousa que nos foi de pena era não achar água pera beber, a qual ainda, no meio de tais frios, nos era bem necessária, por razão da secura que causava o muito trabalho; não era esta falta por faltarem fontes, mas per todas correrem ocultamente por baixo da neve...” e tudo isto quando...” o trabalho que passávamos foi muito excessivo, porque nos acontecia muitas vezes ficar encravados dentro da neve, ora até aos ombros, ora até os peitos, de ordinário até o joelho, cançando a sair acima, mais do que se pode crer, e suando suores frios, vendo-nos não poucas vezes em risco de vida; muitas vezes era necessário ir por cima da neve com o corpo, como quem vai nadando...” e aqui já surge a experiência vivida, a linguagem rica e expressiva, a imaginação refreada...

E surge o momento mais dramático daquela

viagem: “Já neste tempo tínhamos a vista dos olhos quase toda perdida, mas eu a perdi mais tarde que os moços, pola muita diligência que fiz em resguardar os olhos; mas não foi bastante pera não ficar quase cego por mais de vinte e cinco dias, sem poder rezar o Ofício Divino nem ainda conhecer uma só letra do Breviário”. Ora, Andrade em 1624 teria exactamente 43 anos, mais mês, menos mês e se acaso teria aquilo que hoje entendemos ser uma visão normal, estava a entrar numa época da sua vida em que necessitaria de óculos para ler o Breviário, que até teria letras de razoáveis dimensões e daí um motivo mais de angústia a juntar a muitos outros problemas que nada eram comparados com a falta de autorização, por não ter sido solicitada, para esta viagem que por ter terminado em bem terá sido considerada como dentro das responsabilidades e atribuições do Padre Andrade.

Em todo o relato, chama-nos especialmente a atenção a resistência ao frio, que nos nossos dias continua a ser uma enorme dificuldade para quem deseje subir às mais altas montanhas do mundo. Amato Lusitano (1511-1568) escrevia em 1554 na Terceira Centúria, dedicada ao “embaixador” em Roma Afonso de Lencastre, na Cura 13 relativa a criados e escravos deste Senhor que “... hoje, os nossos Portugueses fazem o comércio na zona equinocial e vivem, como os Lapões, sob a zona polar...” mas os equipamentos de que Andrade disporia eram incipientes, ainda que mostrassem notável avanço em relação ao que não existiu, por exemplo, na passagem do Cabo da Boa Esperança em 1506, onde muita gente da frota de Tristão da Cunha pereceu de frialdade. No relato de Antônio de Andrade é especialmente impressiva a passagem: “... só me faltava a mim a vista, e não é muito pois até os mesmos serranos, que desta segunda vez foram connosco, com serem costumados e nascidos entre as mesmas neves, padecem grandes dores nos olhos por alguns dias, sem lhes valer antolhos de certas redes que fazem pera defender a vista dos raios do sol, que, ferindo a neve, cegava os olhos com a continuação de poucos dias.”

Uma expedição médica em 1957 explorou os Himalayas numa zona situada a 5300 metros de altitude. sensivelmente a altitude atingida por Andrade em 1624 e registou como principais dificuldades á adaptação ao frio, os problemas respiratórios e a tosse que não impressionaram muito o nosso missionário, a alimentação e os problemas com os olhos. Os problemas com os olhos são de extrema gravidade e têm relação com o frio, o vento, a humidade do ar, a luminosidade e as radiações ultra-violetas. O frio intenso alterará os mecanismos fisiológicos que mantêm a córnea transparente, impede a deturgescência, a córnea imbebe-se de água, não perde água, edemacia-se, torna-se opaca. Em

condições de temperatura favorável, pode readquirir a sua espessura normal e a transparência. Se a situação se agravar poderá produzir-se uma queimadura pelo frio, com dificuldades de regeneração agravadas no caso de haver exaustão das reservas vitamínicas e outras.

A mudança brusca para um meio com baixas temperaturas, poderá dar grandes dores nos olhos por alguns dias, sem lhes valer antolhos. Podem estas dores ser devidas a queimaduras pelo frio, ou, situação ainda mais dramática que esta, serem provocadas por crise de glaucoma que pode levar à cegueira.

BIBLIOGRAFIA

1. Neves Aguas: *Viagens na Ásia Central em demanda do Cataio: Bento de Góis e António de Andrade*, 1988, Europa-América, Lisboa
2. Proença, R.: "Um Português no tecto do mundo em 1624 (António de Andrade, 1581-1634)", *Kalliope de Medicina*, 1988, 1(2) 45-46
3. Spirig, B.: "Medicin dans l'Himalaya", *Symposium Ciba*, 1957, 5 (2) 57-62

APOLOGIA DA HIDROTERAPIA NA CONSERVAÇÃO DA SAÚDE

Fanny Andréa Font Xavier da Cunha*

Nota introdutória à tradução de um manuscrito de Ribeiro Sanches (1699-1783)

Aquando da realização das I Jornadas de Medicina na Beira Interior - da Pré-História ao século XIX, considerámos Ribeiro Sanches campeão da Higiene e da Profilaxia, um verdadeiro precursor da nossa higiene político-social.

Dele nos diz Luís de Pina: “Na Historia da Higiene, em Portugal, Ribeiro Sanches pode exprimir o termo de uma época, o V período (de 1688 a 1756, data da publicação do “Tratado da Conservação da Saúde dos Povos”), e o início de outro, o VI, de 1756 a 1813 (criação da Junta de Saúde)⁽¹⁾.”

Na continuidade da comunicação então apresentada, iremos recordar “páginas esquecidas”, apenas publicadas em Paris, no ano de 1782, in: “Histoire de la Société Royale de Médecine”, por Theophile Barrois.

Trata-se do manuscrito *Mémoires sur les bains de vapeur de Russie, considérés pour la conservation de la santé et pour la guérison de plusieurs maladies. Par Mr. António Ribeiro Sanches, ancien premier Médecin du Corps de L’Imperatrice de toutes les Roussies, et Associé étranger, etc.*⁽²⁾.

Ribeiro Sanches acreditava acima de tudo nos benefícios da água, como se infere da leitura do seu manuscrito, que nos propusemos traduzir, como homenagem a tão insigne médico da Beira Interior.

António Nunes Ribeiro Sanches escrevia: “Eu não desprezo todos os remédios taes como os purgantes,

o ópio, o mercúrio, a quina, etc... Mas penso que o banho russo pode substituir metade dos remédios contidos na maior parte das “pharmacopeias”...”⁽³⁾.

Já no século XVI e XVII a balneoterapia despertava o interesse de alguns médicos notáveis.

Assim Zacuto Lusitano (1575-1642) aconselhava as termas (féricas, nitrosas, sulfúricas, aluminosas, etc.) para o tratamento de várias doenças, principalmente artropatias, tão frequentes nos nossos dias, e imitando Amato Lusitano (1511-1568), aconselhava práticas hidroterápicas contra certas doenças febris. E Rodrigo de Castro (1546-1627) fizera indicações análogas para combater as doenças próprias das mulheres⁽⁴⁾.

Na “História da Medicina Portuguesa” M. Ferreira de Mira diz-nos que a medicação hidrotermal existia já na Península Ibérica, anteriormente ao domínio romano.

É o caso das Caldas de Vizela, e das termas cujas ruínas se encontraram em Lisboa no sítio das Pedras Negras, em 1771. O autor cita várias outras entre elas Cabeço de Vide, perto de cujas nascentes foram encontradas ruínas de alicerces de banhos com magníficos mosaicos, além de medalhas de cobre do tempo de Augusto⁽⁵⁾.

Depois foi a invasão dos Bárbaros, e ainda que os Germanos tivessem adoptado a civilização dos vencidos, as termas despovoaram-se e caíram em ruínas.

Um autor do século XVIII o médico Francisco da Fonseca Henriques, no seu “Aquilégio Medicinal, em que se dá notícia das águas de Caldas, de Fontes,



* Museu Nacional da Ciência e da Tecnologia: Sociedade de Estudos do séc.XVIII.

Rios, etc..., que ou (pelas suas virtudes medicinaes, que tem; ou por outra singularidade, são dignas de particular memória” (1726), dá-nos uma boa informação sobre a hidro e balneoterapia da época.

Já no século XIX Francisco Tavares, professor de Medicina, farmacologia e hidrologia, no seu tratado “Instruções e Cautelas Práticas sobre a natureza, diferentes espécies, virtudes em geral e legítimo uso das águas minerais com a notícia de aquelas que são mais conhecidas em cada uma das províncias do Reyno de Portugal, e o methodo de preparar as águas artificiais”, principia com estas palavras:

“Portugal é talvez o país da Europa onde proporcionalmente à extensão do seu território há maior quantidade de águas minerais particularmente de Caldas, e onde é mais universalmente ignorada a sua legitima aplicação”.

Informa-nos acerca das que eram mais conhecidas na Beira Interior, no ano de 1810.

Por Caldas entendem-se as nascentes de águas quentes ou cáldas.

Eram elas:

Alpreda: Três legoas distante de Castello Branco na falda da Serra da Ribeira cha mada de Alpreda nascem humas aguas sulfurosas frias, de que pode fazer-se uso proveitoso em bebida e em banho, procurando-se para esses fins as commodidades que somente podem aproveitar os vizinhos do sitio.

Freixialinho: a duas legoas de Castello Branco, no Monte de S. Luiz junto ao sitio chamado Freixialinho há nascente de águas hydrogenio-sulfuradas que tem as propriedades e uso que são próprios da sua qualidade; assim aquecidas em banho como muito principalmente em bebida.

Penagarcia: em distancia de nove legoas para L. de Castello Branco, na Serra de Penagarcia ramo da Serra d’Estrella..., tem origem a chamada Fonte Santa por se haver nella curado algumas enfermidades.

Francisco Tavares descreve estas Caldas, de Pena Garcia, aliás já citadas e descritas por Fonseca Henriques, no “Aquilégio”, como sendo todas as seis fontes existentes de abundante “agoa tépida, clara, slutifera, para beber excellente. Destas à mays

copiosa chamão a Fonte Santa; sem dúvida que pelos prodigiosos efeytos, que nela se experimentao...”. A dado passo diz Fonseca Henriques: “O Doutor António Sanches Rybeiro (sic.), medico de bom engenho, e letras, assistindo na Villa de Salvaterra, teve para si que esta agoa passava por minas de ouro, não negando que corre pelos ditos minerais de ferro e enxofre: sobre o que fez hum discurso agudo, e curioso...”⁽⁶⁾.

Intitula-se esse estudo “Discurso sobre as Águas de Penha Garcia”, 1725.

Fonseca Henriques diz-nos também que “O dito Doutor António Sanches, que deveo grande beneficio a esta fonte, porque lhe servio de remédio de hurra gotta rosada quando pequeno, e de huma hypochondria depoy de adulto, notou curiosamente que no Estio, quando o Sol no meyo dia tem chegado ao seu Zennith, está frigidissima esta agoa; e que ao Sol posto torna à sua tepidez, que de manhã conserva...”.

Quanto a esta curiosa propriedade, Francisco Tavares nega-a: “Ou foi ilusão de sentidos, ou perdeu-se de tal maneira esta curiosa propriedade, que apenas restão de segura continuada observação, e somente lhe asseverada na fé de quem a escrevêra”⁽⁷⁾. Em contrapartida dá-nos uma descrição mais real das referidas Caldas: “Da sua nascente he conduzida a agua por hum cano que na falda da Serra termina n’hum tanque fabricado dentro d’hum pequena caza de abobada, a qual por mui vaga

tradição se diz mandada fazer pello Senhor Infante D. Francisco. Estão as ruínas desta caza, que muitos anos ha, ficou em total abandono, na margem esquerda do rio Ergea, que separa Portugal d’Hespanha. O sitio he deserto, e a povoação mais vizinha he Monfortinho distante huma grande legoa: porem assim mesmo em outro tempo para ali concorrião para o uso de banhos não somente Portugueses de Monfortinho, Monsanto, Penagarcia, e outras pequenas povoações, mas também Hespanhoes, vivendo no meio tempo em cabanas feitas de ramos de arvores de que o lugar abunda... Tambem se lhe dá o nome de Caldas de Monfortinho”⁽⁸⁾. Estas Caldas ou termas possuem um



Manuscrito de Ribeiro Sanches (fac - simile)

balneário construído em 1940.

Refere mais:

Penamacor: “Distante huma legoa de Penamacor no lugar de Águas de vinte a trinta fogos, desviado delle cousa de hum tiro de bala nasce horizontalmente debaixo d’huma rocha pouco mais ou menos de hum annel d’água clara, com cheiro hepatico que longe do sitio se percebe: sabor, semelhante: de calor cerca de 67gr, de F. ou de 15 1/2 de R. Deixa por onde corre deposito ou lodo fusco, e tem no mesmo sitio da nascente hum pequeno poço que apenas cobre meio corpo, aonde sem reparos nem cautela alguma tomão banhos, de cujo uso ainda assim narra o povo bons effeitos, dos que são proprios das águas sulfureas como esta he”.

Unhaes da Serra: “Três legoas ao S. O. da Covilhã tambem citado por F. Henriques, denominando-a Caldas da Covilham, no lugar de **Unhaes da Serra**, onde “ha hurra fonte de agoa sulphurea, que detida em hum tanque em que se tomão banhos, he remédio de achaques frios de juntas e nervos; porque cura gotta arthetica, tolhimentos de braços e pernas; e assim tambem costuma curar os achaques cutaneos, como proidos, impigens, bustellas, e uzagres; segundo as experiencias que nos communicarão; em consideração das quaes entedemos, que tambem serão utteys estes banhos, para parlisias, estupores, vertigens, debilidade de estomago, e outros achaques semelhantes, em que devem uzar-se com prudencia, e curiosidade, afim de alcançar quaes serão as virtudes desta agoa que só pelos effeytos se reconhecem”⁽⁹⁾.

Francisco Tavares termina a sua descrição de águas com a das **Zebbras**: “a L. de Castello Novo, entre a Idanha e Alpedrinha, e ao S. E. desta última, Comarca de Castello Branco, junto aos cazaes de Zebbras e de Monte do mesmo nome ha huma Fonte a que denominão Santa que he sulfurea fria, de cuja agua se servem os Pastores para curar da sarna os gados e cães, lavando-os; e he provavel que assim como as suas semelhantes, possa utilizar em bebida, e em banho quente dos enfermos que necessitão de hum tal auxilio”.

Concluindo, o autor escreve: “As águas minerais, pois, merecem ser consideradas como remédio de maior extensão e apropriado a quase todas as doenças crónicas, e muitas vezes no fim das agudas”⁽¹⁰⁾

“At last, but not at least”, as Águas do Alardo (Castelo Novo) águas de mesa, fracamente mineralizadas; provocando aumento de diurese e com subsequente eliminação dos produtos tóxicos, diminuindo a taxa de ureia nos auto-intoxicados, melhorando as cárdio-nefrites com albuminúria e azotúria. Indicações e terapêuticas: rins, diabetes e afecções hepáticas.

Na introdução da obra de Ramalho Ortigão

intitulada “Banhos de Caldas e águas minerais”, deparamos com as seguintes palavras de Júlio César Machado: “Sempre que temos sido grandes, o havemos devido às águas. Mas agora já seria catureira quereremos ser heróis por ter andado ao de cima delas; façamos melhor: bebamo-las!...” Sabemos como são abundantes na Beira as nascentes termos-medicinais, e podemos seguir o conselho.

Porém o uso mais antigo das águas termais como remédio, foi o banho, sendo o seu uso em bebida muito posterior. No número dos banhos entra o de vapor de água termal.

E é da aplicação da água sob a forma de banhos de vapor que R. Sanches faz a apologia, para a conservação da saúde, como “remédio contra a fadiga, o cansaço do suor, contra a comichão, reumatismos, sarna e outros males”⁽¹¹⁾. “O uso do banho de vapor da água quente parcial ou aquelles membros aonde he necessário relaxar a pelle, abrir os poros, e augmentar a transpiração na parte, e promover o suor, he de tempo immemorial. Das conhecidas vantagens do vapor applicado parcialmente se passou em casos análogos à sua applicação geral ou a todo o corpo; e dos vapores da simples água aos das águas thermaes, cujas virtudes experimentadas nos banhos de immersão autorisarão as esperanças do beneficio dos seus vapores”⁽¹²⁾.

Paraphraseando Ramalho Ortigão, na obra já citada, a nossa obrigação como viventes é a vida.⁽¹³⁾

E a água pode muito no Governo do corpo, já o afirmava Fonseca Henriques.⁽¹⁴⁾

Segue-se a apologia dos banhos de vapor feita por R. Sanches.

Notas Bibliográficas

⁽¹⁾ -Luís de Pina, *História da História da Medicina em Portugal*, “Imprensa Médica”, Lisboa, 1956, p.

⁽²⁾ -Biblioteca Pública de Braga, (Arquivo Distrital de Braga-Universidade do Minho)

⁽³⁾ - A. Nunes Ribeiro Sanches, ms. cit., fls.12.

⁽⁴⁾ - Manuel Ferreira de Mira, *História da Medicina Portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional de Publ., 1947,p182.

⁽⁵⁾ - M.F. de Mira, ob. cit., pp. 9-10

⁽⁶⁾ - Francisco da Fonseca Henriques, “Aquilégio Medicinal”, Lisboa Oc., Off. da Musica, 1726 pp. 4546.

⁽⁷⁾ - Francisco Tavares, *Instruções e cautelas práticas sobre a natureza, diferentes espécies, virtudes em geral e uso legítimo das águas minerais*. Coimbra, 1810, lp., pp. 83-85; llp. pp.69-71.

⁽⁸⁾ - Francisco Tavares, ob. cit., pp.83,84,85.

⁽⁹⁾ - F.F. Henriques, ob. cit. p. 25-26.

⁽¹⁰⁾ - Francisco Tavares, ob. cit. pp. 43-88.

⁽¹¹⁾ - A.N. Ribeiro Sanches, *Tratado da Conservação da Saúde dos Povos. Considerações sobre os Terremotos*, Lisboa, Off. Joseph Filipe, 1757, p. 258.

⁽¹²⁾ - F. Tavares, ob. cit., parte II, pp. 69-70.

⁽¹³⁾ - José Duarte Ramalho Ortigão, *Banhos de Caldas, e águas minerais*, Lisboa, 1944, Prefação.

⁽¹⁴⁾ - Francisco da Fonseca Henriques, ob. cit., p. 1.

BIBLIOGRAFIA

ANACLETO, PEDRO - *Águas Minerais-Acção Social*.

ALMEIDA, AMARO DE - *Inventário Hidrológico de Portugal*, 1977.

BELEZA, ANTÓNIO MARTINS - *Método prático para se tomarem banhos*, Porto, 1763.

DIAS, JOSÉ LOPES - *Hidrologia médica do Distrito de Castelo Branco*, Sep. da "Imprensa Médica", Lisboa, 1951.

GUIMARÃES, FELICIANO AUGUSTO DA CUNHA - *Francisco Tavares, hidrologia*; 1947.

HENRIQUES, FRANCISCO DA FONSECA-*Aquilégio Medicinal*, Lisboa Ocidental, Off. da Musica 1726.

LEMOS, MAXIMIANO DE - *História da Medicina em Portugal: Doutrinas e Instituições*, Lisboa, Manuel Gomes, 1898.

LOPES, ALFREDO LUÍS - *Águas minero-medicinais de Portugal*, Lisboa, 1892.

MAGALHÃES, JOÃO JACINTO DE - *Description of a glass apparatus for making Mineral Waters*, London, 1772.

MEMÓRIA SOBRE OS BANHOS DE VAPOR DA RÚSSIA CONSIDERADOS PARA A CONSERVAÇÃO DA SAÚDE E PARA A CURA DE VÁRIAS DOENÇAS

Pelo Sr.
António Ribeiro Sanchez

antigo primeiro Médico do Corpo da Imperatriz de todas as Russias, Associado estrangeiro (etc.)

Remedia autem maxime universalia nota hactenus sunt
aqua, ignis, argentum vivum, opium.
Boerhaave Inst. Med. Sect. 1182

Segundo a experiência que tenho da utilidade de banhos Russos, pensei ser vantajoso expor aos povos as vantagens que eles tirariam do uso dos banhos, se mandassem construir banhos semelhantes. A minha intenção não é instruir os médicos; escrevo para as pessoas que vivendo no campo, estão privadas dos socorros que se encontram nas cidades. Não se deve esperar encontrar aqui pesquisas físicas; menos ainda de medicina. Não citarei outras, e se as citar por acaso, será na intenção de não parecer original. O que tenho em mente é provar que os banhos Russos ultrapassam em utilidade e em comodidade aqueles de que os Gregos, os Romanos fizeram uso, e aqueles que os Turcos empregam, tanto para a conservação da saúde, como para a cura de várias doenças; e que eles podem ser do maior auxílio para os habitantes do campo, para os nobres retirados nas suas propriedades, para os conventos dos dois sexos, para as guarnições de soldados, e para as fábricas onde há um grande número de operários.

Ficareis admirados que ouse ser o primeiro a escrever sobre as propriedades dos banhos Russos; ficareis ainda mais admirados, quando reflectirdes que desde há cem anos sempre houve na corte e nos exércitos da Rússia hábeis médicos Alemães, Ingleses, Holandeses, Italianos e Gregos, e que nenhum deles escreveu sobre os banhos em questão; mas talvez lhes tenha acontecido o mesmo que a mim, quando me encontrava ao serviço do império da Rússia no exército, na nobre corporação dos cadetes e na corte; continuamente ocupado, e algumas vezes abatido de fadiga, não tinha tempo de redigir as minhas observações sobre as utilidades dos banhos Russos, os quais eu utilizava muito frequentemente, tanto para a cura das indisposições

causadas por longas viagens, como para a conservação da saúde. Desde que os meus incômodos habituais não me deixam outro bem que não seja o de meditar e de reflectir, ocupei-me seriamente dos bons efeitos que esses banhos poderiam produzir: penso que com esse recurso poderemos conseguir a mais preciosa de todas as vantagens: o vigor e a saúde.

Se considerarmos atentamente as descobertas espantosas feitas na Europa desde há duzentos e cinquenta anos, na literatura, nas Artes e nas Ciências, comparadas às da Ásia, da Grécia, da República Romana, parece que, entre estas nações, um dos pontos essenciais da constituição dos seus estados, era tornar os corpos robustos, sãos e vigorosos: elas tinham um cuidado tão particular de educar a juventude, em todos os exercícios necessários para servirem a sua pátria em tempo de paz e em tempo de guerra que ficamos admirados por os estados da Europa, com conhecimentos muito superiores aos desses antigos impérios, em física geral, em economia, em política e na arte da guerra, não os imitarem com estabelecimentos destinados a educar a juventude de uma forma que pudesse tornar a sua pátria gloriosa e formidável.

Todos os que, nos nossos dias, procuram tornar-se notados pelas suas vigílias e seus escritos, tratam mais do que pode alimentar e entreter a sociedade no bem-estar, na abundância e nos prazeres do que daquilo que pode tornar os corpos robustos e sãos, desde a mais tenra idade, e aumentar o número de cidadãos úteis dos quais dependem a felicidade e a conservação dos estados.

Os autores, guiados pelas normas dos impérios de que são súbditos, ou ignorando a causa pela qual a agricultura, o comércio em geral e as belas-arts alcançaram tão alto grau de perfeição, não consideraram nas suas pesquisas o atraso da população, a fraqueza dos corpos nos nossos dias, comparados aos dos séculos anteriores, e não

* Lido no dia 5 de Outubro de 1779 (nota à margem do manuscrito)

aprofundam a causa do depauperamento dos exércitos, que fica reduzido a um terço, e algumas vezes a metade, no fim de cada campanha, e demonstram que os seus conhecimentos não saem nunca do círculo dos estudos das universidades da Europa, e principalmente das da Europa meridional.

O grande cuidado que todas as repúblicas da antiga Grécia tiveram em construir nas grandes cidades edifícios espaçosos chamados ginásios, e as grandes despesas que faziam para os manter, mostram como elas se empenhavam na educação da juventude e como elas se ocupavam dos meios de a tornar útil à sua glória e à sua conservação: parece que era o ponto principal dos seus governos. Os ginásios, ou edifícios destinados a lá aprender as letras, as ciências, e todos os exercícios que podem tornar o corpo vigoroso, eram divididos em vários cursos, em várias áreas cobertas ou descobertas, em vários terraços e passeios, onde toda a sorte de cidadãos e de jovens ia ouvir as lições dos reitores, dos mestres de matemáticas, dos oradores, dos filósofos.

Para os que queriam exercitar-se, havia mestres que ensinavam a montar a cavalo, a guiar carros; havia-os também para a corrida, a luta, o disco, para aprender a atirar com arco, a lançar a lanceta. Para se refazerem destas fadigas e para enrijar o corpo, eles entravam no fim num banho de vapor, em seguida no de água morna, e enfim no de água fria. Dali iam aos seus negócios. Esta instrução e estes banhos praticavam-se todos os dias; não havia férias nem dias privilegiados.

Esta espécie de escolas ou de universidades, como as designaríamos se fossem introduzidas entre nós, foram introduzidas bastante tarde entre os romanos, ainda que nesta temível república desde o princípio, se fizesse uso do banho e dos exercícios; só conheceram os ginásios e os banhos com a disciplina e a magnificência dos gregos, no tempo de Pompeu o Grande. Sabemos pela história que a juventude distinta se exercitava, então, todos os dias no campo de Marte, e que para se lavarem do pó ou para conservarem o hábito de nadar, atravessavam o Tibre a nado, imediatamente a seguir; mas os romanos do tempo de Augusto ultrapassaram os gregos na construção dos seus banhos; e eles construíram-nos não só tendo em vista conservar a saúde, mas ainda para o deleite, para o prazer e para o luxo.

Este uso conservou-se sem interrupção até ao tempo de Constantino o Grande e como este imperador escolheu Bizâncio para capital do império Romano, os banhos foram aí introduzidos com uma magnificência igual aos de Roma. O mesmo Constantino, primeiro imperador cristão, foi a causa da abolição da educação romana nas letras, nos exercícios e nos banhos. Era de esperar que a inteligência, as forças e o vigor da nação fossem aniquilados quando uma tão excelente educação

posta à prova durante tantos séculos fosse abolida. Logo que este imperador abraçou o cristianismo, elevou a dignidade episcopal a uma tal grandeza, que lhe concedeu a maior parte da jurisdição civil, e o cuidado de toda a educação da juventude com o poder de regulamentar (sem consultar o senado que ele reduzira a quase nada) a disciplina.

A vanidade da religião cristã, a filosofia Platoniana que os bispos tinham abraçado no século IV, não podiam permitir que a antiga educação romana subsistisse. A destruição dos templos pagãos, a abolição dos lugares públicos, a proibição dos casamentos que não fossem realizados segundo as leis da igreja, a necessidade de providenciar à manutenção e à subsistência de vários milhares de escravos que tinham abraçado o cristianismo para obterem a liberdade; postas em execução todas estas disposições, elas foram as primeiras causas da destruição dos ginásios, dos banhos públicos e de vários edifícios análogos, erigidos para a educação da juventude e para a manutenção da religião pagã. O poder que os bispos tinham de mudar a face do império, mostrou-se mais evidente sob o reinado de Justiniano, o qual, por uma das suas leis suprimiu o salário dos professores de belas-arts. Os ginásios que serviam para os exercícios e para a educação da juventude, foram substituídos, depois da destruição do império romano no século V pelo exercício da caça, e da equitação, por conventos da ordem de S. Benedito, pelos cabidos das catedrais, e, vários séculos depois, pelas universidades da Europa. Os banhos e uma grande parte dos ginásios criados para a conservação da saúde não foram substituídos por nenhum estabelecimento adequado a favorecer e a aumentar a força e o vigor das nações europeias subjugadas pelos bárbaros do Norte e da Alemanha. Logo que estas nações conquistaram o Império Romano do Ocidente, fundaram reinos em Itália, em França, e em Espanha; e, abraçando a religião cristã, conservaram os seus costumes e os seus usos, ainda que eles fossem na sua maioria contrários ao cristianismo. Os reis da Lombardia, os da nação dos Francos estabelecidos nas Gálias, e os Visigodos, conservaram também os seus, nos casamentos e no exercício da caça, ainda que fossem contrários ao espírito do cristianismo, e este costume tomou tão profundas raízes que ainda se mantém nalguns países cristãos, como entre os Tártaros Mongóis, os Elus ou Kalmuques, ou entre os súbditos Cuntaichs. A primeira instrução da juventude entre os cristãos, foi nos conventos de S. Benedito, em Itália, em França, em Espanha, e na Inglaterra. Como na época todos os bispos saíram dos conventos de religiosos, formaram cabidos que serviam não só para cantar as horas canónicas, mas ainda para ensinar à juventude os mistérios da religião e para lhes dar algumas ideias das ciências,

e da filosofia de Platão e de Aristóteles.

A ordem de S. Benedito, tão digna de ser venerada e respeitada, à qual a Europa deve a introdução da agricultura, a conservação dos livros originais Gregos e Latinos, enchia os ginásios Gregos e as escolas dos Romanos. Em seguida as universidades foram estabelecidas no século VIII, pelos Papas.

Ainda que os banhos artificiais construídos pelos Romanos tivessem sido quase destruídos durante 200 anos, eles foram substituídos, sob o domínio dos Árabes, em Espanha, nas províncias meridionais de França, de quase toda a Itália, como um instrumento necessário à observância da religião Maometana que eles tinham adoptado, mas logo que esses povos foram expulsos da Europa pelos príncipes cristãos, os eclesiásticos fizeram-nos demolir, como contrários aos costumes e à pureza da religião.

Parece pelos espécimens que restam da antiguidade mais recuada, comparados com os que foram construídos desde o século XVIII, que as forças dos homens e o seu vigor diminuíram. Seríamos tentados a crer que nem as riquezas, nem os poderes, nem a arte dos mais poderosos reis da Europa poderiam hoje bastar para construir as pirâmides do Egito, a capital de Cairo, de que se vêem ainda as ruínas, o templo de Aone-Hany, na província de Salisbury em Inglaterra; o pantéon de Agripa, e menos ainda as estradas dos Romanos, os aquedutos, os banhos, dos quais se vêem ainda os restos dos que tinham sido construídos em Roma por Antonino, Caracala e por Deocleciano. É talvez a razão da pouca grandeza e da pouca duração dos nossos edifícios públicos, e da pequena expansão dos banhos na Europa. Como a arte de conservar a saúde dos povos, e de curar as doenças não entram hoje nas leis dos estados da Europa, e que este objectivo está à disposição de cada indivíduo, dele não pode resultar nenhum mais capaz de tornar a dar ou de conservar uma nação forte e vigorosa, e de a pôr em condições de afrontar as variações das estações, e de não se ressentir das suas irregularidades.

Quando se viram ou se frequentavam alguns banhos de águas termais ou de águas frias, e quando consideramos os edifícios que os constituem, quando os comparamos com os dos Gregos e dos Romanos, ou com os dos Turcos, ficamos surpreendidos da ignorância e da negligência dos povos aos quais a natureza prodigaligou os seus tesouros para o bem da humanidade.

Não se encontram lá, muitas vezes, nenhum dos meios que a arte teria podido produzir para conservar a saúde ou para curar uma infinidade de doenças, e se as grandes viagens que somos obrigados a fazer para beneficiar desses banhos, não fossem o maior remédio para as doenças consideradas como incuráveis, estes banhos, ainda que salutareis, tornar-

-se-iam prejudiciais pela sua má administração:

Vejamos presentemente o estado dos banhos artificiais dos quais se fez uso na Europa; examinemos as suas propriedades e vejamos se eles possuem as mesmas vantagens que os Gregos e os Romanos obtinham daqueles que utilizavam.

Não se devem considerar como medicinais os banhos chamados de limpeza os quais a maioria dos particulares bem como os médicos, utilizavam, seja para alguns incómodos, seja para curarem algumas doenças.

Toda a gente sabe que este meio consiste em estar deitado numa tina cheia de água morna, de aí ficar durante algum tempo, até que se produza uma leve transpiração no rosto.

Os que tomam banho nestas tinas, metem-se na cama quando dela saem: aí eles transpiram; depois vestem-se, e expõem-se habitualmente ao ar livre. O mal que causam muitas vezes estes banhos de limpeza, é relaxar, enfraquecer, inervar as partes sólidas de todo o corpo: como o ar do quarto em que estão deitados é sempre mais frio que a água em que mergulharam, respirando este ar o pulmão não está tão quente como a superfície do corpo, é incontestável que a circulação do sangue deve sofrer algumas perturbações naquela víscera, donde a supressão da perspiração insensível, os catarros, as dores de cabeça, os fluxos.

As estufas da Alemanha, e as dos banhos de água quente, tanto em Itália como no resto da Europa, relaxam sempre o sistema dos sólidos, e tornam o corpo sensível a todas as impressões do ar logo que delas se sai, ainda que nelas se respire um ar tão quente como o vapor que contacta o corpo, porque este ar, e estes vapores não se renovam continuamente; devemos acrescentar que por ingorância ou por cupidez dos banheiros, os doentes perdem muito sangue dos ombros, do pescoço e das gorduras das pernas por meio das ventosas ou cornetos escarificados, o que enfraquece e relaxa ainda mais que o vapor quente do banho que não é renovado.

Parece que os banhos Turcos, como os que foram construídos em Londres, para uso do público, não estariam sujeitos aos inconvenientes de amolecer, de afrouxar, de enfraquecer os corpos, e que eles seriam os mais adequados para conservar a saúde e curar várias doenças. Eles são preferíveis aos banhos de limpeza, e às estufas; mas eles têm todos um defeito; é que no quarto onde se transpira, o ar e o vapor nunca se renovam, como nos banhos russos.

Como vi esta última espécie de banhos em Londres e na cidade de Azof, tomada pelo exército Russo no ano de 1736, deles darei aqui uma descrição sucinta, bem como dos banhos Gregos e Romanos.

É um edifício composto de quatro ou cinco grandes quartos: despimo-nos no primeiro, o qual está

mediocramente aquecido, e entramos de imediato no banho de vapor. É um edifício circular, feito de pedra talhada, coberto por um capitel ou cúpula, perfurada no centro, e revestida de vidraças para o eluminar. No centro levanta-se uma banquetta circular, de um diâmetro proporcionado ao espaço do edifício, na qual estão sentados os que entram para se banharem. Sobre o soalho, que é feito de pedras grandes, deita-se água até à altura de algumas polegadas.

Esta água eleva-se de vapor devido ao fogo de um forno subterrâneo, pelos canos de ferro ou de cobre que sobem ao longo das muralhas deste edifício. Os que estão sentados, sem o mínimo desconforto, transpiram tanto quanto as suas forças lho permitem; dali entram num grande compartimento onde existem um banho de água morna, e um outro de água fria; entram de imediato no primeiro, onde um banheiro os esfrega, lhes massaja as articulações e os lava: daqui eles saiem para retomar o seu vestuário, a menos que queiram lavar-se primeiro com água fria; aí alguns mergulham antes ou depois de terem sido esfregados, outros nadam durante alguns instantes. Se o ar e o vapor fossem renovados neste banho a cada momento como no banho Russo, seria o mais salutar e delicioso dos banhos de que se faria uso na Europa. Os banhos Gregos e Romanos tinham em geral o mesmo defeito; o ar e o vapor não eram renovados, como seria de desejar para o bem e o prazer dos que se banhavam.

Não será fora de propósito dar a conhecer a construção dos banhos dos antigos Gregos e Romanos, de que temos a descrição em Vitruvius: É verdade que a construção dos banhos tomou várias formas sob os imperadores Romanos, tanto pela grandeza dos edifícios como pelo número dos quartos: fizeram-se algumas alterações na administração das águas quentes ou frias; utilizaram-se também pomadas e águas de cheiro, mas todas estas variações decorreram unicamente segundo os princípios que vou enumerar.

Como todos os exercícios acima mencionados executados nos ginásios, terminavam pelo uso dos banhos de vapor, era preciso que toda a sua construção e que tudo o que servia a sua utilização fosse um remédio adequado a curar as consequências da fadiga, as contusões, as quedas, a sede, a febre excitada pelos violentos exercícios: ainda os mais violentos, como são os de guiar os carros, montar a cavalo, e o remédio consistia em entrar no primeiro compartimento do banho quente, de temperatura agradável; aí se despiam: chamado *apodyterion*: Este calor aumentava vários graus quando se entrava no segundo compartimento designado de formas diferentes, segundo o grau de calor da água quente, isto é, *hypocaustum*, *laconicum*, *vaporarium*, *sudatorium* que nós

chamamos banhos propriamente ditos, onde se usava e onde se esquentavam até ao último grau de calor que podiam suportar. Os incómodos provocados pelos exercícios violentos dissipavam-se por meio deste suor abundante; era então preciso reparar as forças perdidas, tornar o corpo vigoroso, ficar em estado de não se sentir nenhuma sequela quando se saía do banho, e se era exposto a respirar ar livre.

Este banho de vapor era quecido por meio de fornos subterrâneos; o vapor elevava-se da água que era lançada sobre o chão de mármore, como hoje se faz nos banhos Turcos: a sua construção é perfeitamente semelhante ao *hypocaustum* ou *vaporarium* dos Gregos ou dos Romanos.

Saindo deste banho propriamente dito, entrava-se numa outra divisão, que tinha um espaçoso banho de água morna, chamado *baptisterium*, onde de era massajado com várias espécies de terras argilosas ou pomadas; lavavam-se aí; alguns saíam, e passavam ao quarto onde se tinham despido; outros passavam para o quarto que tinha o banho de água fria, que se chamava *piscina*; era tão espaçoso que se podia lá nadar, e cansarem-se nadando. Quando estavam fartos das suas fantasias, passavam ao quarto onde se tinham despido: aí havia vários gabinetes onde se esfregavam com pomadas e óleos de cheiro antes de se tornarem a vestir, de seguida iam tratar dos negócios habituais, e muitas vezes sentavam-se à mesa. Tendo os médicos Gregos e Romanos reconhecido que estes banhos provocavam uma febre de algumas horas e que eles aumentavam a perspiração insensível, começaram a servir-se deles; por fim os banhos de vapor foram postos em uso por Hipócrates, Celso, Galeno, Oribasio; eram a metade dos remédios de que se serviam para a cura das doenças.

Se considerarmos atentamente o banho Russo, veremos que ele é uma sùmula, um tratado do banho Romano, e do banho Turco dos nossos dias, porque se faz numa única divisão ou quarto, tudo o que se faz nos outros banhos à Romana ou à Turca, em quatro ou cinco divisões.

Como na Rússia há duas espécies de banhos, isto é, banhos públicos e particulares, eles não diferem quase nada entre eles, salvo que nestes últimos se constrói ao lado um quarto com camas, onde se deitam os que saem dos banhos, o que não acontece nos banhos públicos: entra-se nestes banhos, despem-se e deitam-se nus sobre um colchão cheio de feno ou de palha, colocado sobre a primeira ou segunda banquetta. Como o forno está quente e guarnecido de pedras do rio, tornadas vermelhas e quase embraseadas pelo fogo que está por baixo, e que se vai lançando mais água fria, levanta-se imediatamente um vapor expesso, ardente, que aquece todo o interior do banho. Pode aumentar-se

e renovar-se este vapor ardente consoante a - quantidade de água que se deita sobre as pedras; então sua-se abundantemente: quando já se suou abundantemente, quando já se suou abundantemente, são esfregados com sabão e com ramos de tília cujas folhas estão cobertas de penugem, e aí se lavam com água morna e em seguida com água fria, despejando vários baldes de água sobre a cabeça.

Os que se banham nos banhos públicos, em vez de se lavarem no banho, quando de lá saem, mergulham nalguns ribeiros ou tanques expostos ao ar livre, e terminam aí a operação do banho. Os que se banham nos banhos particulares mandam que eles lancem vários baldes de água fria na cabeça; e quando saem do banho passam para um quarto ao lado, que está mediocramente aquecido; deitam-se aí e descansam até que o suor desapareça; aí se vestem e alguns aí passam a noite.

Comparemos agora a parte essencial do banho Russo com a dos banhos Turcos e dos antigos Romanos. Não se podem comparar a grandiosidade nem o prestígio destes edifícios: a comparação será apenas quanto à natureza do vapor levantado da água aquecida pela força do fogo e que invade o interior do banho ou vaporium dos Romanos.

Nas estufas dos nossos dias, nos antigos banhos dos Gregos e dos Romanos e nos dos Turcos, o vapor quente que se eleva da água fica no espaço do banho: a água deitada no solo não se renova nunca. Os que se banham são obrigados a respirar os mesmos vapores, ficando este ar aquecido e fechado, também sem a mínima comunicação com o ar exterior.

Toda a gente sabe que a respiração de várias pessoas fechadas numa mesma divisão sem comunicação com o exterior é extremamente prejudicial, pois que o suor e sobretudo a respiração são matérias não asépticas que saem do nosso corpo; então estes vapores quentes, misturados com o suor dos que se banham, relaxarão os seus corpos e enfraquecê-los-ão; e ainda que esta acção seja um pouco corrigida pelo vapor de água quente, como eles não são renovados com uma mudança de ar por novos vapores, podemos facilmente convencer-nos que os que saem deste banho não retiraram toda a utilidade que esperavam.

Dissemos que nos banhos Russos havia um forno construído na mesma divisão na qual havia uma quantidade de pedras do rio, as quais por meio de fogo que se fazia no forno, se tornavam vermelhas e quase embraseadas; e que para encher todo o espaço do banho com vapores ardentes ou quentes, se deitava a água fria sobre estas pedras. Os que estão deitados nestes banhos e que usam nestas banquetas, quando se sentem incomodados com o grande calor ou quando não suam tanto quanto

desejariam, mandam os banheiros deitar água fria sobre as pedras ardentes; levanta-se logo um vapor tão violento e em tão grande quantidade, que ultrapassa em calor e actividade os vapores dos outros banhos. Esta operação renova-se de cinco em cinco minutos; pelo menos durante: uma hora. Vejamos presentemente os efeitos destes vapores, e a sua causa baseados na física da água, do ar, e do fogo.

Sabe-se hoje, por uma infinidade de experiências, que a água contém partículas de fogo e de ar: mas este fogo é um fogo elemental, estas partículas estão extremamente ligadas e pressionadas; sucede o mesmo em relação ao ar. Estes elementos do fogo e do ar são libertados e saem da água logo que por quaisquer causas poderosas são obrigados a deixar o seu estado de elementos ou de partes constituintes da água, e se apresentam sob a forma de vapor ou sob a forma de ar. Vejamos agora os efeitos dos vapores de água. Elevados pela violência do calor das pedras incandescentes postas de banho Russo, depositam-se sobre os corpos dos que lá estão deitados completamente nus, e que respiram este ar e estes vapores contidos no mesmo banho. Consideramos quantas vezes durante uma hora se podem renovar este ar e este vapor e este fogo reproduzido de novo num instante, e então veremos que na medicina não se encontra nenhum remédio que possa igualar a força, a energia e a salubridade destes agentes combinados, para fortificar, mudar e vivificar o corpo humano.

Estes três agentes combinados; e pelos seus contactos recíprocos postos em acção nas profundezas das cavernas do nosso globo, são a causa dos tremores de terra e dos efeitos mais terríveis que a natureza nos apresenta.

Diz-se um homem são, aquele que pode fazer exercício e praticar todas as acções da vida humana com facilidade, com prazer, e com uma certa firmeza; mas aquele que não pode fazer exercício nem executar a menor função da vida sem repugnância, sem fadiga de todo o corpo ou de alguma das suas partes, com dor, fadiga, ou mal-estar, deve ter tido ou considerado como um homem doente.

O homem que goza da melhor saúde está pela sua natureza exposto a cada momento a alterá-la ou a perdê-la; as mudanças tão continuadas do ar e tão necessárias à conservação do nosso sistema sublunar, as suas súbitas do frio para o calor, do seco ao humido, os alimentos, as bebidas, os excessos, os exercícios forçados, as quedas de corpos estranhos ao nosso ou do nosso sobre outros corpos, são as causas inevitáveis dos nossos males e das nossas doenças.

As doenças reduzem em geral o homem a ser incapaz de fazer a mínima acção, e obrigam-no a estar deitado: neste estado ele é habitualmente

atacado pela febre, sente um calor incómodo por todo o corpo e sofre de sede, respira com dificuldade, tem dores nos rins, nas partes musculosas das pernas e na cabeça, com pulsações nas têmporas; muda constantemente de posição, sentado ou deitado; algumas vezes tem vômitos, o coração no ventre; sente uma angústia, uma inquietude, sem relaxar, sem sono, muitas vezes com arrepios; algumas vezes sente muito calor e logo depois frio. As causas gerais deste estado, que é uma doença aguda ou febre quente, são as inflamações ou a podridão mais ou menos desenvolvidas no nosso corpo.

O segundo estado de doença é aquele no qual o homem pode empreender algumas acções e algumas funções mas sem facilidade, sem prazer, sem firmeza, diz-se que o atacado tem uma doença crónica. Esta doença ataca ou a cabeça ou o torax ou os rins; são de ordinário as consequências de doenças agudas, ou doenças venéreas mal curadas. O efeito mais sensível nestas doenças é a falta de transpiração insensível ou daquele vapor invisível que sai e que deve sair continuamente do nosso corpo e quando esta perspiração ou vapor fica retido no corpo destes doentes, a sua doença aumenta, cada dia as funções do estomago são todas imperfeitas; os sucos que lá se preparam sendo mal digeridos, não alimentam os corpos; estes mesmos licores ou sucos passam ao peito, à cabeça, ao fígado, aos intestinos, ao mesentério, comunicando-lhes vícios que contrairam! e todos os dias se realiza nesses corpos um círculo vicioso que aumenta a doença.

Vê-se que a sociedade civil seria feliz se se encontrasse um remédio fácil, pouco oneroso e tão eficaz que pudesse não somente conservar o estado de saúde, mas ainda curar ou aliviar os males de tão frequentemente atingem os homens: não encontro senão o banho Russo, administrado como prescreve a sã medicina, que possa produzir esse efeito.

Os incómodos causados por violentos exercícios por mudanças súbitas da atmosfera, as contusões, os resfriamentos, as grandes refeições, os excessos de bebidas e de prazeres, provocam uma languidez em todo o corpo e a prespiração insensível é suprimida, e aumentam todos os incómodos que descrevemos. Que aqueles que se ocupam de curar me indiquem um remédio tão eficaz, tão fácil e tão rápido a curar aquelas indisposições, como o vapor da água continuamente renovado e aplicado no corpo doente deitado nu no banho Russo. A quantidade de água que se deita nas pedras incandescentes dilata-se 1400 vezes mais que o seu próprio volume. Este vapor expande-se por toda a capacidade do banho tão rapidamente que obscurece a luz utilizada para assinalar os que se banham. Como a água contém uma infinidade de princípios elementares de ar e de fogo, quando a exposição se faz por meio de fogo, dilata-se com uma rapidez e uma força muito

grandes. Sabe-se que a pólvora para canhão, acesa, ultrapassa cinco mil vezes o seu volume, mas a água, com o seu ar elementar excede de vários milhares o espaço que ocupava. Este vapor, tão activo, tão penetrante e tão quente, aplicado a um corpo nu, deitado, já aquecido, respirando o ar de uma temperatura igual à do corpo humano e para mais, relaxa a pele; ela faz-se pelas mínimas artérias e veias de todo o corpo, tanto no interior como à superfície; o doente começa a suar, sente uma calma mais reconfortante e cai, sem se dar conta, num sono tranquilo e satisfatório.

Com o tremómetro de Farhenheit o qual marca na mão até 500 graus e fora da mão, preso no banho, cerca de 98 graus, experimentei tudo o que acabo de dizer, estando deitado nesse mesmo banho. Quando sentimos um calor incómodo, alguma dor de cabeça, algum embaraço na respiração, manda-se logo o banheiro deitar água em cima das pedras incandescentes: forma-se um novo vapor, um novo ar, o doente ou o homem são sente-se aliviado, funde em suores, sem fraqueza e fica numa calma que o deleita. Este vapor não relaxa as partes sólidas como o vapor dos banhos Romanos ou dos Turcos. O vapor dos banhos Russos está animado pelos elementos do fogo e pelos do ar renovados à vontade, eles dão flexibilidade à pele sem a relaxar, elasticidade aos órgãos da respiração, às veias e às artérias, este vapor restabelece a vitalidade de que certas partes estavam dotadas antes da doença.

Que pretenderam os médicos antigos e qual a finalidade dos modernos na cura das inflamações, isto é, nos tumores internos e externos com febre, dor e tensão, nas febres ardentes, varíola e nas febres pútridas e lentas?

É relaxar a pele, moderar o calor, temperar a sede e as dores, acalmar as inflamações, alcançar o sono e deixar ao cuidado da natureza a acção da causa mórbida para ser expurgada pela prespiração insensível e pelos suores, sem enfraquecerem. Para conseguirem este fim eles utilizavam a sangria, as evacuações, os diluentes e os refrescantes, as fermentações, os antisépticos, o leite, o hidromel, os ácidos misturados com mel, açúcar e os remédios mucilaginosos; mas se considerarmos atentamente a propriedade dos vapores animados pelo fogo elementar e pelo ar, veremos que eles serão mais eficazes, mais fáceis de executar que todos os remédios que acabamos de enumerar. Se as doenças fossem tratadas por um médico hábil, que mandasse fazer uso deste banho cada seis ou oito horas, tendo o cuidado de alimentar o doente enquanto ele descansa, fora do banho, na sua cama, e de lhe manter o intestino limpo à custa de alguns clisteres, estou persuadido que ficariam curados mais depressa e mais seguramente que pelo método ordinário. Não desprezo todos os remédios tais como

os purgativos, o ópio, o mercúrio, a quinquina; mas penso que o banho Russo pode ocupar parte das farmacoceias.

Percorramos com atenção o que os médicos se propõem na cura das doenças crônicas: Vejamos em que consistem a natureza e as propriedades dos remédios que eles utilizam, e veremos que a sua indicação principal é de produzirem uma leve febre, por meio da qual tentam dissolver a natureza espessa que causa a perturbação nas glândulas, nas veias, nas artérias capilares, nas tunicas de todo o corpo e nas suas cavidades. Por meio da mesma febre moderada, eles procuram aumentar a perspiração insensível, os suores salutares e a perfeição de todas as digestões de todo o corpo humano; para o conseguirem eles aconselham o exercício, as longas viagens, por terra e por mar, o sabão, as gomas da Ásia, os purgativos, e, misturados com essas gomas, os espíritos voláteis, os amargos.

Mas que fazem estes exercícios, a pé ou a cavalo, as frições, as longas viagens por terra ou por mar, senão aumentarem o fogo e o ar no nosso corpo, produzirem uma febre moderada renovando esse fogo e esse ar? O que é o sabão? É fogo e ar concentrados e condensados nos sais salinos, nos óleos ou gorduras, ou na cal. As gorduras da Ásia, os aromáticos, as raízes e as cascas amargas os espíritos voláteis, alcalinos e oleosos, contêm uma maior quantidade de fogo e de ar do que o resto dos medicamentos que encontramos na Europa; Todos estes remédios produzem uma febre moderada, uma prespiração insensível quando o estômago o digere. Eis o alcance da principal indicação médica nestas doenças; mas que se comparem todos estes soorros, todos estes remédios, com os vapores dos banhos Russos sobre o corpo humano durante quatro ou cinco horas no espaço de vinte e quatro horas; então ficaremos persuadidos que estes vapores activos e animados produzirão efeitos superiores aos que se podem esperar dos remédios que utilizamos diariamente.

Modo como banhar-se nos banhos russos. Tanto Públicos como Particulares

Entra-se nos banhos Russos, tanto públicos como particulares, logo que a lenha posta no forno está feita em brasas ou cinza, e quando o tubo por onde sai o fumo está perfeitamente fechado: Então o calor é ardente, e mesmo sufocante para os que não estão habituados desde a infância. Habitualmente não se entra nos banhos particulares antes de se ter deitado uma certa quantidade de água em cima das pedras ardentes postas no forno; e antes que o interior do banho esteja cheio de vapores. Os que entram para aí se banharem despem-se lá. O comum das gentes expõe-se ao calor ardente e sufocante antes que o

banho esteja completamente cheio de vapores; deitam-se nas duas ou três banquetas chamadas em Russo Poloc, onde o calor se faz sentir mais vivamente. Alguns sentem fortes dores de cabeça, outros sofrem uma sede excessiva; alguns sentem-se tão atormentados que bebem a água próxima, em grande quantidade, no próximo banho. Os que agem assim no banho arruinam a sua constituição, adoecem, e morrem mesmo algumas vezes no próprio banho, como aconteceu em Moscovo a dois criados, por terem bebido água com gelo, estando no banho. Se considerarmos com atenção os efeitos que produzem as bebidas com gelo, a água fria, ou a hidromel, quando o corpo está sofrendo os efeitos do calor quente e ardente, quando o banho, o cano da chaminé e a porta estão fechados, veremos, no mesmo instante em que se bebem esses licores frios, que se formam polipos, isto é, que o sangue se torna espesso; forma crosta no ventrículo direito do coração, na veia pulmonar, no sinus da dura-mater, a pele de todo o corpo, e o interior do pulmão secam e inflamam-se; então a febre surge com as consequências de uma inflamação generalizada a todo o corpo.

Quando nos sentimos esquentados no banho e o calor ardente se torna incômodo, deita-se água sobre as pedras quase em brasa: o vapor levanta-se com rapidez e com violência enche todo o espaço do banho e quando começa a dissipar-se e a mostrar-se por meio de gotas de água renova-se a água e torna-se o vapor ainda mais forte e espesso. Então usa-se abundantemente, esfregamo-nos com sabão, e com folhas de tília (em Russo berosé), amolecidas na água quente, e esfregadas com sabão: em acabando estas frições feitas por todo o corpo, mandamos deitar por sobre a cabeça vários baldes de água morna ou fria, á vontade de cada um. Acontece muitas vezes que os que vão aos banhos públicos, os quais são sempre construídos ao lado de qualquer ribeiro ou tanque, mergulhem na água ou na neve, antes de se vestirem e irem à sua vida. Os que se banham nos banhos privados, antes de eles saírem para tratarem da sua vida, passam para outro compartimento aquecido, mesmo provido de camas, onde se deitam e suam, algumas vezes passando aí a noite, o que é mais vantajoso para conservar a saúde, aumentar o vigor e a constituição do corpo.

Abusos cometidos vulgarmente pelos que se banham nos banhos russos

O primeiro abuso cometido no banho Russo, principalmente pelos que se banham nos banhos públicos é o de entrarem lá quando o ar do banho é ainda seco ardente, e que se sente imediatamente um aperto em volta da cabeça. Durante todo este

tempo, ainda que a lenha que serviu para aquecer esteja em brasa ou em cinza, e que se não sinta nenhum cheiro desagradável produzido pela lenha que ainda poderia estar no forno, ou pela humidade do banho, se antes ele estava gelado, não se deve lá entrar antes que tenham lançado sobre as pedras ardentes uma quantidade de água suficiente, e que todo o forno não esteja cheio de vapores. Seria de desejar que fosse proibido a cada inspector dos banhos públicos de lá deixar entrar quem quer que fosse, enquanto o banho não estivesse no estado de vapor que acabamos de determinar.

Há pessoas bastante imprudentes para entrarem tanto nos banhos públicos como nos particulares, depois de terem tomado as suas refeições, seja jantar, seja ceia. O banho é então pernicioso, principalmente se dele se faz frequentemente uso, o corpo torna-se pesado e penoso, gordo; sujeito aos fluxos; as digestões tornam-se imperfeitas; e a respiração é suprimida. Este abuso é ainda bem mais perigoso para o sexo, as menstruações desaparecem ou perturbam-se, seguem-se perdas brancas e muitas vezes os casamentos tornam-se estéreis. Nunca se deveria entrar no banho senão quatro ou cinco horas depois da refeição e o mais seguro seria o não entrar lá enquanto se sentisse o estômago carregado de alimentos e bebidas. As pessoas do povo não pensam se têm o ventre livre e algumas pessoas da classe média procedem da mesma forma, mas se se tem o ventre preso por dois ou três dias, com dores de cabeça, farão muito mal (sobretudo as pessoas do sexo em especial as mulheres grávidas) em irem aos banhos e de se banharem como de costume. O mal não seria tão grande para as pessoas que fazem exercício. Pode facilmente conseguir-se esta vantagem por meio de um clister ou mastigando um bocado de ruibarbo, ou empregando quaisquer outros que sejam mais caseiros.

Conheci várias pessoas que faziam uso de ventosas escarificadas, depois de terem suado e de se terem massajado nos banhos, usavam-nas cada mês ou todas as duas semanas, ou desde que se sentissem pesadas ou enfartadas. Penso que este uso de perder sangue sem necessidade passou da Alemanha para a Rússia, através dos banheiros que prestam serviço nas estufas deste país. Qualquer que tenha sido a forma de introdução, o que é certo é que ele é muito pernicioso; os que têm o hábito de perder uma libra ou mais de sangue por mês ou todas as seis semanas, são obrigados a repetir esta operação, ainda que as suas forças não sejam suficientes para aguentar esta sangria, porque, logo que a altura na qual estão habituados a tirarem sangue chega, todo o seu corpo se torna pesado, ficam inquietos e no primeiro grau de doença.

Tornam-se gordos mas fracos. O Sexo; esta san-

gria altera e suprime o curso das menstruações.

Todos estes inconvenientes levam a pedir aos que forem propostos para a superintendência dos banhos, para proibirem tais operações, sem ordem expressa de um médico autorizado.

Das frições com o sabão

As frições com o sabão e ramos de tília amolecidos na água quente tornados escorregadios pelo sabão, administradas depois de se ter suado algum tempo no banho, são um dos remédios mais eficazes para conservar a saúde; por este meio a circulação normaliza-se, as partes sólidas fortificam-se, a espessura ou a podridão do sangue são corrigidas: e como se respira um ar húmido quente e a uma temperatura semelhante ao calor do corpo, toda a máquina se renova ao mesmo tempo. O sabão é o maior dissolvente dos nossos humores; os que gozam de boa saúde não deveriam usar outra matéria para se esfregarem no banho; é preciso abandonar a água-ardente, as águas do cheiro, as pomadas, a infusão de rábano na água ardente e outras composições idênticas cujo uso foi intriduzido pela ignorância ou pelo luxo. Falaremos das doenças nas quais as frições com sabão são prejudiciais ou são salutares: no momento ocupar-nos-emos dos que gozam de boa saúde e que utilizam o banho para a conservarem.

O costume que há de nos lavarmos com água morna ou fria, ao sair do banho

Talvez me censurem por aquilo que repito com frequência, que a operação do banho é uma exsudação dos humores mais subtis do corpo, por meio do vapor quente e das fricções, mas o corpo deve sair ou tão quente como lá entrou. Todos que gozam de uma constituição robusta, que são saudáveis e fortes, podem lavar-se no fim do banho com água morna ou fria, esfregarem-se na neve e nadar no gelo, mas os que são de temperamento delicado, que têm o estômago fraco, o peito restabelecido da tosse ou sem tosse e que sentem habitualmente dores de cabeça, arriscariam muito expondo-se a mudanças súbitas e violentas. Esses corpos fracos, ou por constituição ou por doença, ou pela idade, depois de se terem esfregado com sabão enquanto ainda suam, não deveriam lavar-se senão com água morna e não devem mandar duchar as suas cabeças senão com a mesma água, seria mais conveniente que se metessem na cama num quarto aquecido ao lado do banho e aí passassem a noite. As mulheres da cidade devem tomar mais precauções a este respeito, a menos que a sua saúde iguale em vigor a das camponesas, ou das que são criadas no trabalho.

Não posso terminar a enumeração dos abusos que cometem os que se banham nos banhos públicos e particulares, sem censurar o uso universal e espalhado em toda a Rússia, de mandar entrar as crianças algumas horas depois do seu nascimento, nos banhos ardentes e sufocantes, antes que eles estejam temperados pelo espesso vapor.

É muito difícil destruir e desenraizar costumes estabelecidos numa nação, principalmente, quando eles são credenciados de bons sucessos.

Descreverei esta matéria que julgo da maior importância e sobre a qual ninguém até agora escreveu.

Quando uma mulher dá à luz e fica completamente livre e em estado de caminhar, seja durante o inverno, quando todos os caminhos estão cobertos de neve, seja durante outras estações, o costume estabelecido na Rússia é que ele saía de sua casa com a criança que acaba de dar à luz; ela vai ao banho público (falo da classe baixa), porque as que não são desta condição, entram nos próprios banhos construídos nas suas casas.

Vimos atrás o abuso de entrar nos banhos públicos ou particulares antes que eles estejam cheios de vapores; porque então o calor é ardente e sufocante, principalmente se as pessoas se deitam na segunda ou terceira banqueta. As mulheres, imediatamente depois do parto, entram nesses banhos geralmente antes que estejam cheios de vapores, suam abundantemente e fazem-se friccionar com sabão e com ramos de tília molhados em água fria; deitam por cima das cabeças vários baldes dessas duas espécies de água e em saindo do banho vão deitar-se nas camas. O método de suar abundantemente depois do parto, é soberano para prevenir várias doenças que são as consequências dos partos: é essa a razão pela qual espero me seja permitido entrar nalguns detalhes sobre uma matéria tão interessante para a humanidade e para o estado.

Todas as mulheres durante a gravidez, principalmente as que estão habituadas ao trabalho, acumulam nas veias uma super fluidez de humores serosos que tendem à podridão ou já estão deteriorados. Quando uma mulher entra em trabalho de parto, o qual dura algumas das vezes três dias, as partes do seu corpo que estão sempre cobertas, quentes e ao abrigo de todas as espécies de ar, são expostas muitas vezes ao ar; elas arrefecem mais ou menos, segundo a duração ou dificuldade de trabalho, e este arrefecimento não se cura nunca senão por uma febre ligeira, se esta mulher não der de mamar ao seu filho logo que nasce; o leite fica nos seios e incham, a febre aparece e cresce à do resfriamento.

Logo que a mulher dá à luz, é atormentada pelas dores, cólicas tão incômodas e tão fortes, que as eliminações param, então a febre torna-se mais

violenta; um facto mais é que depois do parto todas as partes ficam em estado de inflamação: nestas circunstâncias, qual o remédio apropriado mais eficaz, que o de expor tudo, o corpo ao vapor da água quente e de respirar ao mesmo tempo este vapor.

O suor provocado pelo vapor do banho aumenta a circulação do sangue e a pele relaxa-se, bem como todo o sistema das artérias e das veias; as serosidades suprabundantes reunidas durante nove meses, eliminam-se sob a forma de suor pela pele, a transpiração suprimida durante o trabalho de parto sai com o suor, a tensão dos seios cheios de leite, o inchaço, as dores, e as cólicas dissipam-se enfim a desobstrução obtém-se mais prontamente por este método os socorros que se poderiam esperar com todos os outros remédios. Se esta mulher se sentir incomodada depois de ter estado no banho, se sentir dores, no seio ou algures, volta para o banho, sua aí abundantemente, antes e depois de ter sido friccionada com sabão, e fica curada; a partir do 5 dia fica em condições de ir às suas ocupações, de trabalhar e de alimentar o filho. Logo que tive a confirmação do sucesso desta prática na Rússia, o meu método de tratar e de curar as mulheres e as damas depois do parto, era de as manter na cama, de se agasalharem bem, as mãos e braços sempre debaixo dos cobertores tendo a cabeça coberta; faziam-lhes tomar as bebidas e os alimentos sempre quentes, e manterem o corpo a transpirar ou pelo menos num estado de transpiração definido durante os cinco primeiros dias: não me arrependo de ter aprendido este método das camponesas Russas, e de outras mulheres que as imitam.

Não é necessário persuadir as mulheres da classe baixa da Rússia, a utilizarem o banho de vapor depois de darem à luz: seria desejável que todas as mulheres da Europa também os usassem; evitariam bastantes sofrimentos e doenças crónicas, e conservariam a sua beleza, as suas graças e os dentes.

Por cálculos concretos de economia política parece que nas grandes cidades em dez parturientes morreram 3. Cada médico é livre de pensar e de falar da causa desta mortalidade com a mesma liberdade com que o faço, ousar afirmar que esta mortalidade vem do virus venérico, tão escondido e tão difícil de desenraizar e de curar. e se não se faz suar as parturientes durante os primeiros cinco dias, a sua morte neste estado é quase inevitável. Sabe-se, pelo relato acima, que as mulheres que deram à luz recuperam as forças e a saúde pelo uso do banho de vapores; mas nunca se presta atenção, quando essas mulheres utilizam o banho, se elas lá entram quando ele está em vapores ou sem vapores: é um costume apanhado nos banhos públicos, e mesmo muitas vezes nos banhos privados; mas veremos a

seguir os efeitos perniciosos que daí resultam para as crianças que lá se banham com as mães. Os banhos de vapores Russos são sempre perigosos quando lá se entra quando não está cheio de vapores. Como todo o povo Russo está habituado a isso desde a infância, ele não se apercebe facilmente quando o ar está demasiado seco e ardente: os Russos não atendem aos defeitos perigosos e aos males que sofrem os que não estão habituados a sentir e a respirar de repente um ar tão seco, tão ardente e tão sufocante. Daí advém que as mulheres não sofrem quase nenhum incómodo depois dos partos, banhando-se em banhos públicos ou particulares antes que eles estejam cheios de vapores; mas não sucede o mesmo em relação aos filhos, os quais deram à luz algumas horas antes: nós vamos demonstrar os inconvenientes que a humanidade recebe, e a perda que o estado sofre com esta prática.

Se observarmos com atenção o que se passa na economia de uma criança durante as primeiras 20 ou 40 horas do seu nascimento, verificamos que a circulação do sangue que se faz pelo pulmão, produz nele uma agitação contínua e uma espécie de febre como numa leve peripneumonia; ela mostra-o bem com a sua inquietude; e o mais eficaz remédio, enquanto o pulmão não está completamente livre e desenvolvido, antes que a circulação do sangue lá seja livre e perfeitamente estabelecida, é a tranquilidade, o sono, e de o pôr ao peito a mamar logo que acorde, gritando.

Sabe-se que o feto, no ventre da mãe conserva todos os excrementos que se formam no seu intestino; quando de lá sai respira, evacua alguns: tem-se grande cuidado, e com razão, de fazer de forma que esses excrementos escuros sejam evacuados, porque a experiência provou que se ficam retidos nos corpos dos recém-nascidos, eles provocam doenças que em pouco tempo levam à morte.

Consideramos agora esta criança entre os braços de sua mãe deitada na primeira ou segunda banquetta nos banhos Russos, 10 ou 20 horas depois de ter visto o dia, respirando um ar ardente, seco, durante vários minutos, e vejamos os efeitos que daí resultam nesse corpo tenro e delicado. Devido ao calor seco e ardente do ar que ele respira, o pulmão não se dilata, não somente devido ao ar ardente que o impede de respirar livremente mas também porque o pulmão que é ainda tenro, se encontra comprimido e quase desde a sua formação, uma parte do sangue fica lá retida e a outra parte é obrigada a regressar ao canal arterial e à cavidade oval.

A criança fica quase sufocada, e como se tivesse uma inflamação no pulmão. Consideraremos o embate que sofrem esses tenros órgãos devido a esse ar ardente e seco que impede as operações

mais necessárias da vida as quais são a respiração livre e a facilidade de circulação do sangue. Esta única causa é suficiente para fazer parecer um recém nascido em pouco tempo, mas ainda há outra que não é menos mortífera. Os intestinos desta criança estão ainda cheios de excrementos negros, os quais quando foram retidos provocam a sua morte. O calor deste banho aperta toda a pele, a superfície do entérior e do pulmão e a cavidade dos intestinos; a sua capacidade reduz-se; o mecónio torna-se mais glutinoso, mais duro; toma uma consistencia semelhante à do pez, e assim não pode nunca sair totalmente pelas vias naturais e provoca em pouco tempo mil incomodidades que terminam na morte. (a)

Para remediar este abuso seria necessário que houvesse uma lei que proibisse, sob penas perigosas a entrada nos banhos a quem quer que fosse, antes que estivessem cheios de um vapor espesso e que vissem as gotas de água na sala dos banhos.

Das doenças nas quais não devem friccionar-se no banho de vapor, nem lavarem-se com água fria e menos ainda com gelo

Dissemos mais acima que os que se queixam da fadiga, de peso na cabeça, os olhos carregados e inchados, com dificuldade de se moverem, depois das fadigas e dos exercícios violentos, ou depois de excessos na alimentação, na bebida, etc., que os que tinham dores, inchaços, contusões depois de queda se curariam por meio de banho de vapor, se não houvesse factura ou luxação. A queda que o Dr. Muller deu do cavalo na Sibéria, com dores de rins muito vivas e inchaço, foi tratada por meio do banho de vapor que lhe foi ordenado pelo Dr. Gmelin, Professor de Anatomia Imperial (Vd. Tomo XVII de "Histoire Générale des Voyages", p.331, Paris, 1768, in:4.).

Logo que a criança esteja lavada e depois que a mãe esteja arranjada e sentada na cama, ela deve, ao fim de uma hora ou duas, dar o peito ao filho. Se ele não o toma à primeira ou à segunda vez, não se deve por esse motivo dar-lhe uma outra bebida ou alimento, nem o peito de outra mulher; essa criança não precisa de alimentos, nas primeiras 24 horas, a sua única necessidade é o sono, para estabelecer a nova circulação do sangue.

Se a mãe tivesse a habilidade de pôr ela mesma o bico do seio na boca da criança, mesmo quando ela dorme, ela chuparia uma espécie de leite como o soro do leite, o que seria vantajoso para a criança e para a mãe. Este leite alimenta o bebé, e ao mesmo tempo expulsa os excrementos formados no seu intestino durante a gravidez da mãe: fica assim livre de várias doenças e mesmo da morte permaturo.

A mãe dando ao filho tanto leite como o que ele possa tomar, previne a febre do leite, cerca do 3°-

dia como sucede nas que não dão peito aos filhos. Então as cólicas não serão suprimidas. Aquelas não sentirão as dores na região do umbigo; e se entrassem no banho de vapor com os filhos, 12 a 20 horas depois de terem sido à luz, ficariam de saúde no 5º- ou 7º- dia, e em estado de se levantarem. As crianças seriam sãs e vigorosas, se as mães não estivessem atacadas de uma antiga doença.

O banho Russo seria o mais salutar para aliviar instantaneamente esses incómodos, fazendo frições com sabão e ramos de tília, lavando-se depois com água morna ou com água fria, o que tornaria o corpo ágil e vigoroso; e dormindo depois durante algum tempo, ter-se-ia o espírito e a cabeça perfeitamente aliviada.

Os mesmos banhos, as mesmas frições, as mesmas loções com água morna ou fria seriam um alívio e um remédio excelente nos desgostos, nas depressões, no aborrecimento, na tristeza, de seguida a acessos de paixões fortes: então o banho de vapor é preferível às viagens por terra ou por mar; seria o alívio mais rápido e mais fácil.

Mas se esses incómodos são acompanhados de febres, de dor de cabeça, de arrepios, de sede, de calor ardente, de dores de rins e dos músculos das pernas, que o doente não consiga estar sossegado, que não possa ficar deitado, nem de lado, nem de costas, que o ventre esteja preso, duro, tenso, com hemorroidas tumefactas, que a língua esteja seca, amarelada, branca ou escura, que os olhos estejam vermelhos; pode então utilizar-se o banho, logo que ele esteja em vapor e a uma temperatura temperada, e suar lá tanto quanto as suas forças o permitam; mas é preciso evitar as frições e não devem então lavar-se com água fria no fim do suadouro. Lavar-se-ão unicamente com água morna, deixando-a cair suavemente sobre a cabeça. Sair-se-á do banho bem agasalhado, e vai-se para a cama; e se ainda há sede e fraqueza, tomar-se-ão alimentos e bebidas convenientes.

Todos os doentes que têm febre e estão acamados, tomarão como único alimento, o caldo feito com farinha de aveia, de centeio ou de trigo negro preparado à moda dos Russos (a): é um alimento muito salutar em todas as espécies de febre e que não difere da tisana dos antigos médicos gregos.

As bebidas serão ou hydrogale, ou meio leite, adoçado com um pouco de açúcar ou mel, ou bebidas aciduladas por meio de vinagre ou de azedas. Pode fazer-se ferver as azedas em leite que talhará; e coando-o através de um pano, ter-se-á um soro de leite agradavelmente ácido, que será adoçado à vontade (b),

Os doentes que têm febre devem ir todos os dias ao banho de vapor, uma ou duas vezes durante 24 horas, e algumas vezes todas as noites ou todas as seis horas, consoante se achem mais esquentados,

que não durmam, que as dores aumentem, e que elas não lhes dêem nenhum descanso: depois do 5º- ou 7º- dia, os doentes assim tratados pelos suores e as bebidas aciduladas, enfraquecerão; acrescentar-se-á então à bebida uma muito pequena quantidade de água ardente, mas com uma tal moderação que ela não possa esquentar, nem provocar nenhuma dor de cabeça, nem aumentar a febre. Tenho a experiência que este método é excelente para curar todas as espécies de febre desde o seu aparecimento até ao seu declínio, com auxílio do banho.

Os doentes que têm febre e que são forçados a estar na cama, sentem embaraço na respiração; têm dores fixas e agudas, ou no meio do peito, ou de um ou de outro lado, com uma tosse seca e escarros; algumas vezes deliram, perdem o conhecimento, caem em convulsões. Estes sintomas não devem impedir de se meterem os doentes no banho de vapores, e de lhes deitar sobre todo o corpo nu e deitado, água morna enquanto transpiram; é preciso continuar esta operação docemente e até à diminuição do transporte das dores e das convulsões. É preciso que o doente lá fique uma ou duas horas, e algumas vezes mais, sempre numa transpiração moderada, pelo novo aumento do vapor deitando água sobre as pedras ardentes, enquanto ele não enfraqueça e possa resistir a esta exsudação. Os doentes irão para a cama ao saírem do banho, e restabelecerão as forças com os alimentos e bebidas descritas acima. Se, algumas horas depois os mesmos males voltarem, entrarão de novo no banho, o que se repetirá 2 ou até 4 vezes nas 24 horas assim nos dias seguintes até à cura completa.

A varíola, a rubéola e as outras doenças com febre, dor, sede, dificuldade de respirar, devem ser tratadas da mesma maneira. As frições com ou sem sabão são sempre perniciosas nestas doenças e é então perigoso lavarem-se ou banharem-se em água fria. Eu disse acima que quando se está no banho de vapor, e quando aí se sintam sede, calor, inquietude, se se deitar água fria sobre as pedras ardentes, o vapor que se levanta refresca logo de imediato o doente, e ele sente-se logo aliviado.

Em Petersburgo e em Moscovo os banhos são bastante espaçosos e as pessoas estão, nestes banhos deitadas a uma certa distância do forno: o vapor que se levanta circula na capacidade do banho, e o doente não respira tão ardente como os outros banhos mais pequenos.

Não sucede o mesmo nas outras cidades e vilas: os banhos são aí tão pequenos, e mal construídos; o vapor que se levanta da água lançada sobre as pedras ardentes não tem o espaço suficiente para circular; então este vapor é ardente, e não deixa de o ser senão quando o fogo das pedras começa a diminuir.

Acontece muitas vezes que nas febres quentes o

sangue sai pelo nariz, pelo ânus e pelo canal urinário. Se o doente está no banho quando surgem estas perdas de sangue, é preciso fazê-lo sair de lá imediatamente, deitá-lo num lugar frio e fazer-lhe beber continuamente água fria gota a gota, com partes iguais de vinagre, ou um terço, consoante as suas forças: é o remédio específico de todos os fluxos de sangue, com excepção dos da natureza: neste o remédio é a água pura e fresca, bebendo-a continuamente gota a gota, e respirando ar livre e frio.

Das doenças nas quais é necessário utilizar fricções no banho de vapor

Pode fazer-se uso do banho de vapor e mandar executar fricções com sabão e com ramos de tília, em todas as doenças que não são acompanhadas de febre, de alterações da saúde e de dores com ardor, isto é, as fricções são sempre úteis para fortificar o corpo e aumentar a perspiração insensível; e quando são feitas com sabão, são mais eficazes: porque sendo o sabão composto de sal alcalino e de matérias gordas, contém muito fogo e ar elementar e por esta razão abre os poros da pele, e aumenta a perspiração insensível bem como a circulação; e provoca uma ligeira excitação e febre em todo o corpo; torna-o mais leve, mais activo e mais animado. Quando se cai em doenças que têm a sua origem no estômago, como a falta de apetite, digestões difíceis, seguidas de sensação de peso, de dores, ómitos, gases, regorgitação; de cólicas, obstipação, de tonturas, é necessário fazer uso do banho de vapores com fricções todos os dias, durante um mês ou seis semanas, e seguir ao mesmo tempo um regime de alimentos de fácil digestão, seguindo ao mesmo a recomendação de não trabalhar e de não haver constantemente preocupação quanto a qualquer assunto.

O doente neste estado torna-se melancólico, com sono inquieto e interrupto; fica fraco; algumas vezes o seu rosto fica amarelo, sente um peso no lado direito, dores de rins e lassidão ao mínimo movimento. Este estado deriva geralmente de febres mal curadas, de um trabalho árduo, de desgostos, de ter levado uma vida triste, uma vida monótona, sem exercício como acontece nos conventos; consequências de doenças venéreas que não estão curadas ou que foram mal tratadas.

Em todas as doenças de peito, com dificuldades respiratórias, com tosse, quando não há febre, quando se não cospe sangue, podem utilizar-se os banhos de vapor, todos os dias com fricções, até que se sintam aliviados ou curados.

Então uma bebida semelhante á que se faz com quasi mel, vinagre, e uma pequena quantidade de água ardente, seria um remédio, e serviria em parte

como alimento. A alimentação mais conveniente nas doenças de peito, em que não há nem febre; nem alteração, nem dor de cabeça violenta, é uma gema de ovo diluída em água a ferver, a qual se junta um pouco de mel ou de açúcar, tomando-se uma ou duas vezes em vinte e quatro horas.

O banho de vapor com as fricções, e os remédios que acabo de indicar para as doenças de peito, convêm em todas as doenças de rins, ureteres, quando não há febre.

Dos males que causa a doença venérea e dos remédios adequados ao seu tratamento

Quando se consideramos males infinitos e destrutivos que a doença venérea tem causado desde há 300 anos, fica-se surpreendido que os governos da Europa não tenham até agora tomado precauções contra a sua malignidade, e o dano que ela provoca na população. O que ainda mais é de lamentar, é que os que são atacados, não serão talvez nunca mais libertados radicalmente da doença; ela é rebelde a quase todos os socorros que os médicos e os cirurgiões puseram em uso até agora: esta desgraça seria ainda tolerável se as crianças nascidas desses casamentos infectados, não fossem atingida; mas infelizmente acontece o contrário, e é visível que as gerações perderam muito das suas forças e do seu vigor desde que esta doença apareceu na Europa. Lembro-me que durante a conversa que tive com ele sobre os homopitecinæ que estavam sobre o seu comando: Tenho vergonha de ver hoje a pequena estatura das nossas tropas; na batalha de Norva em que éramos 60.000, eu era das mais pequenas estaturas.

Era então um venerável velho de estatura avantajada.

Não direi que a diminuição da estatura e das forças atléticas da nação Russa provêm unicamente da doença venérea: há várias razões bem conhecidas desta mudança, tais como o desmazelo ou o desprezo que a nobreza dos dois sexos tem pelo banho de vapor; a moleza ou o luxo introduzido desde 1725, ano da morte de Pedro o Grande, etc. ... Recordo-me de ter visto em Moscovo, em 1731, vários nobres de rica estatura, de saúde robusta, ainda que no declínio da idade: conheci os filhos deles que estavam no serviço militar, e que não os igualavam nem em estatura nem em vigor.

Sei que esta diminuição de estatura e das forças não é tão generalizada nas províncias do Império como nas cidades capitais; no entanto apercebemo-nos desta mudança aquando da chegada dos recrutas aos quartéis.

Os vícios poderiam em parte ser eliminados pela frequentação dos banhos de vapor. Como os camponeses, os artesãos, e geralmente de todos os

sexos, das classes baixas, de todos os estados, quando são infectados por esta doença, não podem seguir com toda a exactidão necessária os remédios que lhes preceituam as gentes da arte, e que eles tirariam pois os maiores socorros do uso frequente do banho de vapor, alongar-me-ei aqui sobre as suas virtudes e demonstrarei que ele pode remediar a esta terrível doença. Os maiores males que esta doença venérea causa da sociedade civil, não são produzidos durante o tempo em que os doentes sofrem dos ardores da urina, que tem um escoamento de matéria esbranquiçada, amarelada, verde, sanguinolenta, em que sentem dores, quando têm chagas, febre, tumores, nas partes destinadas à reprodução, porque os dois sexos não podem, por causa das dores, contactar neste estado, ou pelo menos senão com dificuldade e raramente. O mal principal deriva de quase estas doenças no começo do contágio, são mal tratadas e nunca perfeitamente curadas. Três semanas ou quarenta dias depois, as dores, os ardores, e os tumores acalmam-se o vírus espalha-se por todo o organismo, e dá-se então a conhecer pela mudança da cor do rosto, pela vermelhidão dos olhos, pelas dores de garganta, a dificuldade de engolir, pelas dores no centro dos ossos longos, a dificuldade das pernas, das coxas, e dos braços durante a noite, com a lassidão de todo o corpo, por úlceras no rosto, úlceras em qualquer parte da pele. Todos os sinais se dissipam com o tempo, ou por meio de alguns remédios ou pelo vigor de um temperamento, e então estes doentes não sentem nem dores nem incômodos que impeçam as funções da vida. O veneno desta doença fica muitas vezes escondido no sangue; se se casam, e que nascem crianças desses casamentos, ou as crianças morrem em pouco tempo ou elas enlanguescem cheias de deficiências que as tornam pesadas a elas mesmas e aos que delas devem cuidar.

Esta disposição viciosa é também a causa de várias doenças lentas que são a amargura da vida das mulheres, depois da cessação das regras. Elas revelam-se através dos incômodos da melancolia, e dos males vulgarmente denominados do útero ou da matriz, por dores dos olhos, da cabeça, cólicas, pedras nas urinas; e entre a classe baixa e os soldados, sob a forma de escorbuto. Enfim esta doença aparece disfarçada sob a forma de todas as doenças lentas, conhecidas até agora por médicos. Na Rússia ela aparece mais commumente com os caracteres da doença chamada *dineja*, que é o escorbuto. Os camponeses, os operários que trabalham ao ar livre, os soldados que suportam frios com os fatos húmidos e molhados, se dormem neste estado, são imediatamente atingidos pela doença. Tenta-se em vão curá-los com os remédios adequados ao escorbuto; todos estes remédios se tornam inúteis. Esta espécie de escorbuto que se encontra nas e

nos hospitais da Rússia é habitualmente provocada pela doença venérea degenerada.

Estou persuadido que os três quartos das doenças crônicas na Rússia, provêm originariamente da mesma causa escondida e disfarçada sob forma de outras doenças.

Remédio contra esta doença

Se qualquer doente de um ou de outro sexo se acha atingido por alguma das lesões de que acabo de falar, não conheço outro remédio neste estado, senão o de ir todos os dias ao banho, pelo menos uma vez em 24 horas, mas o mais seguro e o melhor seria ir lá duas vezes, e ficar de cada vez duas horas em suor, fazendo-se friccionar com sabão e ramos de tília, lavarem-se de seguida com água morna, e deitarem-se ao sair do banho. Far-se-á ao mesmo tempo uso de uma forte decoção de "luxo" ou de zimbro, se não há febre, dor, ardor nas partes de reprodução, porque então terá de se beber hidromel. A tintura de sublimado corrosivo é um remédio seguro e poderoso, com o auxilio do banho a vapor, ele é também o menos dispendioso e fácil de preparar, mas não deve ser administrado senão por um médico ou um cirurgião ben instruído. Comecei a utilizar esta solução em 1743 e, a meu pedido, o sábio Sr. Schreiber usou-a no hospital de terra. Eu dava uma dose de uma onça e algumas vezes de duas aos doentes, antes que entrassem no banho de vapor, e eles iam lá duas vezes por dia e no espaço de três semanas, alguns dias a mais ou a menos, ficavam curados. Poucos anos depois apercebi-me que o efeito deste remédio era mais rápido e mais salutar e mesmo mais agradável para os doentes quando se lho dava logo que eles saíam do banho, e eram metidos na cama num quarto aquecido. O doente então suava abundantemente: dava-se-lhe de beber enquanto suava, decoção de salsaparrilha ou de bardana bastante forte. Desde então a experiência confirmou a minha tentativa. Fui talvez o primeiro a compor esta tintura, como segue:

Sublimati corrosivi, gr. vj
 Spiritus vini communis Rutheni vulgo Gbettok, 3xij.
 Digerantur per xxx horas calore arenae,
 saepùs agitando,
 Servetur ad usum

Infelizmente verificou-se que esta tintura, sem auxilio dos banhos de vapor, não produz os efeitos que verifiquei, e que muitas vezes matou os doentes quando se negligenciou fazê-los suar.

Como a doença venérea está tão espalhada e é tão difícil de curar, é necessário indicar os meios para a vencer, e mencionar os alimentos e bebidas que não impedem o efeito dos remédios que se usarão

para a combater.

Em geral, o leite é contrário à cura do vírus que provoca a doença venérea, é preciso no entanto distinguir os diferentes estados desta doença. Quando o doente sinta ardores, dores, tenha inchaço, tumores nos órgãos genitais com úlceras, com escoamento das matéria purulentas, correntes, esbranquiçadas, amarelas, verdes, sanguinolentas, que atormentam o doente, pode fazer-se uso do leite cortado com metade ou um terço de água; pode também escolher-se como bebida morna ou fria soro de leite, ou leite desengordurado; mas logo que este estado inflamatório esteja curado com o auxílio dos banhos de vapor, é preciso abster-se de leite como alimento, e como bebida ainda que preparado como acabámos de indicar.

Para aliviar as dores, ardores e calores das partes genitais inflamadas ou ulceradas, podem usar-se cataplasmas feitas com farinha de aveia; o leite e as gemas de ovo que se aplicarão sobre as partes doentes ao sair do banho de vapor; quando se está deitado nu no banho, não se devem usar cataplasmas nem outros remédios externos, senão o próprio vapor do banho.

Ao terminar este artigo observarei que aqueles que estão atacados da doença venérea, com chagas escorbúticas, desinterias, cancro, numa palavra, doenças cuja podridão e mau cheiro são insuportáveis, devem banhar-se em banhos que apenas serão destinados a este uso, ou em banhos particulares, se os seus recursos lhes permitem tê-los; que quando eles tiverem saído será necessário purificar o banho lançando sobre as pedras incandescentes, vinagre, quer puro, quer misturado com água, ou uma pequena quantidade de pólvora, distribuída em diferentes lugares e à qual se deitará fogo.

Talvez que em tempo de peste ou de doenças epidémicas contagiosas, se se purificassem todos os dias os banhos com os meios propostos, se pudessem permitir o uso do banho de vapor com utilidade, ainda que durante essas calamidades ele seja proibido na contingência de aumentar o contágio; mas é necessário que a experiência decida, antes de aventurar este remédio em tempos de peste.

Os bons efeitos produzidos pelo banho de vapor na varíola, * a pleurisia, etc.

As varíolas que tratei em Moscovo, em Petersburgo, no governo de Verónis e na Ucrânia, não foram mortais, excepto numa jovem mulher Kalmuque e um jovem da mesma nação.

Não sei nas províncias que bordejam a Tartária ela é funesta para os habitantes. Soube de um Senhor que tinha as suas terras no Reino de Casan, que os camponeses tomavam pelo nariz pó feito com crosta

secas de varíolas e que em seguida se metiam no banho de vapor para suarem durante perto de 3 dias, e que no meio desta operação eles se livravam da varíola. Não duvido da veracidade deste relato, sabendo que esta espécie de inoculação é conhecida na China sem o apoio do banho.

Talvez que os Tártaros da Mongólia e Tongous e os súbditos de Cuntaish façam uso da mesma operação, e que os habitantes de Casan e de Usa dela façam igualmente uso.

Os sinais mais mortíferos que notei na varíola são uma espécie de dor de garganta dolorosíssima que impede totalmente o doente de engolir, hemorragias uterinas nas raparigas ou mulheres no início desta doença e urinas sanguinolentas nos homens, com febre alta, dores por todo o corpo e sobretudo na cabeça. Estou convencido que, se estes doentes utilizassem o banho de vapor duas ou 3 vezes por dia, logo que são obrigados a ficar na cama, não cairiam em tão terríveis sintomas, principalmente se a água lançada sobre as pedras incandescentes fôsse misturada com vinagre. Penso que a dor de garganta e a dificuldade em engolir nesta doença se poderia prevenir ou dissipar-se pelo mesmo meio, e aplicando uma cataplasma feita de sementes de mostarda moídas, de farinha e de óleo de linhaça; por-se-ia esta cataplasma à volta do pescoço; e logo que o doente sentisse um ardor incómodo, tirar-se-lhe-ia, e ele seria então exposto ao banho de vapor onde este ardor em breve se dissiparia.

Pode aplicar-se esta mesma cataplasma na dor de peito nas pleuresias com febre e dificuldade de respirar, e agir da mesma forma, indo ao banho de vapor três vezes em 24 horas, e lá ficando pelo menos hora e meia, ou duas horas, se a fraqueza ou perda de forças a isso se não opposerem. Esta doença é muito rara na Rússia, e só a vi uma vez em Noureï Paulushka, num oficial Russo que regressava da província de Bacou, na Pérsia.

Nestas doenças os alimentos devem ser o hidromel, o leite desnatado, o soro de leite, o quiz acidulado e adoçado com mel ou açúcar. Logo que a inflamação tenha passado, e depois do décimo primeiro dia, pode animar-se ligeiramente esta bebida com uma muito pequena quantidade de água-ardente; pode-se também permitir deitar-lhe então a *Cacha*, que é ao mesmo tempo remédio e alimento, e convém singularmente nestas circunstâncias.

A doença conhecida sob o nome de fluor albus é muito comum em vários climas, sobretudo nos países frios e húmidos, em que as mulheres estão sujeitas à supressão das regras. Esta doença é prejudicial para as mulheres; pode torná-las estéreis, e afastar delas os maridos. Tenho a experiência que uma forte decocção dos extremos dos ramos recentes de giesta picados, tomada na dose de três copos de manhã, durante três semanas ou um mês, tomando

todas as noites o banho de vapor, e deitando-se elas depois de ter recebido a água morna sobre o corpo, curariam esta doença.

Penso que se poderia tentar o uso do banho de vapor no tratamento do cancro quer oculto quer aberto, tendo o cuidado de ao mesmo tempo utilizar cataplasmas de cenou ras amarelas e, na sua falta, de nabos, que se retirariam ao entrar no banho, afim de que a parte doente ficasse exposta, como o resto do corpo, ao vapor de água quente. Antes de sair do banho esfregar-se-iam com sabão todos os sítios que não estivessem doridos. Seria necessário continuar estes remédios durante quatro meses, e não tomar durante todo este tempo nenhum alimento vegetal: ter-se-ia também cuidado, se houvesse úlcera de a não enxugar ao fazer o penso, co receio de ferir a carne viva e fazé-la sangrar, o que não faria senão aumentar o mal. Não preciso avisar que seria necessário juntar vinagre à água que se lançasse sobre as pedras incandescentes, para purificar o ar do quarto.

Proponho o método seguinte para curar a hidrofobia:

É preciso 1º que aquele que teve a infelicidade de ser mordido por um animal raivoso: faça imediatamente uso, durante quarenta dias seguidos, duas vezes por dia, do banho de vapor; mas deve misturar-se com água que se deita sobre as pedras incandescentes uma segunda parte do vinagre. Não se deve aplicar pensos nas chagas feitas pelo animal raivoso, senão com panos ensopados numa mistura feita em partes iguais, de água e vinagre. Se o doente tem medo da água, e que nem a possa ver sem estremecer, é preciso que entre no banho todas as seis horas, e que lá fique tanto quanto puder suportá-lo, sem desmaiar. Não se deve aplicar nenhuma fricção no corpo, mas somente deitar sobre o doente uma grande quantidade de água morna logo que ele saia do banho, e em seguida levá-lo para a cama.

Durante todo o tratamento o doente deve evitar os prazeres do amor, os licores espirituosos, as paixões vines, é preciso obrigá-lo a habituar um lugar obscuro. A alimentação será *gruan* (massa de flor de farinha) com caldo, muito pouca carne ou peixe leve, e que não seja salgado. A bebida será acidulada; se o doente estiver fraco, poder-se-á animá-lo com uma pequena quantidade de água-ardente. Tendo considerado as virtudes dos remédios que pus em uso para a cura desta doença, e tendo combinado os seus efeitos, acho aqueles que acabo de propor mais eficazes e mais fáceis de executar.

Sobre os efeitos destes banhos, a usarem-nos segundo as regras da medicina, e a redigirem por escrito, sob a forma de jornais, todas as suas observações, para instruírem a posteridade, e

tornarem-se úteis à sociedade.

Da construção do banho de vapor:

Se me contentasse em falar só da excelência dos banhos da Rússia para a conservação da saúde e a cura de várias doenças, sem falar da construção destes banhos, tanto públicos como particulares e dos banhos construídos expressamente para a conservação da saúde e dos que são construídos para a cura das doenças, o meu trabalho tornar-se-ia inútil:

Como só ao Estado compete fazer a despesa necessária para a construção destes banhos, e para a sua manutenção, seria necessário que houvesse um tribunal de polícia espalhado por todo o reino para fazer a sua inspecção, e para lhes impor os regulamentos necessários.

A água e a lenha são as coisas mais precisas para o funcionamento dos banhos; para constuir um banho público é pois necessário escolher o terreno mais conveniente, para ter essas coisas com o menos de despesa possível tanto quanto as circunstâncias o permitem.

Quando o terreno estiver marcado, será necessário abrir dois canais paralelos, bastante longos, e profundos, revestidos de pedras ou tijolos, para um escoamento das águas que serviram à utilização do banho e das imundícies. Enquanto se fizer esta obra tão necessária para a salubridade do banho, poderão construir-se as suas fundações ou de pedras ou de tijolos, com a altura de cinco a seis pés fora da terra; estas fundações devem ser construídas entre os dois canais que acabamos de marcar, os quais deverão terminar em qualquer ribeiro ou pelo menos nalgum declive do terreno e afastado do banho.

O primeiro de cada lado deste balneário deve ser de dezasseis até dezoito pés, medida inglesa; a altura, desde o soalho até ao tecto deve ser de dez até onze pés, mesma medida.

Seria bastante se lá se colocassem duas banquetas em vez das três que por hábito se costumam pôr em volta da capacidade do banho. O espaço restante deve sempre ser aberto, e nunca fechado ou escondido pelos degraus que servem para as pessoas se deitarem sobre as banquetas. É necessário que o vapor e o ar encerrados na capacidade deste edifício sejam igualmente aquecidos por toda a parte.

Estas banquetas devem ter pelo menos três ou quatro pés, afastadas do forno que estará sempre colocado à esquerda quando se entra, o centro encostado à muralha. Não determino as dimensões do forno nem da sua arcada nem das aberturas até à grande canalização. A capacidade do banho determina as suas proporções, que qualquer arquitecto pode facilmente determinar; porque "a prin-

principal finalidade deste forno é que ele seja suficientemente espaçoso, e bastante bem situado para que o vapor, ardente que se levanta das pedras vermelhas se expanda num instante em toda a capacidade do banho e que aí circule livremente. O soalho deste edifício deve ser inclinado de modo a que a água que se deita sobre a cabeça dos que se banham, possa ir ter a um pequeno canal praticado num dos lados do banho e que as águas caiam no aqueduto que se contruiu; o que contribuirá para a conservação, a limpeza e a salubridade da edificação.

Querer que tudo seja feito na maior ordem é a mesma coisa que reduzirmo-nos a nada querer fazer. Seria de desejar que os banhos públicos fossem construídos de pedras talhadas, ou de tijolos bem cozidos. Para esta construção, gastar-se-ia menos madeira; os banhos conservariam o calor o dobro do tempo que aqueles que são construídos com madeira; durariam mais de um século, e os de madeira não podem durar além de dez a doze anos: estes apodrecem facilmente devido à humidade e ao calor; para mais perderem calor pelos ângulos e pelas fendas que ficam sempre entre as tábuas, apesar do musgo e dos revestimentos que lá se põem.

Não se pode duvidar destes factos; mas se considerarmos a enorme despesa que seria necessário fazer se se construíssem banhos semelhantes em todas as cidades e vilas de um Estado, e se tivermos em conta que os habitantes das diferentes aldeias não poderiam aguentar essas despesas, então tentar-se-iam em construir os banhos públicos com boas madeiras, com excepção das fundações, tendo o cuidado de o ar exterior não pudesse nunca entrar pela porta, que deve ser defendida por uma outra porta, e que ambas devem fechar tão exactamente que o calor do banho não possa nunca evaporar-se, e se conserve o mais tempo possível.

As três principais câmaras que compunham os banhos Gregos e Romanos, e que constituem nos nossos dias os banhos Turcos e os da Pérsia, estão reduzidas a uma só na maioria dos banhos Russos: só nalguns banhos particulares há ao lado um quarto aquecido por um forno, e no qual existem dois leitos.

Em razão do grande número de pessoas que vão aos banhos públicos, parece-me necessário que cada um desses banhos seja constituído por três divisões separadas umas das outras. Os que quizessem banhar-se entrariam numa grande divisão, na qual se despiriam, tendo o cuidado de cobrirem as partes genitais com uma espécie de tela ou de pano, de três pontas, como fazem os Turcos e os Persas: desta primeira câmara entrariam no banho propriamente dito, para aí suarem, se fazerem friccionar, etc.: feita esta operação, sairiam pela

mesma porta pela qual tinham entrado, para passarem a uma terceira câmara por uma galeria coberta construída entre os dois edifícios, onde se lavariam com água quente ou fria, voltando depois a entrar na primeira divisão por uma outra galeria coberta, para aí retomarem o seu vestuário. Os banhos particulares poderão ser constituídos por uma única divisão; mas a decência e os bons costumes, bem como a saúde, exigem que haja um maior número de divisões nos banhos públicos.

Não entraremos aqui nas leis que a policia e a religião devem fazer observar, para a conservação da decência e dos bons costumes.

O que acabamos de dizer diz apenas respeito aos banhos destinados à conservação da saúde, mas a construção dos banhos destinados a curar as doenças deve ser diferente.

É muitas vezes necessário que um doente entre no banho duas ou três vezes em 24 horas. Não penso que um banho construído de madeira possa conservar o calor e o vapor necessários, além de seis a oito horas: são absolutamente necessárias para o aquecer e pô-lo em estado de funcionamento, três a quatro horas, apesar da habilidade e a vigilância do banheiro.

Se houver trinta doentes que entrem no banho duas vezes por dia, acontecerá que um só banho não será suficiente para a sua cura: na sua maior parte serão forçados a esperar quatro ou cinco horas antes de lá entrarem, e falharão a cura.

Será necessário construir nos hospitais banhos cujo forno será colocado no meio da sala do banho: desta forma haverá um lado a mais, no qual se colocarão banquetas, e um maior número de doentes poderá tomar o banho ao mesmo tempo.

É preciso notar que, desde a primeira trave que recebe o conglomeração de pedras, até às canalizações, há uma porta que se tem o cuidado de fechar, na qual se fez um corte, para tornar visível as três arcadas e os canos que servem de condutas para o fumo.

Poderia construir-se a sala de banhos de tijolos cimentados com o cimento do Senhor Lorient. Este cimento é duro como pedra, faz fogo com o *briquet*, resiste à água. O soalho superior seria em abóbada chata, segundo o método do conde d'Espice, utilizada no palácio de Chalvet, em Tolosa, no palácio de Bourbon, em Paris e em algumas Igrejas.

Os tijolos de abóbada chata seriam cimentados com o cimento do Sr. Lorient, e se se desejasse, poderia montar-se uma ventosa para a entrada do ar, que se abriria ou fecharia à vontade. Poderia construir-se o soalho superior em forma semi-esférica cimentado e construído com a arcada chata; desta forma, e não se empregando carpintaria, por consequência nenhum perigo de incêndio, o edifício seria incombustível.

Deve existir uma inclinação insensível no sobrado inferior, o qual será pavimentado com grandes lajes, para provocar o escoamento das águas, e um esgôto que se tapará à vontade. As barras de ferro da fornalha, que formam a grelha, devem ser de duas polegadas de diâmetro, mas as que sustentam o conglomerado de pedras e cimento, que é a espécie mais dura de pedra e o mais pesado dos arredores de Paris, devem ter quatro a seis polegadas de diâmetro, porque elas ficam expostas à acção violenta do fogo e à reacção do calor das pedras. O forno deve ser construído com tijolos, ligados com argila vermelha ou com terra para forno. As calotes ou arcadas devem ser construídas com a terra com a qual se fabricam fornos de reflexão. O forno deve ser quadrado e com três pés e meio. Se o edifício é de tijolo, em vez de madeira, deverão utilizar-se lajes de faiança à moda holandesa. com o cimento do Sr. Lorient. O soalho inferior será de lajes de pedras pretas e brancas.

O soalho superior será branqueado com o cimento do Sr. Lorient, o qual resiste à água quente e à água fria, assim como se fez em Menards, em casa do Sr. de Marigny. Será bom colocar termómetros e higrómetros em cada canto assim como nos corredores, no quarto de cama e no exterior. As pequenas janelas da sala de banho serão duplas com grandes vidros espessos.

A primeira vez que se utilizassem os banhos, seria bom termos um médico junto a nós.

a) Os caldos dos Russos, chamados *cdscha* são de farinha de aveia ou de trigo negro fervido em água com alguns grãos de sal. Quando se está de saúde, comem-se estas farinhas fervidas com carne ou peixe. Também se usam à moda de caldo.

b) Todos os habitantes da Rússia usam uma bebida chamada *quaz* composta de farinha de centeio ou de cevada fermentada; para impedir que ela azede em pouco tempo, acrescenta-se-lhe a planta inteira conhecida pelo nome de *menta* e na Rússia *miata*. É uma bebida agradável e amiga do estômago: nunca proibi o seu uso e não lhe reconheci nenhum malefício nas febres, quando usada com moderação. Se os doentes atacados de febre, com sede, dores de cabeça ou de barriga, ou de qualquer outra parte, pediam de beber, quer estivessem no banho ou na cama, eu permitia-lha; acrescentava-lhe mesmo um pouco de vinagre ou de mel, para tornar esta bebida acidulada ou doce, e ao mesmo tempo mais agradável.

c) Tanto quanto possível receitava esta bebida morna, e cerca do 5°- ou 7°- dia fazia juntar-lhe uma muito pequena quantidade de água-ardente de cereais.

N.P. Na Rússia, as salas dos banhos de vapor são de madeira; em França, este tipo de edificação não é habitual. É preciso poupar o calor pela arte e poupar a madeira.

O SENTIMENTO DA MORTE NOS FINAIS DO SÉCULO XIX NAS NOTÍCIAS NECROLOGICAS DA BEIRA INTERIOR.

MARIA ADELAIDE NETO SALVADO *

Lousa da morte! as lágrimas não podem
Amolgar-te a dureza:
Nem mais sobeja do que tristes lágrimas;
Que o mais, tu o roubaste.

Almeida Garrett
(Angra, 1821)

“A morte, esse acaso que surge a cada transformação do mundo e a cada salto em frente da vida”⁽¹⁾, como a definiu Edgar Morin, suscita, consoante as culturas e as épocas, atitudes e comportamentos radicalmente diferentes.

Sentidas e empolgadas manifestações de dor enraizadas nos rituais pagãos da Antiguidade caracterizaram, até ao século XIII, o comportamento perante a Morte no Ocidente Cristão.

Persistentes e prolongados foram os esforços da Igreja primitiva peninsular para arrancar do coração dos convertidos à Fé de Cristo as raízes dos antigos rituais pagãos que expressavam a dor e a saudade provocadas pela Morte.

O cânon XXII do III Concílio de Toledo⁽²⁾, celebrado em 589, faz eco dessas proibições. Nele, terminantemente se proíbe, no enterro dos religiosos, quer os cânticos que era costume cantarem-se aos defuntos, quer as lamentações acompanhadas de pancadas no peito com que familiares e servos exprimiam a sua dor durante os cortejos fúnebres dos que lhes eram queridos.

Esclarece o cânon que esta proibição se prende com o facto de se considerarem contrárias, essas antigas e usuais manifestações de dor, à esperança na Ressurreição dos cristãos. E acrescenta: “O Senhor não chorou a Lázaro morto, antes derramou lágrimas por aquele que haveria de ressuscitar para as misérias desta vida”⁽³⁾. O único tributo a prestar

aos restos mortais dos cristãos deveriam, pois, ser cânticos divinos. Os Bispos deveriam desenvolver esforços de modo a tornarem extensivas estas normas a todos os cristãos. Sentia-se ser conveniente, esclarece-se no cânon que “em todo o mundo se enterrem os corpos dos defuntos cristãos de igual modo”⁽⁴⁾.

No entanto, em toda a Europa Ocidental os velhos rituais de dor, com maior ou menor intensidade, continuaram prática corrente até ao séc. XIII.

Mas um longo período se lhe sucedeu em que a dor se ocultou, se retraiu e ritualizou em secas fórmulas, gerando perante a morte atitudes dum quase frio e distante distanciamento.

A onda fervilhante do romantismo, mergulhando a fundo na Idade-Média, fez ressurgir vibrantemente valores e comportamentos longínquos dessa época quase mítica. E deste modo o século XIX devolveu ao ritual da Morte não apenas as antigas e sentidas manifestações da Dor do passado, mas envolveu-o numa nova roupagem marcada por um dramatismo mais violento e profundo traduzido fundamentalmente numa multiplicidade de manifestações de Dor que choravam, sobretudo, a separação que a Morte sempre arrasta consigo. Reflectindo como que uma intolerância nova, uma rejeição quase feroz perante essa inexorável separação, estes comportamentos revelam, no entanto, uma atitude de certo modo paradoxal. Os poetas do século XIX cantaram a Morte como em nenhuma outra época.

A Morte atrai e fascina. Fala-se da beleza com que ela marca os que consigo leva. Fala-se da paz que se alcança sob as suas asas, mas fala-se, dum modo

* Docente na Escola Superior de Educação de Castelo Branco

igualmente pertinente, da “negra ideia”⁽⁵⁾ da Morte, da dor sem nome em que ela mergulha o coração dos homens.

Entre os muitos poetas que, em Portugal e durante o século XIX, cantaram a Morte foi talvez Soares de Passos aquele em cujos poemas transparecem, mais vincadamente, todos os multifacetados sentimentos que ela pode inspirar.

Assim, no poema “Últimos momentos de Albuquerque”, escreveu:

“A morte... a morte... que anseio!
Sinto um gelo sepulcral...
Abre-me, ó terra, o teu seio.
Quero o repouso final...”⁽⁶⁾

Se a Morte é aqui cantada como porto de paz, no poema “Infância e Morte”⁽⁷⁾, onde uma filha exprime a saudade pela sua Mãe, é a amargura e o desespero pela separação que são belamente expressos:

“A nossa janela não mais foi aberta,
O fogo apagou-se na cinza do lar.
As pombas são tristes, a casa deserta.
E as flores da Virgem se vão a murchar”.

Para no poema “Amor e Eternidade” nos surgir a paz triste e tranquila dos cemitérios, os cenários da Morte:

“Oh! Quão saudosa a viração murmura
No cipreste virente
Que lhes protege as urnas funerárias!
E o sol, ao descair lá no ocidente.
Quão belo lhes fulgura
Nas campas solitárias!”⁽⁸⁾

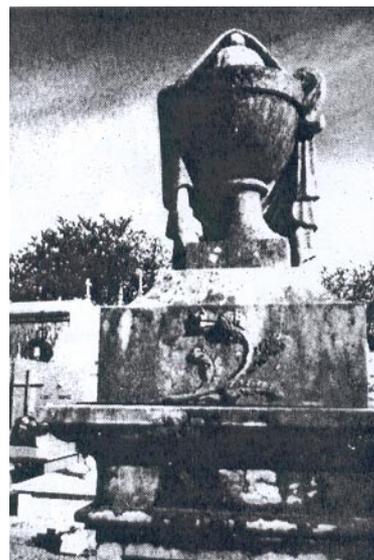
Mas se por um lado a Morte foi, por vezes, um estado que ansiadamente se desejou, por outro, nunca como em nenhum outro século a separação que ela provoca despole tou tão profundas e intensas manifestações de rejeição. Fosse à cabeceira de quem agonizava, fosse no triste e nostálgico redobrar dos sinos anunciando a chegada da Morte para alguém, fosse na evocação da lembrança de quem partira, a dor e o luto materializavam-se de um modo excessivo, nas suas múltiplas formas de expressão (lágrimas, gestos, palavras). Inscrições tumulares; monumentos funerários, notícias necrológicas eram meios que perpetuavam essa dor. E os ecos de muitas dores sem nome e sem consolo que feriram corações que há muito deixaram de bater; ressoam ainda bem palpáveis um pouco por todos os cemitérios da Europa Ocidental.

Na verdade, quando nos detemos perante um jazigo ou um monumento funerário do século XIX e quando lemos as suas sentidas inscrições, um

estremecimento nos percorre: a dor e o sofrimento, vividos por quem as escreveu e que há muito a morte também levou ainda vivamente nos envolvem.

No caso concreto do cemitério de Castelo Branco, um pequeno monumento erguido em 1850 parece-me ser paradigma exemplar. Em dois degraus de granito que a passa gem do tempo coloriu de manchas de líquenes levanta-se como que um pequeno altar de mármore sobre o qual se ergue uma grande taça coberta por um manto de pregas primorosamente esculpidas. Assenta esta taça numa base onde se destaca em relevo uma flor de cardo (alcachofra)-sua única decoração. Perpetua este pequeno monumento a memória da curta vida (apenas três anos) de um rapazinho que viveu aqui em Castelo Branco há 140 anos. Nele, uma pungente e simples quadra:

“Anjo de graça e candura
Qual flor viveu e passou
Não o choreis, esta no Céu,
Chorai os Pais que deixou”.



Todo um décor, um cenário cuidadosamente preparado, ajudava a criar um ambiente solene e dramático onde a dor se extravasava.

Mas a chegada da Morte era, nesta região, também cuidadosa e antecipadamente preparada. Ela estava presente em todos os actos da Vida.



Na sala onde decorrem as sessões destas II Jornadas estão expostos alguns dos testemunhos materiais, quer do suporte desse cenário, quer da presença insidiosa da Morte em todos os momentos da Vida.

O belo pano de larga renda que enfeita a mesa era peça imprescindível em qualquer casa das aldeias da raia da Beira Baixa, onde, dentro das arcas, aguardava a chegada da Morte. Servia ele então para cobrir, transformando-a em altar, uma cómoda ou uma mesa sobre a qual se colocavam um crucifixo e os candeieiros de azeite de metal amarelo (um por cada casa de amigos e vizinhos) que com a sua trémula luz iluminavam todo um cenário de dor. Junto desse altar improvisado, chorava-se, rezava-se e aspergia-se com água benta, por meio de um ramo de oliveira, aquele que tinha partido. O desejo da paz na eternidade vegetalizava-se, materializando-se no uso do ramo dessa árvore (símbolo da paz) por meio do qual as gotas de água-fonte de vida - eram lançadas sobre aquele para quem a vida terrena tinha terminado.



As toalhas que decoram as paredes (toalhas cercadas como se chamam nas aldeias de Malpica do Tejo e Monforte da Beira, donde são provenientes) eram peças imprescindíveis no bragal de qualquer noiva. Em cada bragal duas toalhas cercadas consideravam-se obrigatórias e destinavam-se uma à noiva, outra ao noivo. Guardadas nas arcas entre

peças de uso quotidiano e rocas de alfazema, aguardavam toda uma vida o seu destino: o de servirem de cobertura ao corpo quando depositado no caixão.

Que pensamentos, que sentimentos experimentaria uma jovem no tempo, certamente longo, que demorava a confecção das belas rendas destas toalhas? Vida ou morte? Alegria ou dor? Temor, aceitação ou angústia?

Mas como se manifestou a atitude de rejeição perante a Morte na região da Beira Interior?

Que formas adquiriram neste interior beirão, isolado e recôndito, os comportamentos que exprimiam, no século XIX, o sentimento da Dor?

Esta comunicação tem como objectivo trazer ao vosso conhecimento algumas reflexões suscitadas pela leitura de notícias necrológicas; extraídas do Jornal "Estrela da Beira", que se publicava em Alpedrinha em meados do século XIX. No entanto, estas reflexões são muito pessoais, admitindo que a sua fonte possa ser de outro modo interpretada.

Apesar de tudo, penso que estas notícias constituem uma amostragem significativa do modo como certas classes sociais: aqui nesta região, exprimiam o seu luto e a sua dor, perante o desaparecimento da vida daqueles que amavam.

Algumas respostas às minhas interrogações. penso, pois, ter encontrado.

Senão vejamos.

Depois de uma citação de Job ("Fuerunt mihi lacrima mea panes die ac nocte" - Dia e noite o meu pão foram as minhas lágrimas), assim começa uma notícia datada de 1864: "Lágrimas, dores, tribulações, eis o que desde o alvorecer da vida até à meta do sepulcro encontramos na estrada escabrosa deste mundo cheio de engano e ilusão"⁽⁹⁾. Anunciava esta notícia a morte do pároco de Vale de Lobo, povoação que hoje se chama Vale da Senhora da Póvoa, concelho de Penamacor.

Toda a contradição de sentimentos e atitudes perante a Morte que marcou o século XIX perpassa nesta notícia. Por um lado "a vida é uma estrada escabrosa" e a morte afirma-se como a grande libertadora dum mundo enganador e ilusório: por outro, é todo um quadro de dor que se descreve na referência à inconsolável família "envolvida em luto" e nas sentidas e ardentes lágrimas derramadas pelo povo da Benquerença junto à fria campa do seu pároco.

Também é de 1864 esta outra notícia que, encimada pela citação "La vie c'est la mort", assim se inicia:

"Uma lágrima de saudade sobre esses palmos de terra que encerram os restos daquele que há tão pouco roubou de entre nós o braço devastador da morte, que tão impassível arrasta ao abismo o pobre de entre as suas mesquinhas palhas, como o

opulento envolto em damascos e arminhos. Saudade e nada mais”⁽¹⁰⁾.

Anunciava esta notícia a morte do administrador do Conde da Graciosa. Para além de relatar a “funda dor que trespassa o peito dos tios e do pai do finado” e a dor “dos corações magoados dos povos dos concelhos de Idanha-a-Nova e de Penamacor”, o autor da notícia, amigo do finado, enaltece os socorros prestados pelo médico de Idanha-a-Nova, que, embora “hábil”, não conseguiu impedir que “a alma se desprendesse do seu invólucro material”.

Alguns aspectos, penso, deverão ser relevados nesta notícia. Narrando a morte de um servidor plebeu nobre opulento senhor de terras e de gentes dos concelhos de Idanha-a-Nova e Penamacor, o autor salienta de modo particular as qualidades de “talento” e de virtude do finado, acrescentando que elas reflectem uma nobreza de mais valia que a nobreza do sangue. A morte é assim encarada e descrita como a grande niveladora social, na medida em que o autor afirma arrastar ela ao abismo “tanto o pobre nas suas mesquinhas palhas como o opulento envolto em damascos e arminhos”. Estas considerações traduzem, julgo, uma faceta dos novos valores sociais que os ventos da revolução liberal trouxeram a esta região.

Uma outra notícia, também de 1864, anunciando a morte da Baronesa de Proença-a-Velha, é encimada por uma citação de Job (“Sicut Domino placuit, ita factum est: sit nomen Domini benedictum” - Como agradar ao Senhor, assim seja feito e seja louvado o nome do Senhor”), e deste modo começa: “Que ente atingiu a meta da vida di-lo o dobre a finados!... Mas quem será esse ente? Alguém que Deus quis provar neste mundo experimentando-lhe a paciência no martírio? ou carregado de anos e de decepções foi no seio do Senhor achar alívio e paz? Não! o ente que se finou não sucumbiu ao peso dos anos nem dos desgostos(...).”⁽¹¹⁾.

Carinhosa mãe no vigor dos anos era a Baronesa, arrancada aos filhos. Talvez por isso, nesta notícia, a Morte é chamada de “terrível parca que em sua robusta mão segura os ténues fios da existência”.

Datada de 8 de Março de 1865 e publicada a 15 de Março desse mesmo ano, assim se inicia outra notícia:

“No dia 6 de Março deixou de existir a mais linda e mimosa flor, que vegetava fresca e louçã nos vastos campos da humanidade! Um anjo que habitava sobre a terra, abriu suas cândidas asas e qual cisne mavioso se elevou às alturas, seguindo seu voo para a mansão dos justos”⁽¹²⁾. Foi deste modo empolado, misto de barroquismo e poesia, que um professor de Segura iniciou a notícia da morte duma sua aluna de 8 anos. Apurada forma de demonstração da profunda dor provocada pela separação da morte, penso constituir esta notícia, pois essa separação é aqui

comparada a um “acre fel no coração dos que amavam”. A uma submersão na “mais cruel e amarga dor” é assemelhado o estado dos pais e de quantos a conheciam, e isto apesar de na notícia também se afirmar ter sido a menina “arrebata da a um mundo de corrupção e crime. Ela foi gozar perante o trono do Altíssimo delícias inefáveis”.

Vejam ainda uma outra notícia:

“Chamou-a Deus e ela fugiu-nos!... não para sempre porque além túmulo há uma vida também.

Quebrou-se o barro, e sua alma voou pura aos pés do Eterno! A matéria voltou à matéria, o pó ao pó! mas a luz foi procurar outra luz(...).

Fugiu-nos! ...perdemo-la... por algum tempo, só por algum tempo!”⁽¹³⁾.

Assim começa o relato da morte duma senhora da nobreza rural do Fundão, escondendo-se o seu autor sob as iniciais J.G.

De salientar nesta notícia, datada de Maio de 1865, que nem a acentuada esperança na vida além-túmulo, nem a convicção da brevidade da separação provocada pela Morte tão manifestamente expressa (“... perdemo-la por algum tempo, só por algum tempo”) impedem o autor de revelar publicamente a sua dor: “Pungidos de mágoa e de saudade, dobrando os joelhos e nos inclinando sobre as suas cinzas”. Foi deste modo sofrido que o autor descreveu o pedido de intercessão junto de Deus por parte da Senhora de quem a morte o separou.

E mais uma outra notícia:

“Que pode o homem para o homem que já não existe?

Nada senão um frio epitáfio.

A pedra guarda a memória por mais tempo que coração, e é por isso que se grava um nome sobre um sepulcro”⁽¹⁴⁾.

Principia assim a notícia da morte duma menina de 14 anos da nobreza albacastrense, ocorrida aqui em Castelo Branco nos começos de Novembro de 1864. Escreveu-a de Lisboa um seu primo que a publica no “Jornal de Alpedrinha”:

“Os baldados socorros da medicina” para a arrancar da Morte, o cuidado dos pais na educação da jovem como forma de lhe legarem um património condigno à sua condição social, o êxito nos estudos e a sua “marcada inclinação par a música”, prenunciadores duma vida que se adivinhava feliz perpassam pungentemente por esta notícia. “A pedra guarda a memória por mais tempo que o coração”, escreveu o primo talvez conhecedor do papel do tempo desvanecedor da lembrança dos que partiram cedo, daqueles para quem vida mais não foi do que um punhado de efémeras esperanças. Geralmente “sentida e chorada”, afirma-se, foi a morte da jovem, e acrescenta-se: “Sirva ao menos isto de consolação à sua família”. Lágrimas, manifestações de dor como consolo da separação para os que ficam, reflectem

comportamentos e atitudes característicos dum século ainda ber próximo de nós.

Marcado sabor romântico possuem duas notícias que relatam a mesma morte: a dum jovem de Alcains que estudava Direito em Coimbra pelo ano de 1865 e que, aos 24 anos, foi vítima duma “apoplexia”. Uma dessas notícias, datada do Lourçal do Campo, contém uma dupla interpelação: à Morte e a Deus. Nela se lê: “Ah morte tirana! tirana morte! que tão cruel e desapiedadamente ergueste teu gigante e robusto braço para brandires tuas mortíferas setas contra um inocente jovem na primavera da sua vida (...). Ah meu Deus! Quanto são árduos e difíceis de perscrutar vossos desígnios!!! ...⁽¹⁵⁾.”

A outra, datada da Guarda, foi escrita por um jovem amigo, também de Alcains, que estudava nessa cidade e assim começa: “Para que tão triste lidar? Para que tão sérios cuidados sobre esta precária vida se ela foge - velut umbra? O que ontem era bonina e frescor, hoje são ramos de fúnebre e murcho cipreste, caídos sobre mais uma campa, que há pouco se fechou!!!(...). Venho chorar sobre tua campa, amigo, venho desfolhar sobre ela o resto de uma saudade que alguém primeiro do que eu começou a desfolhar!!!”⁽¹⁶⁾. Quer uma quer outra destas notícias se iniciam com uma citação do livro de Job: A primeira: “Miseremini mei, miseremini mei, saltem vos amici mei, quia minus Domini teligit me”- Compadecei-vos de mim, compadecei-vos de mim, ao menos vós que sois meus amigos, porque a mão do Senhor me feriu”; a citação da segunda notícia tem um teor completamente diferente: “Quid est honro, quia magnificas eum?-Que coisa é o homem para que o engrandeças? Se a consciência da efemeridade ressalta fortemente na segunda das notícias é também nela que se patenteia a saudade da separação, a rejeição profunda da situação que a morte traz sempre, sempre consigo. Pormenores cheios de saudade por ela perpassam: recordam-se os “doces trabalhos do estudo” e o alegre retorno a Alcains. “Era chegado o tempo de nos reunirmos às nossas queridas famílias e ali gozarmos de alegres folguedos, eu porém regressarei só... “- escreveu o jovem amigo.

Datada de Seia e encimada por uma citação de Job (“Dies mei breviabuntur, et solam mihi superest sepulcrum”-Os meus dias se abreviam e só me resta o sepulcro), inicia-se a notícia da morte dum membro da nobreza albicastrense do modo que se segue: “Mais um varão ilustre, desceu à triste e gelada mansão do sepulcro; a morte no seu voo continuo roçou-lhe na frente com suas negras asas, comunicou-lhe seu hálito pestilento, e com sua dura e implacável foice cortou-lhe os fios da sua existência preciosa, e agora misturado no pó dos túmulos somente dele nos resta a memória. Oh! mundo quanto são falsas e mentirosas tuas ilusões, e quanto

é curta e limitada tua duração?!...”⁽¹⁷⁾.

Mais uma vez o lamento pela efemeridade da vida e a consciência da precaridade e ilusão das coisas do mundo que ressaltam como grito de angústia nesta notícia datada de Abril de 1865. Escreveu-a um amigo do finado como forma de pagar à sua memória o “tributo de homenagem e respeito” que lhe devia.

As circunstancias da morte, “aguda e prolongada doença”, a ineficácia dos esforços dos “hábeis facultativos para lhe dilatarem a vida” (pois, esclarece-se, “a areia da ampulheta fatal estava esgotada”), a aceitação resignada da morte por parte daquele que partia - são aspectos que ressaltam. Mas o relato mais pormenorizado é reservado à descrição da “pungente e acerba dor pela perda do esposo modelo, do pai extremoso, do amigo dedicado e sincero”.

Datada de Idanha-a-Nova a 3 de Abril de 1865 e encimada com a citação: “Sat cuique sua dies”- Cada um tem marcada a sua hora fatal, é este o começo da notícia da morte dum nobre de Idanha-a-Nova: “São 5 horas da manhã e já o dobre dos sinos anuncia aos-habitantes desta vila d’Idanha, que mais um d’entre eles foi riscado do número dos vivos; (...) tocou a sua vez, e chegou o dia de pagar o tributo irrevogável imposto a todo o vivente; o povo corre à capela da casa do ilustre finado e ali se mostra um féretro que contém os seus restos mortais, porque a sua alma saiu de entre o véu da humanidade (...)”⁽¹⁸⁾. Escrita por um amigo de infância, todas as alegrias e vicissitudes duma vida que sempre decorreu no meio da riqueza e opulência são focadas nesta notícia muito longa. É a morte da sua primeira esposa vitimada de tísica pulmonar que na esperança de cura foi terminar os seus dias na ilha da Madeira; é o seu segundo casamento com uma jovem fidalga; são os fastosos esponsais da sua única filha, nascida do primeiro casamento, com o irmão da sua segunda mulher; são os esforços dos médicos para o arrancarem à morte, esforços baldados que assim são descritos: “medicina a quem a morte se impôs e disse:- Sat cuique sua dies!!!- Cada dia traz a cada um o que chega!!!”

No entanto, é o perfil ideológico do finado que mais marcadamente se ressalta: “liberal da família, liberal desde o berço (...) foi sempre um cidadão conespícuo, probo, e honrado, um cidadão prestante, valioso e benfazejo”, escreveu o amigo. E a dor, a dor pungente da sua filha e da sua mulher que sentidamente choraram a sua morte.

Dois aspectos convém desde já sublinhar. O primeiro refere-se ao facto de as notícias apenas dizerem respeito a pessoas oriundas de determinados estratos sociais. Padres, nobres, professores, estudantes- eram esses que tornavam pública nas páginas dos jornais a sua dor e o seu

sofrimento. O outro diz respeito ao seguinte: embora recorrendo a uma linguagem de sabor marcadamente ultraromântico, as notícias necrológicas do século XIX publicadas aqui na nossa região estão longe, penso, de obedecerem a clichés uniformes como é característico das notícias deste século XX. Em cada uma delas ressalta uma nota individualizante que se adapta ou à pessoa ou à circunstância da morte que se relata.

A morte ora é descrita como a grande niveladora social (como aconteceu na notícia referente ao administrador do Conde da Graciosa), ora como terrível Parca no caso da jovem Baronesa de Proença-a-Velha. Tanto se fala num cisne mavioso que se elevou nos céus quando é relatada a morte da menina de Segura, como é a efemeridade da vida o aspecto mais evidenciado como na notícia referente ao jovem estudante de Alcains e na do nobre albicastrense datada de Seia. Fala-se em quebra do barro e na procura da luz na notícia da senhora do Fundão, mas para a efémera vida da menina nobre albicastrense acentua-se que é a pedra que guardará a sua memória mais tempo que o coração.

As citações latinas de algumas das notícias, todas retiradas do Livro de Job, foram sabiamente escolhidas pois cada uma se adapta com pungente harmonia às circunstâncias da morte ou à personalidade e qualidades, que se desejavam pôr em relevo, daqueles a que as notícias se referem.

Lágrimas como pão de cada dia no caso do pároco de Vale de Lobo; resignação à vontade de Deus: “como agradar ao Senhor, assim seja feito” na morte da Baronesa de Proença-a-Velha - jovem mãe arrebatada cedo pela Morte; apelo aos amigos para que o chorem porque “fui ferido pela mão do Senhor” como acontece na primeira notícia do jovem de Alcains; ou a eterna interrogação acerca da efemeridade da vida: “Que coisa é o Homem para que o engrandeças?” - que surge na segunda notícia, relativa a esse mesmo jovem, onde a angústia pela brevidade da vida tão pungentemente é manifesta. Aceitação plena da morte para quem foi vítima de prolongada doença; “Os meus dias se abreviam, só me resta o sepulcro”, na notícia datada de Seia; apreensão resignada pela chegada de uma morte inesperada como aconteceu na notícia do nobre de Idanha-a-Nova cuja citação recorda que “cada um tem marcada a sua hora fatal”.

Reservei para o fim a mais longa notícia que encontrei, pois preenche três compactas colunas da página dum jornal de formato A3. Escrita nos primeiros dias de Dezembro de 1864, reporta-se a uma morte ocorrida aqui em Castelo Branco em Abril desse ano, mas que seria publicada só em Janeiro de 1865.

As razões desse desfasamento temporal justificam-se o seu autor: falta de serenidade de espírito para

buscar frases com que “possa exprimir a sua gratidão e pungentíssima mágoa”, turvação imensa que só lhe permitia “exalar do peito sentidíssimos ais e gemidos”, “lágrimas que a cada passo interrompiam um desordenado discurso” - são as razões apontadas.

Mais do que participação numa morte ou elogio fúnebre, penso ser esta notícia uma sentida manifestação pública da dor de alguém a quem a morte separou de um ser muito amado e um magnífico exemplo das atitudes e comportamentos que marcaram uma época.

Abriendo com uma citação do Salmo 40 (“Beatus qui intelligit super egenum, et pauperem; in die mala liberabit eum Dominus” - Bem aventurado o que cuida sobre o necessitado e o pobre, o Senhor o livrará no dia mau”) e com duas quadras numa paráfrase a esse mesmo Salmo da autoria da Marquesa de Alorna:

“Quão feliz é quem piedoso
Cuida de um pobre indigente
Se o vê num leito de dores
E lhe adoça o mal que sente.
Nos dias maus, se ele sofre
O senhor vem consolá-lo
E do seio das angústias

Compassivo liberta-lo!!⁽¹⁹⁾ - em nada este recurso literário retira a esta notícia necrológica a sua pungente autenticidade. Nem a linguagem rebuscada dum mundo que há muito morreu, nem as mutações vertiginosas dos longos 126 anos que sobre ela passaram, desvaneceram as marcas dum “amargurada soledade” que dela se desprendem. É toda a trajectória da vida dum rapariga que casou aos 16 anos e se tornou companheira inseparável dum homem que foi Juiz de Fora na Guarda, Governador Civil em Viseu e que os ventos da revolução liberal empurraram uns tempos como emigrante para Espanha. É a vida quotidiana dum mãe de família dum classe nobre aqui em Castelo Branco, nos meados do século passado, que transparece vivamente nesta notícia. São as suas idas diárias à Igreja “por mais que chovesse, por mais fria que corresse a estação”; são os consolos que dispensava “aos tristes e aos aflitos”, é a sua terna solicitude à cabeceira dos filhos doentes; é a sufocação da sua dor aquando da morte de um filho, para melhor confortar a dor do seu marido. E é a sua morte rodeada pelos familiares; é o último beijo com que, já moribunda e sem fala, se despediu do neto que mais amava. É o seu enterro aqui em Castelo Branco na mesma sepultura do filho que a tinha precedido na morte. “Pareceu de razão - relata a notícia - que se confundissem no mesmo jazigo os ossos de dois entes, cujos espíritos tão unidos e conformes viveram cá na terra”. Este comportamento, traduzido na reunião dos mortos da mesma família numa só sepultura, concretiza um dos

aspectos individualizantes da nova atitude perante a morte que o século XIX trouxe consigo. É uma moda que se estende por todas as classes sociais reveladora de dois sentimentos que marcaram a sociedade deste século. Por um lado, esta moda exprime a tentativa de fazer perdurar para além da morte os laços de afecto que ligavam os membros de uma família. A família unida na vida deveria continuar indissolúvelmente unida na morte.⁽²⁰⁾

Por outro lado, esta moda traduz o papel de verdadeira casa de família que o túmulo passa a assumir numa sociedade que, estreitadas as relações cidade-campo, se torna marcadamente móvel, num mundo que numa mutação rápida via desaparecer laços e valores.

Mas é a última parte desta longa notícia que, quanto a mim, se torna numa manifestação pública de amargura e de saudade. O discurso muda de tom, torna-se um pouco desconexo e é dirigindo-se à esposa falecida, como se ela o pudesse ler ou ouvir, que o autor da notícia aviva uma a uma as recordações da sua longa vida em comum. E termina deste modo: "(...) era para nós ambos uma alegria sempre nova o sairmos de braço dado à face do sol, em plena rua, ambos sós na presença de toda a gente: essa deliciosa situação que fantasiou a fecunda e tão amena imaginação de um dos maiores poetas do século, realizou-se entre mim e a minha adorada esposa!!! mas acabou, como tudo acaba no mundo, era muita ventura na terra(...)"

Que de outro modo mais amargamente sentido se poderia chorar a felicidade perdida? Que de outro modo mais belo e profundamente triste se poderia exprimir a dor, a saudade e a separação causada pela morte?

NOTAS

(1) Morin, Edgar, *O Homem e a Morte*, Lisboa, Publicações Europa América, 1970

(2) Vives, José, *ConcÍlios VisigÓticos y Hispano Romanos*, Barcelona, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1963, p. 132

(3) Vives, ob. cit., p. 133

(4) Vives, ob. cit., p. 133

(5) Soares dos Passos, A.A., *Poesias*, Porto, Cruz Coutinho Editora, 1890, p. 80

(6) Soares dos Passos, ob. cit., p.63

(7) Soares dos Passos, ob. cit., p.67

(8) Soares dos Passos, ob. cit., p.78

(9) *Estrela da Beira*, nº 7, 12 de Outubro de 1864

(10) *Estrela da Beira*, nº- 5, 28 de Setembro de 1864

(11) *Estrela da Beira*, nº- 2, 7 de Setembro de 1864

(12) *Estrela da Beira*, nº- 31, 15 de Março de 1865

(13) *Estrela da Beira*, nº- 55, 31 de Maio de 1865

(14) *Estrela da Beira*, nº- 15, 7 de Dezembro de 1864

(15) *Estrela da Beira*, nº- 50, 20 de Maio de 1865

(16) *Estrela da Beira*, nº- 51, 24 de Maio de 1865

(17) *Estrela da Beira*, nº- 45, 3 de Maio de 1865

(18) *Estrela da Beira*, nº- 39, 12 de Abril de 1865

(19) *Estrela da Beira*, nº- 22, 25 de Janeiro de 1865

(20) No jazigo nº- 3 do cemitério de Vila Franca de Ara uma inscrição ilustra de modo evidente este desejo duma união familiar por toda a eternidade. Nela se lê:

Da família F.L.

Mandado fazer pelo seu chefe J.J. de F.L.

Para que o íntimo

Amor da Família

Que tanto tem unido

Os membros

Desta

Durante a Vida

Aqui os possa

Reunir também Depois da Morte.

UM ENSALMO ARCAICO DA RAIA DE RIBA COA. O ENSALMO DA «GIPLÊ» E A ORAÇÃO DE «SANTA CILHÊ»

Pinharanda Gomes*

Riba Coa é por ali, a nordeste da raia albicastrense. Na gíria regional distinguimos, lá em cima, duas raças de gente: os *quadrazinhos* ou povos do Coa, e os *camponeses*, ou povos do Campo. Estão separados pela serra da Malcata, cuja vertente norte serve de encosto à *ribeira*, a feminina Coa, que, rompendo fortes e contrafortes, decidiu correr para o rio do oiro, nele e por ele sendo engulida, junto a Vila Nova de Foz Coa; e cujas entranhas servem de berço à grandiosa e poética Baságueda, a prenha veia de água da Malcata, que corre para sul, para o Campo, e que foi, na geografia, na hidrografia e na orografia do século XVII, confundida com a Coa; e cuja vertente sul morre nos plainos da Egitânia, com Castelo Branco ao meio. Do Talefe, ou do ponto mais alto da Malcata, vemos sete concelhos. Os do norte e de nordeste e, para sul, desde que há electricidade, o alvo Castelo Branco, à noite.

Riba Coa é um cantão, uma região cultural e étnica. Nunca fomos castelhanos, por sermos portugueses, jamais fomos portugueses, por sermos castelhanos; e jamais houve claro entendimento do que fomos, e do que somos.

Os arcaísmos, a remota idade, prevaleceram ali, sobretudo no Alto Riba Coa, até há pouco. O Alto Riba Coa é este feixe de terra e de serra junto à Serra das Mesas, campo aberto entre Leão e a Beira Interior, o coração mesmo da Lusitânia. Dizer arcaísmo de Riba Coa é significar um corpo de viva tradição que ainda palpitava nos meados do presente século. Uma cruenta e viçosa medievalidade ainda falante, ainda florescente, ainda companhia de pão morno e de água fresca. Tudo destruído pela emigração francesa, nesse pequeno país onde, agora, já não se fala a gíria de Quadrazais, mas se papagueia o lisbonês - falar típico da Radiotelevisão dita Portuguesa - e se vive em francês de emigrante.

Nesta nossa região, a medicina popular manteve, incólumes, e utilizáveis segundo as circunstâncias e as exigências, os três sistemas médicos da sapiência e da epistemologia - o sistema mágico, o sistema sacerdotal e o sistema naturalístico. Os três obrigam

a um demorado, denso e extenso inventário - dicionarizado, sistematizado e articulado - que ora não tem jus a efeito, porque nestas Jornadas Médicas da Beira Interior. se trata apenas de trazer uma frugal merenda, um breve contributo, um penso.

Trazemos, por isso, e seleccionado do mais vasto contexto dos três sistemas, um exemplo arcaico da medicina popular. É, ele, impuro, porque não resguardou o genuíno de qualquer um dos sistemas. Antes, de modo bem diverso, acasalou as três tradições: mágica, sacerdotal e naturalística. É quanto nos oferece este ensalmo aliás magnífico, popular mas erudito, e de *alta escola*, do ensalmo de benzer a *giplê* e de *Santa Cilhê*.

P'RA BENZER A GIPLÊ

(Registo oral directo) ⁽¹⁾

Jasus, Jasus, três bezes Jasus,
 Jasus, três bezes Jasus,
 É t'atalho o tê mal
 s'é ar, ó sangue, ó poco, ó giplê, ó gepela,
 ó geplão, ó carnacão, ó néboa, ó neboeiro
 ó cabrito, ó unheiro, ó ramatismo, ó narboso,
 ó cornemento, ó talhamento, ó dor, ó temor,
 e ê t'atalho todo o mal que tiberes
 E é t'atalho e te boto pó mar sagrado
 pa que nem cresças nem remanesças
 nem ti mesmo esfaleças
 e ar e sangue e fogo
 tlim, tim, tim,
 merreu Noss'Senhor Jasus Cristo
 na cruz por ti.
 Dois t'o deram
 três to terarão.
 S. Pedro e S. Paulo,
 Apóstão do Senhor S. João,
 cunforme isto é bardade,
 o Senhor te seque esta infirmitade.
 Em labor de S. Pedro e S. Paulo,
 Apóstão do Senhor S. João.
 Santa Cilhê tinha três filhês.
 Umê foi à fonte,
 oitrê foi à misse,
 outra queimô-se no fogo da cinzê.

* *Escritor. Investigador*

Santa Cilhê binhê de Roma
 Jasus Cristo encontrou
 Jasus Cristo a le dixê:
 -Tu, Santa Cilhê, donde bens?
 -Eu, Senhor, benho de Roma. -
 Que mal pacedem lá?
 c'o espártego do campo e azeite d'olibê.
 São palavras tuês, minhês e da Birzem Mariê.
 Em labor de Santa Cilhê que fez a só mãozinhê,
 Faça também esta
 Salbé Raínhê.

Reza-se 9 vezes seguidas.

Entre as doenças contempladas pela dermatologia, a *giplê* designa, na região fronteira, não apenas a *erisipela*, mas outras variedades de infecções da pele e da carne, que apresentem analogia com esta doença. O vocábulo *giplê*, quadrazenho, pertence à mesma família cudano-leonesa em que se registam variantes como *disipela* (asturiano ocidental), *gipla* (Aldeia da Ponte e Forcalhos), *zipla* (Vale de Espinho), estas últimas no concelho de Sabugal, e *erisipela*, forma de notável correcção morfológica, corrente em Alamedilla⁽²⁾.

O ensalmo destinado à repulsa da *giplê* é longo, complexo e, se o termo for lícito, *policlínico*, porque ele não visa tão somente exorcizar a *erisipela*, mas todo o mal que lhe andar associado.

Ele desenvolve-se a partir de uma dificuldade, ou aporia, expressa num carácter de *sub condicione*, ou seja: o ensalmo exprime-se em dúvida face ao mal, por isso que o diagnóstico está longe do seu propósito. Todo o núcleo, ou todo o elenco sintomatológico, é enumerado a partir do termo condicional *s'é*, quer dizer, *se é*, porque pode não ser e, pois, a energia salutífera do *carma* não produzir o efeito desejado, esperado, previsto. Uma clara seriedade deontológica emana deste posicionamento do ensalmador face ao doente. Ele, ensalmador, não promete seja o que for. Procedê à invocação das fontes curativas, - *Jasus* - ; anuncia o que se propõe fazer - *é t'atalho o tê mal* - com o desejo de conseguir o que se propõe fazer, se o remédio que vai utilizar possuir eficácia para obter a catarse da fisiológica impureza, mas se essa impureza cair, de facto, sob a jurisdição médica do teor ensalmódico. Se não cair, decerto que o salmo não produzirá efeito:

No entanto, de modo, implícito, o texto mágico-sacerdotal tende à visão enciclopédica e, por conseguinte, à cura universal, procurando que nenhum mal lhe fuja, ou venha a ficar fora da sua alçada. Começa pela sintomatologia mais evidente - o mal do ar; que pode confundir-se com *mau olhado*, e imerge no mais profundo, o *sangue*. Regride para os males visíveis do corpo - o *carnião*, ou furúnculo, e exorciza a vista, passível de *néboa* e de *neboeiro*,

e, pois, de cataratas e alteração da harmonia somática por falta de vista. Viaja, noutra sentido, para às extremidades do corpo, exorcizando os *unheiros* ou inflamações entre as unhas e os dedos; e bem assim os espíritos malignos que afectam o dinamismo somático - o reumatismo, o nervoso e o *cornemento*, que julgamos ser uma forma deturpadíssima de *corrimento*, o qual poderá ser um corrimento interno, provocado por ferida, ou tumor nos órgãos internos. Enfim, sobe do corpo para a alma e exorciza a *dore* e o *temor*, causas de força que podem reflectir-se em males do corpo-fenómeno que na moderna psicologia, sobretudo depois de Freud e de Jung; se acha altamente comprovado; numa indução à teoria mais clássica de que alguns males do corpo são meros retratos exteriores dos invisíveis' males da alma. Enfim, num repto que compromete o ensalmo, mas lhe dá o carácter de saber enciclopédico e, pois, de *panaceia*, ou de remédio para todos os males, eis que propõe - "é t'atalho todo o mal".

A complexidade teórica reside, antes de mais, nesta como que contradição entre a seriedade inicial, que se propõe uma aporia condicional, e a seriedade final, que se propõe uma visão inteira, só lícita à *panaceia*. Não há, porém, contradição lógica, porque o salmo parte da condição em que contempla os particulares, elevando-se, através destes, para os universais. E, não podendo, ou não sabendo enumerar estes, implica-os na fórmula genérica - *todo o mal* -, de onde o perfil que ele nos apresenta, de uma gnosiologia por *eskaton*, isto é, de uma escatologia operativa, que ascende dos particulares aos mediais e, por fim, às segundas causas, em que se reconhecem as primeiras. O método é propício na teoria do conhecimento, tanto da aristotélica, como da platónica, em que se propõe o ascenso do *fenómeno* para o *paradigma*, ou do *tipo* para o *arquétipo*, ou, ainda, do reconhecimento da primeira causa pela interpretação das segundas causas.

Depois de enumerar as malignas que se propõe exorcizar, o salmo desenvolve-se noutra sequência - o próprio exorcismo; para que o mal se retire, e se lance feito pó nas águas do mar, que tudo purificam, de modo a que nem cresça, nem remanesça, ou seja, que morra e não volte mais àquele corpo. Do exorcismo faz parte uma interpolação mágica - o *carma*. Neste ensalmo, o *carma* é incompreensível, tal como noutras fórmulas mágicas e sacerdotais e constitui o coração iniciático, secreto e esotérico do texto. O *carma* é a própria oração sacerdotal, a palavra-chave do discurso, também chamada *secreta*, e, neste salmo aparece na sequência onomatopaica *tlim, tim, tim*. Estamos altamente incertos quanto à ortodoxia deste *carma*. É um facto que ele constitui um átrio para a próxima invocação da trindade de intermediários que vão tirar o mal,

mas a singeleza da onomatopeia causa-nos alguma dúvida, alguma perplexidade, quando se considera a complexa urdidura do salmo.

E regressamos à complexa urdidura, Ele assenta numa iniciação guemátrica e pitagórica. O primeiro versículo é um real compêndio da Década; com todos os desenvolvimentos simbólicos da aritmosofia pitagórica. Vejamos:

“Jasus, Jasus, três bezes Jasus, Jasus, três bezes Jasus”. de onde:

Uníade- **Jasus**.

Díade- **Jasus, Jasus**,

Tríade- **Jasus, Jasus, Jasus** (simplificada na forma didác-tico/mnemónica “ três bezes Jasus”).

Tétrade- **Jasus, Jasus/ Jasus, Jasus**

A soma da uníade, mais, díade, mais, tríade , mais, tetrade igual a década. O esquema aritmosófico será: 1, mais, 2, mais, 3, mais, 4, igual a 10.

O que me parece, neste caso, da modesta onomatopeia no contexto hierático, é o ter-se dado uma corrupção do texto original e propriamente hierológico, não sendo de repugnar - e deixamos isto como disputável hipótese - que o carma fosse, no texto iniciático, uma, palavra destinada à expulsão dos espíritos mal-fazejos - *mazzikin* - prevista, aliás, pela medicina hebraica de obediência mágica⁽³⁾. No exorcismo dos espíritos impuros, uma das secretas-mais iniciáticas visava reduzir o espírito maligno ao ridículo, fazendo-o desaparecer por vergonha. Ei-lo:” *chabriri, briri, siri, iri, ri*” - tal como no-la ensina o magistério talmúdico.⁽⁴⁾

A interpolação do intruso *tlim, tim, tim*, do mesmo modo que, do ponto de vista hierárquico e soteriológico, retira a eficácia à palavra, pode ter ocorrido por duas causas concomitantes: a) o tratar-se de um ensalmo de cerne judaico-pitagórico e a intrusa onomatopeia ser apenas uma recorrência para “encobrir” a sua genealogia; b) o constituir uma corruptela na transmissão e na tradição, sendo o seu núcleo alterado por amnésia sapiencial, ou por imperitura iniciação no esquema litúrgico e no rito catártico.

Aliás, o ensalmo recolhido em Quadrazais, a par do rio Coa e da serra da Malcata, contém outras perplexidades, a maior das quais é a anexação das nomenclaturas cristãs a um salmo de sensível natureza alheia. O nome de *Jesus* não nos causa grande espanto. Nem, assim, o inciso relativo a S. Pedro, S. Paulo e S. João. O que nos causa perplexidade é a discorrência deste salmo puro, que assenta apenas no efeito das palavras, para uma oração que não é pura, porque justapõe o carácter hagiológico e o carácter naturalístico. Com efeito, e num rompante que nos parece uma fractura teorética, o ensalmo perde-se numa memória legendária de Santa Cecília, obviamente inspirada no *flos*

sanctorum e nas hagiografias medievais, em que, embora o tema sintomatológico seja análogo - o “mal d’impola”, o recurso terapêutico se abre à farmacopeia e, pois, aos naturais.

Assim:

1. Todo o ensalmo “p’ra benzer a giplê”, até à chave, constitui um acto de fé no valor da palavra, com os seguintes característicos:

- acto de tentar a cura sem tocar a doença;
- evitar o recurso a remédios materiais;
- pôr toda a força curativa ou terapêutica na palavra.

2. O ensalmo, a partir de “Santa Cilhê”, admite que a santidade da palavra não baste, e apresenta as seguintes características:

- uma simbologia da purificação: água, missa, cinza; b) um recurso aos naturais: o espártego (esparto) e o azeite, significando que a “empola” deveria ser ungida com um pincelinho de esparto molhado em azeite, o que obriga a tocar na ferida, ou no tumor, num acto de menor esperança na axiologia verbal.

Ora, o que se nos propõe inferir é um fenómeno de empobrecimento e de corrupção de dois salmos autónomos, independentes, e só justapostos por imperfeita itinerância da teorese textual para a tradição oral.

A primeira parte do ensalmo é um salmo integral, que adiante, com todas as reservas, tentaremos reconstituir. É um salmo de *enxalmador*, o que cura só com palavras, de idade arcaica, talvez um dos que fazia parte dos oracionários desses médicos enxalmadores regamente reconhecidos por D. Afonso V⁽⁵⁾. A segunda parte do salmo é uma mnemónica hagiológica, próprio do curador chamado, na terminologia medieval - *bajanco*⁽⁶⁾, o que, utilizando a palavra, também recorre às ervas e tem, pois, além do *oracionário*, o *ervanário*. Como é obvio, o recurso a instrumentos alheios à palavra contradiz a essência sapiencial da enxalmologia, que se fundamenta num firmamento: o poder do que revela o princípio, o verbo do Logos, onde e pelo qual tudo se solve⁽⁷⁾.

Segundo o ritual da palavra, todo o hábito tem uma primeira vez. Se não houver uma primeira vez não haverá hábito, de onde a recomendação rabinica e midráshica: “Não te habitues a absorver remédio”⁽⁸⁾. Em contrapartida, assim como as más palavras fazem mal, as boas palavras fazem bem.

A nossa hipótese de trabalho propõe uma primeira abordagem ao enigma desta popular oração da *giplê*, em relação à qual sugerimos o seguinte esquema interpretativo:

- A oração “p’ra benzer a giplê”, tal como se nos apresenta, é um sincretismo de três salmos, ou, se quisermos, de um enxalmo puro e de duas orações, ou benzeduras.

- O percurso inicial do enxalmo é arcaico, de

origem hebraica, com motivações aritmofónicas de carácter pitagórico.

3. O percurso integrado pela oração “Santa Cilhé”, embora de origem medieval, não faz parte do primeiro, sendo uma oração distinta.

4. Este oração é hierático-naturalística, enquanto o ensalmo inicial é unicamente sacerdotal, de onde o “Santa Cilhé” ser mais popular, enquanto o primeiro é de origem iniciática.

5. Entre ambos os textos, e por necessidade lógica de os suturar, por não haver interonticidade entre ambos, interpolou-se um fragmento de outra oração, de outro tipo de benzedura, de origem nitidamente cristã, tal como o “Santa Cilhé”.

6. A invocação do nome de Jesus no primeiro ensalmo é apenas um “marranismo”, supondo-se que o ensalmador dizia um nome, mas deveras invocava outro, e isto porque a palavra pode exprimir, não apenas o *literal*, mas o *anagógico*.

7. Enfim, o núcleo inicial do texto é puramente messiânico, ou messianológico, enquanto o texto de Santa Cecília é mariológico, procedendo-se por intercessão dos medianeiros, enquanto no anterior se apela directamente à fonte, *fons vitae*.

Destas sete razões, e sem excluir o contributo de melhor causa, julgamos possível a seguinte leitura distintiva:

1. Ensalmo propriamente dito:

Adonai, Adonai, três vezes Adonai,
Adonai, três vezes Adonai,
Eu te atalho o teu mal,
se é ar, ou sangue, ou pocho ⁽⁹⁾,
ou giplê, ou gepela, ou gepelão, ou carnicão,
ou névoa, ou nevoeiro,
ou cabrito, ou unheiro, ou reumatismo, ou nervoso,
ou corrimento, ou talhamento, ou dor, ou temor,
e eu te atalho todo o mal que tiveres.
E eu te atalho e te boto para o mar sagrado
para que nem cresças, nem remanesças,
nem tu mesmo esfaleças
e ar, e sangue, e fogo,
Chabiriri, briri, riri, iri, ri.

(O salmista repete, ou bisa)

2. Interpolação Fragmentária:

... Morreu Nosso Senhor Jesus Cristo
na cruz por ti.
Dois to deram três to tirarão.
S. Pedro e S. Paulo,
Apóstolos do Senhor; e S. João.
Conforme isto é verdade,
O Senhor te seque esta enfermidade.
Em louvor de S. Pedro e S. Paulo,

Apóstolos do Senhor, e S. João.

3. Oração de Santa Cecília:

Santa Cecília tinha três filhas.
Uma foi à fonte,
outra foi à missa,
outra queimou-se no fogo da cinza.
Santa Cecília vinha de Roma
Jesus Cristo encontrou.
Jesus Cristo lhe disse:
- Tu, Santa Cecília, de onde vens?
- Eu, Senhor, venho de Roma.
- Que mal paces lá?
- Mal de empola.
- Santa Cecília, volta atrás,
mal de empola atalharás,
com o espargo do campo e azeite de oliveira.
São palavras tuas, minhas e da Virgem Maria.
Em louvor de Santa Cecília,
que fez a sua mãezinha,
faça também esta Salvé Rainha.

Diz-se nove vezes

NOTAS

1 - Franklim Costa Braga, *Quadrazais, Etnografia e Linguagem* (Lxa., 1971) p. 244.

2 - Clarinda de Azevedo Mala. *Os Falares Fronteiriços do Concelho de Sabugal e da Vizinha Região de Xalma e Alamedilla* (Coimbra, 1977) pág. 370.

3 - *Talmud, Aboth*, 5, 9.

4 - *Talmud, Moéd, Pesakhim*, 112 a.

5 - Viterbo, *Elucidário* li, p.221.

6 - Viterbo, *ob. cit.*, 11, 12.

7 - Cf. *Actos dos Apóstolos*, passim. A cura pela palavra é, em nossos dias, uma das grandes esperanças de crentes agrupados em movimento de Carismáticos, Pneumáticos e Pentecostais.

8 - *Talmud, Pesah*, 113.

9 - É a nossa leitura de *poco: pocho*, mau-humor, obesidade doentia. Cf. J. Pedro Machado. *Grande Dicionário de Língua Portuguesa*, vol. tx, p. 216.

ESTADOS DE ALMA, DOENÇA E MORTE

José Morgado Pereira*

A educação médica, ao centrar-se quase exclusivamente nos parâmetros biológicos da doença, cinde doença e doente, excluindo os aspectos psico-sociais da doença. Tal facto corresponde ao estado da medicina contemporânea, dominada pelo reducionismo físico-químico pelo primado da tecnologia.

Significativa mas contraditoriamente, sabe-se cada vez mais que uma importante percentagem de doentes recorre aos cuidados de saúde primários, por queixas médicas d claro significado psicológico ou problemas de vida que se apresentam como queixas médicas, ou ainda por mistura de problemas psico-sociais e somáticos. Mesmo nas doenças de reconhecida base orgânica, múltiplos trabalhos mostram a importância dos factores sociais e psicológicos, que interferem com o tratamento, são causa importante de invalidez e influenciam significativamente o prognóstico.

Mas se alargarmos o ponto de vista do observado (médico) ao observado (doente), novos factores vão surgir pois a vivência de estar doente, o sentimento subjectivo individualizado do doente é o outro lado da questão e de importância decisiva. No mundo anglo-saxónico existe uma distinção semântica entre "illness" e "disease", sem fácil tradução para português, e que permite ilustrar melhor estes temas. Os médicos diagnosticam e tratam "diseases" (alterações estruturais e funcionais dos sistemas orgânicos) e os doentes sofrem "illnesses" (experiências de estados alterados do bem-estar e do funcionamento social). Como se compreende, estas concepções podem estar em correspondência, mas pode haver um parcial ou até total desencontro entre as perspectivas do médico e do doente, com as inevitáveis implicações quanto à eficácia terapêutica, por exemplo.

Muitas vezes as queixas dos pacientes são simplesmente referidas como incapacidade total ou parcial de executar ou desempenhar determinadas acções da vida diária, mal estar geral, sensação vaga

de ameaça, uma quase invencível fixação da atenção numa parte do corpo, solidão - com vivências de isolamento e impossibilidade de comunicar as sensações corporais - ou o sentir-se diferente ou anómalo em relação aos outros.

De um ponto de vista mais emocional encontramos medo, a recusa ou revolta, ou no pólo oposto a entrega resignada, a aceitação activa, ou a indiferença ou apatia, dependência emocional, até a infantilização. É curioso o facto de haver interpretações culturais diferentes podendo a doença ser considerada um castigo, um azar, provação que se tem de enfrentar, etc... Aliás, tanto por parte do enfermo como do médico, a enfermidade é sempre um facto cultural e muda com as condições culturais. Neste sentido não parece nada fácil um médico tratar o seu doente se não o conhecer bem e à sua "experiência e visão da doença".

Os estudos de antropologia médica revelam que os representantes das chamadas medicinas populares se preocupam essencialmente com o lado subjectivo e humano da doença - "illness", sendo o seu êxito parcialmente explicável pelo facto de poderem responder melhor às angústias e expectativas pessoais e familiares e darem explicações mais de acordo com o sistema de crenças de determinadas pessoas e comunidades.

Mas estar doente é sentir em si, de forma mais ou menos aguda, a possibilidade de morrer. A angústia perante a morte é característica humana (*O Homem Ser-para-a-Morte* das filosofias existenciais). Repare-se, contudo, que o actual universo hospitalar, fornecedor de cuidados sofisticados por equipas de saúde diferenciadas, acaba por retirar importância à morte individual, enquanto acontecimento vital da existência de cada pessoa, família e comunidade, acentuando-se o anonimato e solidão do morrer actual.

Nalgumas pessoas, diversos mecanismos psicológicos, que são poderosos meios de defesa do "Eu", podem ser activados podendo conduzir em certos casos à negação da própria realidade, demasiado ameaçadora para poder ser e aceite. No pólo oposto, há pessoas onde o medo e a angústia

* Médico Psiquiatra.

se misturam com os outros sentimentos, geralmente auto-punitivos e com intensa culpabilidade, conduzindo à paralisia - das defesas psicológicas e orgânicas. Estes pacientes como que se deixam morrer, acelerando à própria morte com uma atitude de angústia invencível e de derrota prévia. No impressionante conto “O homem que queria morrer” (*Retalhos da vida de um médico*, segunda série), Fernando Namora conta como um homem (o Serrano) adoeceu na sequência de um desgosto causado “pela irmã, o que lhe provocou imensa vergonha. Apresentava queixas e sintomas que não correspondiam a uma patologia: definida, queixas e sintomas que desapareciam para aparecerem outros ainda mais estranhos e imprevistos. O que se mantinha era o seu o desespero, desgosto e vontade de morrer. Seguiram-se períodos de agitação em que se auto-agredia, e outros de abulia. Já preocupado, o narrador-médico leva-o ao hospital, mas também aí ninguém conseguiu compreender o que se passava. Desde o princípio o Serrano afirmava que ia morrer, mas que não se importava. A administração hospitalar acabou por não o tolerar dados os seus gritos e berros que incomodavam e perturbavam o ambiente hospitalar. Teve alta e morreu pouco depois. “A autópsia nada revelou. Este homem queria morrer. É tudo - deduziu com desalento o mais idoso dos meus colegas”. E perguntado sobre se isso basta para que alguém morra, retorquiu:

“Meu amigo, há certas perguntas que não se fazem nem aos médicos nem aos padres velhos. Nós e eles, a partir de certa altura, deixamos de crer nas convenções mais firmes”.

Em relação à morte e ao moribundo, a medicina moderna encontra-se desarmada, constituindo para a visão científico-natural e tecnicista uma insuportável negação ou ameaça, problema tanto mais agudo quanto a ausência de sentido da morte é contemporânea da sua progressiva hospitalização e medicalização no século XX.

Além de alguns livros de Fernando Namora (*Retalhos da vida de um médico*, *O homem disfarçado é Domingo à tarde*), parecem-me também significativas a respeito dos temas da doença e da morte, e só no domínio da ficção, certas narrativas de José Rodrigues Miguéis e de Maria Judite de Carvalho.

Mas com *Memórias da Grande Guerra* de Jaime Cortesão, assistimos a um outro tipo de mortes. Estas já não são as mortes descritas por Ariès ou Vovelle, mortes “familiares” ou “interditas” são ainda afinal “mortes doces”; as mortes que Cortesão descreve são as antiquíssimas e sempre actuais formas de morrer na guerra, todo o absurdo e horror do passado e do presente com que os homens prosseguem a sua aventura na terra. É a descrição realista e brutal -porque vivida pelo narrador-médico -dos ferimentos

horríveis, do desespero dos atingidos e depois o do próprio narrador, que é também atingido por gases e fica cego. Depois é o médico que o examina e o atende com enfado e Cortesão escreve que o médico lhe disse “este homem” como se dissesse “esta coisa”, depois são as suas aflições, medos e receios, e por fim a esperança: “Quando descerro os olhos já vejo um pálido clarão, nevoeiro de luz, donde a Vida surge como um doce fantasma”. Curiosamente, Cortesão, que se oferecera para combater por opção ideológica na Primeira Grande Guerra, regressa ferido e é logo preso pelos sidonistas, o que conta com amargura, exclamando a findar: “É esta a Mãe-Pátria?”.

A propósito de Manuel Laranjeira, encontramos um tipo de atitude completamente diferente perante a morte (e a vida), bem contrária à de Cortesão, e que está patente no livro de versos *Comigo*, publicado no ano da sua morte (1912), embora seja extensiva a toda a sua obra. Falo de um tipo de “Estados de alma” melancólicos ou variantes particu-lares da melancolia (nostalgia, spleen, acédia, tédio, neurastenia, etc...). A este respeito, citarei de novo Jaime Cortesão, que no livro *A Arte e a Medicina*, que é uma crítica à Nosografia de Antero feita por Sousa Martins, mostra magnificamente que “para fazer o estudo fraccionário de Antero doente é necessário ainda assim estudar *paripassu* o Antero artista e o Antero filósofo”, e ergue o seu protesto sentimental contra Sousa Martins que qualificara Antero de “degenerado hereditário superior”!!! Ao falar de melancolia a propósito de Laranjeira não pretendo portanto imitar a irritante tendência, que continua bem presente, de se querer explicar abusivamente vidas e obras de artistas ou pensadores por qualquer doença real ou imaginária. Por isso falo em “Estados de alma” que é algo muito mais lato e impreciso que qualquer suposta entidade psicopatológica.

Em relação ao melancólico, toda a sua experiência vivida é a de uma lentificação do tempo vital, face à qual a vida exterior parece apresentar um ritmo acelerado e envolta numa comédia sem nexos, falsa e mascarada. Starobinski afirma que é quase sempre o melancólico que denuncia a falsidade do mundo e suas máscaras. Como escreveu Nerval: “Hipocondria melancólica. É um mal terrível. Faz ver as coisas tal como são”. Demasiada lucidez? Auto-afirmação narcísica? Talvez.

O mundo do melancólico é caos, vazio, ruína, ou farsa e vaidade; a escrita, procura de um sentido perdido; tudo, aliás, esta feito, pensado, escrito; tudo chega demasiado tarde.

A melancolia, já no sentido moderno, tem que ver com o vazio de Baudelaire, o conceito de angústia de Kierkegaard, e vai até Walter Benjamin que colocava a sua escrita expressamente sob o signo

de Saturno.

Na ausência de consistência ontológica, de referente primeiro, o mundo oscila no melancólico entre a aparência e a aparição, entre a fruição do prazer e a morte, entre o sonho e a realidade, numa auto-exposição apaixonada de si próprio e das formas (C. Buci-Glucksmann).

Viver para o nada, exclamava Laranjeira. Diante deste nada pode perder-se, lacerar-se, martirizar-se, ficar-se na lamentação lírica ou trágica do “Eu”, interiorizando a morte, como parece ter sido o caso de Manuel Laranjeira. Ele usa frequentemente os termos tédio e melancolia:



Manuel Laranjeira

«A tarde lenta cai. E cai também
uma melancolia venenosa,
meu Deus! que se não sabe donde vem...

E vem como uma sombra vagarosa
que chovesse d'um céu crepuscular...
Vem subindo da terra dolorosa
Como um grande dilúvio de pesar,
como um olhar de dor silenciosa
que tentasse subir para as estrelas
e ficasse disperso pelo ar...»

«Perguntas-me o que tenho? O tédio horrível
de saber que é inútil, desprezível,
a ventura que a gente concebeu...»

«Cheia de tédio e pesar,
responde minh'alma triste: -
O remédio é naufragar...»

«A morte! sempre a morte! em tudo a vejo
tudo m'a lembra! e invade-me o desejo
de viver toda a vida que perdi...

E não me assusta a morte! Só me assusta
ter tido tanta fé na vida injusta
e não saber sequer pr'a que a vivi!»

Um homem em busca da morte, e talvez fascinado
por ela, o autor de “Comigo”.

Concluirei dizendo que o modelo bio-médico, próximo da visão científico-natural, procurando explicar define uma etiologia, faz um diagnóstico, seguem-se o prognóstico e a terapêutica. Este modelo, se permitiu progressos importantíssimos na elucidação e tratamento das doenças, parece hoje inadequado face às novas conceptualizações científicas e às responsabilidades sociais da medicina.

Que atitude médica e/ou psicoterapêutica pode tratar, ajudar ou simplesmente compreender “estados de alma” perante a doença e a morte como as dos exemplos que tentei dar?

Para compreender o significado dos sintomas e da doença para o paciente (ou de simples estados de alma perante a doença e a morte) é talvez preciso um modelo cultural hermenêutico que proceda à reconstrução significativa da doença como realidade do ser que sofre. A atitude terapêutica neste contexto só poderá ser a de ajudar a refazer ou reformular uma determinada experiência pessoal (e nesse sentido única) através da compreensão e de um diálogo sem hierarquias do saber.

A propósito da doença e da morte, e de “estados de alma” a elas ligados, a literatura pode falar (e fala) melhor que a ciência, talvez porque se consegue aproximar de uma experiência total ou pelo menos falar dessa mesma experiência, enquanto a ciência cinde o real para o poder explicar e descrever.

As condições e possibilidades de uma Medicina Dialógica estão em aberto, mas parecem longínquas. O apenas teórico modelo bio-psico-social ou até as correntes psicossomáticas e antropológicas em Medicina são certamente meras aproximações. Talvez possamos apenas sonhar com uma prática médica onde o compreender e o explicar sejam naturalmente complementares. Entretanto, o que afinal continua a preservar a Medicina de soçobrar na tentação e ilusão objectivistas, é o ela ser à partida uma praxis em ligação com um sofrimento globalmente vivido, experimentado por uma pessoa enquanto totalidade concreta.

BIBLIOGRAFIA

BUCI-GLUCKSMANN, CHRISTIANE - "*Le cogito mélancolique de la modernité*". Magazine Litteraire, n° 244, 1987

CORTESÃO, JAIME - "*A Arte e a Medicina - Antero de Quental e Sousa Martins*". : Coimbra, 1910. "*Memórias da Grande Guerra*". Lisboa. Portugália Editora, 1969. (1ª Edição, 1919).

EISENBERG, LÉON E KLEINMAN, ARTHUR - "*The Relevance of social science for Medicine*". D. Reides, Dordrecht, Holland (1981)

LARANJEIRA, MANUEL - "*Commigo*" (Versos d'um solitário) Porto, 1923. (1ª Edição, 1912).

LAIN ENTRALGO, PEDRO - "*Ciência, tecnica y medicina*" Madrid. Alianza Editoral, 1986.

L. ENGEL, GEORGE - "*The need for a New Medical Model; A challenge for biomedicine*". Science, 196 (1977) NAMORA, FERNANDO - "*Retalhos da Vida de um Médico*", (2ª Série). 15ª Edição. Publicações Europa-América, 1989 (1ª Edição 1963)

ROF CARBALLO, JUAN - "*Teoria y Practica psicossomática*". Bilbao. Editora Desclee de Brouwer, 1984.

SERRÃO, JOEL - "*Temas oitocentistas - II*" Lisboa. Portugália Editora, 1962.

STAROBINSKI, JEAN - (Dossier). Magazine Litteraire, n°- 280, 1990.

EPITÁFIOS E CRISÂNTEMOS DA MEMÓRIA

António Branquinho Pequeno*

Na senda dos ensinamentos e das contribuições teóricas do antropólogo americano Gregory Bateson e de seus herdeiros ideológicos da escola de “Palo Alto” da Califórnia, uma atenção particular começou a ser dada às interações familiares e sua circularidade. Este modelo sistémico de abordagem familiar traduz-se essencialmente por um conjunto de regras interagentes reguladas de acordo com o princípio homeostático do equilíbrio e que são induzidas a partir do comportamento dos indivíduos “aqui e agora”, comportamentos para os quais não se procura a causa, a causa originária, mas antes a circularidade interagente.

E quanto aos mortos? Estão os membros “desaparecidos” numa família definitiva e irremediavelmente ausentes? Diz-me que fazes aos teus mortos, dir-te-ei quem és. Eles partiram. O que é insuportável, nomeadamente aqueles que bem conhecemos e amámos. Insuportável porque o sabemos sem apelo, sem remédio, e por outro lado porque essas partidas nos confrontam com a nossa futura e própria partida.

Como conciliar definitiva ausência e desejo de imortalidade, negação e sobrevivência? Como nos imortalizarmos na memória colectiva se nos tornamos nas nossas sociedades inexoravelmente o “Outro”, o que partiu para a terra do Sol Posto?

Creio que através dum sistema de signos, de canais, de rituais e simbologias, que vamos seguidamente procurar pôr em relevo.

Para ilustrar a presença implícita dos “desaparecidos” na vida familiar e comunitária, basta assinalar certas práticas ainda hoje correntes nas regiões rurais e que consistem, no momento do casamento, na obrigação para os noivos, conduzidos pelos respectivos parentes próximos, de passarem pelo cemitério, cada família do seu lado, antes de passarem à igreja.

Para além do carácter desculpabilizante que este acto pode traduzir, é um pouco, neste caso, como se o casamento não pudesse ser celebrado sem a bênção dos desaparecidos, sobretudo se se trata dum pai, dum patriarca, dum ascendente respeitado. Isto para que a coesão e a continuidade do grupo não sofram roturas que possam ameaçar a sua identidade. Assim se consolidam nos momentos privilegiados da vida os laços entre mortos e vivos, passado e futuro.

Por outro lado, o casamento projecta-se no futuro, ele tende a conduzir à constituição dum novo agregado familiar, ele é também a morte de qualquer coisa, uma separação, uma partida, por vezes ressentida como um abandono. De qualquer modo uma segmentação da primitiva “unidade celular”, se esta existia.

Também, em matéria de casamento, de festejos e de prazeres, seria indecente não associar os mortos à festa, porquanto presumimos que eles gostariam bem de a ela se associarem. Os festejos carnavalescos sempre o atestaram ao longo da história e, mais perto de nós, no Carnaval de Basileia ou de Veneza. Em Florença o “Carro Naval” era algumas vezes substituído por um carro mortuário com caixões que se abriam em dado momento.

É também evidente a maneira como, por intermédio dos mortos, se exerce ainda hoje um controlo social e de vizinhança sobre as famílias dos desaparecidos. Refiro-me à conservação das sepulturas pelos familiares, à limpeza dos locais. Os descuidos não serão perdoados. A comunidade aldeã, mais particularmente, saberá tirar as suas conclusões e julgará de acordo com os comportamentos duns e doutros.

Os mortos não morreram pois tão completamente assim, malgrado o ostracismo e a conspiração do silêncio que envolvem as suas memórias. Eles continuam de certo modo exprimindo-se e a interferir na vida colectiva. Pelo nascimento, filhos e netos, reproduzem mesmo o seu nome, as suas identidades, - a tal filho se dará o nome de “José” que era o do avô, a um outro o de “Maria” que era o

* Docente na Universidade “François Rabelais”, Tours, França. Antropólogo Clínico.

nome duma tia desaparecida -, e assim por diante.

Ausências e presenças, morte e reencontro. E que nos dizem os epitáfios, que nos dizem esses textos funerários, essa literatura marginal, que algo do morto pretende conservar, através da escrita?

A etimologia da palavra vem do grego “epi” (sobre) e “taphos” (sepultura). Texto de adeus e de perenidade, memória gravada.

Hoje esta escrita obedece em geral a fórmulas “standard”, patentes em listas, no comércio. A morte foi “domesticada”. O discurso também. Sem esquecer que um texto original custa caro, um preço não acessível à bolsa de todos os mortos.

O epitáfio tornou-se pois hoje tão esquelético e asséptico quanto o próprio morto. Outrora não era tanto assim, como mostrarei mais adiante. Bem mais exuberantes são, em contrapartida, os epitáfios das sepulturas dos cães, mais poéticos, mais humanos talvez e portanto mais mortais. Quem tiver dúvidas acerca disso, basta dar um saltinho ao Jardim Zoológico lisboeta e fazer a leitura das tabuletas (nem em Lisboa, nem em Portugal, tanto quanto eu tenha conhecimento, há cemitérios autónomos para cães). Mortos... no Jardim Zoológico!... Se já não é vida de cão (não é só gente que a tem), é pelo menos... morte de cão!...

Mas voltemos aos humanos. Os epitáfios de hoje são um modelo de sobriedade.

Não são somente razões de ordem económica que conduzem a esse laconismo e a essa estereotipia: a morte tornou-se tabu. Morre-se sem fazer barulho, pianíssimo, também para não perturbar os que cá ficam, que demasiado perturbados já eles andam!!!. Morrer bem, de boa morte, de preferência na sua cama, sem crimes, suicídios ou acidente violento.

No século passado, os epitáfios eram mais prolixos:

“Aqui jaz... filho legítimo de... nasceu em... saiu de casa de seus avós onde fora educado na tenra idade de ... anos e ... meses, viveu sempre incógnito de seus parentes, viveu sempre em boa harmonia com os seus semelhantes, não só em Portugal como no Brasil, como nas Américas espanholas onde residiu por algum tempo, nunca assinou papel algum para perseguir o seu semelhante, cumprindo sempre com a maior prontidão todos os seus pagamentos enquanto negociou. A terra lhe seja leve”.

Lisboa, cemitério dos Prazeres.

Epitáfio, como vemos, com um teor muito desculpabilizante para o morto e provavelmente para os seus familiares (viveu sempre em boa harmonia, nunca fez mal ao próximo e certinho nas contas e pagamentos). Sem esquecer de mencionar que era filho legítimo. Portanto, tudo bem...

Ou ainda este, datado da segunda metade do século passado, onde se misturam considerações morais e sociais: “Oh minha filha modelo de piedade, de candura e de bondade, que durante 17 anos fez a

felicidade da nossa vida. Adeus. Um só pensamento consola teu pai e tua mãe, o de te reencontrar nos céus... a sua alma agradava a Deus, eis porque Ele se apressou a retirá-la do reino da iniquidade”.

Cemitério de Tours, França, 1870

Enfim, este pungente epitáfio, mais recente, de 1979, dolorosamente poético, que também foge à grelha “standard”:

“Teodora porquê tão cedo, talvez porque eras perfeita? por isso não tinhas lugar onde só há egoísmo e maldade

...foi essa terrível doença, foi a morte
viverás sempre nos nossos corações
que te amaram
e conheceram a tua convivência
Teodora da Conceição Correia

eterna saudade de seu marido, sogros, cunhado e sobrinho 1924-1979

(Cemitério de Cascais)

O epitáfio tem à partida uma função de identificação, isto é, o nome que figura na pedra identifica o morto (do latim, “iden”: o mesmo).

A aparição do epitáfio coincide com a existência da civilização da identidade individual (ex: a civilização greco-latina). Atribuía-se ao morto as características individuais que o tinham distinguido em vida.

A partir do século V da nossa era, a preocupação da identidade depois da morte vai-se apagando, desaparece em primeiro lugar o retrato do morto, como se deixasse de haver rosto; depois as inscrições tornam-se cada vez mais raras ao longo da Idade Média. Nem para Carlos Magno houve escrita. Resistiram os epitáfios dos santos, dos papas, de certos notáveis ou figuras carismáticas. Duma maneira geral as grafias tornam-se cada vez mais descuidadas.

A partir do século XI o epitáfio vai reaparecer timidamente, tal como a efígie, que representa a forma do corpo, - mas é só a partir do século XIII, início da era moderna, - que o anonimato perde efectivamente terreno e que o indivíduo aparece em seus contornos com cada vez maior nitidez (sobretudo nos laicos das classes superiores). De igual modo, a sepultura individualiza-se, a arte funerária personaliza-se; é a “morte de si” como nos indica ainda Philippe Aries⁽¹⁾. O povo, esse manter-se-á no anonimato até bem mais tarde, até ao século XVIII.

E hoje? Vejamos alguns aspectos da estrutura e dos estatutos dos epitáfios.

“NOS” E “THANATOS” Como tínhamos sugerido, o morto resiste a morrer, o que não deixa de ser uma

maneira de preparar o “futuro” dos vivos, que desta feita, chegada a hora, não morreriam assim tão completamente.

“Terminaram teus sofrimentos
Que o teu repouso seja doce”
Cemitério de Cossonet - Suíça - (tradução)
ou ainda este:

“À memória de Anne Elie Marie Aurelie de Monmorency, marquesa de Biencourt, nascida a 23 de Abril de 1803 e adormecida na paz do Senhor a 25 de Abril de 1883”

Igreja de Azay - 1º - Rideau Indre et Loire, França.(Tradução)

Aliás, “cemitério”, do grego “Koimeterion”, significa “lugar para dormir”.

O morto adormecido envia-nos à aliança entre “Thanatos” e “Hypnos”, os irmãos gémeos que no mito grego o transportavam, segurando-o, um pela cabeça, o outro pelos pés.

Sabemos também que o finado, não só está dormindo como o faz em paz, sem sobressaltos nem violências, como já referi. Trata-se pois da consagrada fórmula do “requiescat in pace”. Para que as almas penadas não regressem. Estas nunca vêm por bem. Pedem contas aos vivos a toda a hora e culpabilizam-nos.

O sono é pois parente da morte, diz o ditado. Esta recusa da morte, esta necessidade fantasmática de a iludir, inscreve-se naquilo a que Urbain Didier⁽²⁾ chamou a sociedade de conservação, o que os epitáfios seguintes, do cemitério de Oeiras, traduzem:

“Não morreste, ainda te amamos”;
“Como se te tivesses ausentado”.

Dum ponto de vista semiológico-linguístico, de notar o emprego cada vez mais frequente do presente do indicativo na escrita, no discurso dos epitáfios, paralelamente à perda da vitalidade do pretérito perfeito simples, tempo do passado irrevocável. O presente é um tempo sem tempo, a-temporal, por quanto ele exprime tanto o passado (presente histórico) e o presente propriamente dito, como o futuro (ex: “parto amanhã”). Na linguagem corrente ninguém mais diz “partirei amanhã”, o que conotaria um estilo pretensioso. Ora, o imperialismo linguístico do presente do indicativo nos textos funerários dos cemitérios europeus não é anódino: ele favoriza e permite a desciramatização, linguística pelo menos, da morte, e “sacraliza” o morto, que passa a situar-se para além ou para aquém da história, fora dela. Desdramatização que leva a obnubilizar o “acidente” e a inscrevê-lo numa dimensão em que passado e presente se confundem, num território fora do Tempo e das contingências. Fora do Tempo e portanto... da Morte.

A Sociedade da Conservação

Neste deslize do passado para o presente e para utilizar o modelo linguístico e a terminologia de Weinrich,⁽³⁾ trata-se aqui da passagem dos tempos da descrição aos tempos do comentário, o ausente tornando-se desta feita mais presente, ou numa outra fórmula, o ausente ter-se-ia somente ausentado.

O emprego exaustivo do presente do indicativo (e, em francês, do “passé composé” - que é um presente no passado) - na língua dos epitáfios, mesmo nos menos estandardizados, reforçaria assim a necessidade imperiosa da conservação fantasmática do “desaparecido”. O que foi igualmente assinalado, noutros termos por Urbain Didier.

A “escamotagem” do acontecimento traduz-se aliás não só por intermédio deste deslize verbal mas também pela “nominalização” do discurso, como o ilustram os epitáfios sem verbo, sem descrição, sem história, do género “eterna recordação” ou ainda estas fórmulas extremas, que subtraem, à vida e à morte, princípio e fim:

“in lovely memory”,
(cemitério inglês de Lisboa);
ou este outro:
“A foi les fleurs, à nous les pleurs”
(Indre et Loire, França)

Fantasma da conservação também, por quanto a decomposição do cadáver é ao mesmo tempo um insulto e uma ameaça. Em certas sociedades africanas o morto não adquire esse estatuto antes da completa mineralização do corpo. É só nessa altura que se passa às segundas cerimónias fúnebres, que consistem na transladação definitiva dos ossos (a parte nobre) para o jazigo familiar. Esta é também prática corrente dos “Batsileo” e dos “Merina” dos planaltos de Madagascara⁽⁴⁾.

Por outro lado, certos eufemismos são portadores, “et pour cause”, de fortes cargas pulsionais. Eis porque uma atenção particular lhes deve ser dada.

Ora, “desaparecido” é um desses eufemismos da conservação: qual é o estatuto dum desaparecido (le “disparu”, em francês)? Trata-se de alguém pois que ainda não morreu, que participa duma certa indecisão fronteira entre os mortos e os vivos, e que uma vez mais se pretende conservar.

Mármore e Granito

Fantasma da conservação (e da ressurreição?) ainda nos mármore e granito das sepulturas. Estes materiais são nobres e duros. À ameaçadora putrefacção dos corpos opõe-se a dureza e a nobreza destes materiais. A leitura do texto dum catálogo publicitário francês “A arte funerária no granito”, que

não resistimos a tentação de transcrever, é bastante elucidativa a este respeito:

“O granito material nobre de múltiplos “coloris” cristalizado no solo desde há milhares de anos é a rocha natural inalterável utilizada na fabricação dos monumentos apresentados neste catálogo”.

Como vemos, a palavra chave do texto, “inalterável”, equivale metaforicamente à inalterável imagem do morto. Quanto à “cristalização” no solo, ela responde à mineralização do cadáver, à sua “sacralização”, e... ao fim do luto. Com a mineralização o finado entra no eterno “requiescat in pace”.

Enfim, o granito é descrito como uma rocha natural - o que vem corroborar o que acaba de ser dito. Além do mais, a insistência do texto publicitário no carácter natural desta rocha confere ao defunto e à sua nova essência uma particular “naturalidade”.

Quem fala a quem ?

O discurso “alocutório” faz o finado menos ausente, fá-lo mesmo interlocutor. Neste discurso a função de Contacto é mais importante que a função de transmissão da informação, para utilizar a terminologia de Georges Kassai:

1- São geralmente os próximos parentes que se dirigem ao “desaparecido”:

---”anjinho, reza por nós”
(cemitério de Tours, França) -
morte duma criança-

No epitáfio dum outro cemitério lisboeta o destinatário da mensagem é quem passa:

“para caminhante, aqui jazem os restos mortais de ...filha obediente, consorte amável, mãe carinhosa na idade de 36 anos
seu marido inconsolável (1840)”

2- Mais curiosamente, pode ser o “desaparecido” a dirigir-se a quem passa:

--- “sofri demasiado nesta terra, estou feliz por me encontrar por ela coberta”
(cemitério de Saint Lambert des Levées, Saumur, Indre et Loire, França)

Pode haver mesmo intimidação, evidente nos legendários textos da Bretanha profunda:

--- “rezai por nós, finados, porque um dia também o sereis”

ou ainda:

---”arrependi-vos enquanto vivos, pois que para

nós, mortos, já é demasiado tarde”

3- Enfim, Deus tem a palavra:
---”deixai vir a mim as criancinhas, o Céu pertence-lhes”
(cemitério de Tours)- 1863 -(Traduções)

Necessário seria também estabelecer, neste registo da antropologia da morte, uma tipologia dos epitáfios: ricos e pobres, civis e militares, casados e solteiros, crentes e ateus, homens e mulheres, novos e velhos.

Contentar-me-ei aqui em destacar alguns aspectos do estatuto.

Da mulher e da criança

Como já foi bem posto em evidência por Urbain Didier “a mulher tem uma identidade restrita... mãe, esposa de senador, de director, etc... sua promoção e qualificação passam pela do homem (boa esposa, boa mãe), o que também já vimos em epitáfio acima citado, e que este outro ilustra:

---”Estelle Naquart
esposa em primeiras núpcias do capitão Apchie em segundas núpcias do tenente - coronel Renouard”
(Cemitério de Nancy - 1845-1928) (Tradução)

Como vemos, aqui a mulher é um epifenómeno ao lado do capitão e do tenente-coronel, só “existe”, ganha sentido, apoiada em seus sucessivos maridos. Ela continua pois a ter na morte o estatuto subalterno que já era o seu em vida. Trata-se da reprodução post-mortem das desigualdades em vida, tema bem conhecido e sobre o qual não me alongarei aqui.

E as crianças?

Elas estão duplamente falecidas nos nossos cemitérios: em primeiro lugar, estão votadas a um ostracismo territorial, confinadas ao cantinho das crianças. Por outro lado, não raramente, nos seus epitáfios apenas figura seu nome próprio. O apelido não é mencionado. Deste ponto de vista elas são mais inexistentes que as mulheres. Aliás, elas são “anjos”, o que significa de certo modo que estão já para lá da “humanidade” ou que não chegaram a atingi-la.

---”Ao voares anjo querido fugiu-nos a felicidade Amor orgulho esperança tudo morreu contigo”
(Cemitério dos Prazeres, Lisboa)

Porque não inumar as crianças no seio dos seus familiares? As razões económico-cemiteriais não são convincentes. O que me parece evidente, embora não fácil de admitir, é que as crianças ocupam já em vida um lugar à parte, marginal. Vistas como adultos

em miniatura, em geral elas não têm verdadeiro estatuto no xadrez comunitário até chegarem à idade adulta. Os adultos continuam negando um rosto às crianças, continuam negando sua identidade. A Esta cegueira, esta debilidade mental adulta está perdendo no entanto algum terreno, as coisas mudam pouco a pouco, para bem das crianças e dos adultos que serão mais tarde.

A leitura semiológica dos epitáfios revela pois uma recusa da morte e um desejo de “conservar” o morto e sua imagem de marca, valorizativa.

Considero no entanto que, devido justamente ao tabu que pesa sobre a morte, a parte do não - dito, para além e aquém do epitáfio, a parte escondida do iceberg, é bem mais importante. As visitas massivas aos cemitérios no dia 1 de Novembro são em parte a demonstração desculpabilizante desse não dito, desse silêncio ao longo do ano.

Os terapeutas “sistémicos” deveriam pois dar mais atenção ao lugar que continuam a ocupar os mortos

no xadrez das interações dentro da família e na reprodução transgenerativa dessas interações. Uma melhor compreensão dos dados culturais e antropológicos, do peso do “não dito” na morte, ajudará também a melhor situar e compreender a fantasmática interagente no seio destas constelações familiares.

NOTAS

(1) Philippe Aries, cf “Images de l’homme devant la mort”, Ed Seuil, Paris 1983 e “Essai sur l’histoire de la mort en occident”, Ed Seuil, Paris 1975

(2) Urbain Didier, “La société de conservation”, Ed Payot, Paris

(3) Harald Weinrich “Le temps”, Paris (trad. fran.)

(4) A. Branquinho Pequeno “Les morts voyagent aussi... le dernier retour de l’immigré portugais”, Revista “Esprit”, Paris, 1983.